

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE

CURSO DE PSICOLOGIA

ANA LUISA PIRES PADULA

**O MUNDO DE AFRODITE: A INFLUÊNCIA DO CONSUMO DE PORNOGRAFIA
NA VIDA SEXUAL E PESSOAL DE HOMENS CISGÊNEROS HETEROSSEXUAIS,
À LUZ DA PSICOLOGIA ANALÍTICA**

SÃO PAULO

2022

ANA LUISA PIRES PADULA

O MUNDO DE AFRODITE: A INFLUÊNCIA DA PORNOGRAFIA NA VIDA SEXUAL
DE HOMENS CISGÊNEROS HETEROSSEXUAIS, À LUZ DA PSICOLOGIA
ANALÍTICA

Trabalho realizado como exigência parcial do curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Orientadora: Marisa Vicente Catta Preta

São Paulo/SP

2022

Agradecimentos

Aos meus pais, Neyde e Rogério, por me criarem, por estarem sempre comigo, me apoiarem, e por serem as melhores pessoas que eu poderia ter na minha vida;

À minha família como um todo, principalmente meus avós Manoel e Nair, e meu tio Renato, pelo amor e apoio;

À Bela, pelo companheirismo e carinho, e por fazer todos os meus dias melhores;

Ao Bruno pela parceria, amor e amizade. Eu tenho muito orgulho de você e de nós;

À Salete e ao Marcos, pelos cuidados e receptividade;

Aos meus amigos da PUC, principalmente meu grupo querido, ter vocês comigo nessa jornada e nesses últimos cinco anos foi essencial. Eu amo cada um de vocês. Em especial, meus amigos também de analítica, Aninha e Gusta, pela contribuição e ajuda contínua que nos demos nesse período; à Helô, pelas risadas, trocas e momentos juntas; ao Leo, por tudo que nós vivenciamos nesses anos de parceria; às minhas crocudas, Mari, Nati e Bru, por absolutamente tudo;

Aos meus amigos do Arqui, que estão comigo há tanto tempo. Agradeço vocês pela companhia de anos, tão amorosa e presente na minha vida. Em especial agradeço às amigas que me ouviram falar sobre esse trabalho tantas vezes, com tanta paciência, e que sempre estiveram à disposição para me ajudar: Re, Vi, Mari, Fe; à Le, Ju e Isa, pela amizade de uma vida inteira e pela irmandade; ao Rafa, Ivan e Johnny, que me ajudaram quando esse TCC não era nem um projeto ao certo;

Ao meu psicólogo Danilo pelo cuidado semanal e pela escuta atenciosa;

Aos meus professores do Arqui e da PUC pelos ensinamentos e por ajudarem a formar, mesmo que indiretamente, esse projeto;

Ao professor Ricardo Radin, por ter sido o primeiro a acreditar nesse trabalho, e a me incentivar a continuar com esse tema, e me orientar com tanta dedicação no projeto de pesquisa;

Ao professor Guilherme Scandiucci, meu orientador de Iniciação Científica, por ter me ensinado tanto sobre metodologia, teoria, e pela atenção disponibilizada à mim;

À professora Marisa Catta Preta, por ter escolhido meu trabalho para orientar, e tê-lo feito com tanta atenção. Você foi essencial para que esse trabalho se tornasse o que se tornou. Você foi minha primeira professora de Jung, e é muito gratificante encerrar com você esse ciclo. Obrigada por me ajudar a fazer esse sonho se tornar real.

Por fim, aos homens corajosos que toparam abrir parte da sua vida para mim, ao participar desse projeto. Sou eternamente grata a vocês, e espero poder devolver parte da riqueza que vocês me entregaram.

Resumo

7.00.00.00-0 - CIÊNCIAS HUMANAS

7.07.00.00-1 – Psicologia

O MUNDO DE AFRODITE: A INFLUÊNCIA DA PORNOGRAFIA NA VIDA SEXUAL DE HOMENS CISGÊNEROS HETEROSSEXUAIS, À LUZ DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

PROFA. MS. MARISA VICENTE CATTAPRETA - ORIENTADORA

Departamento de Psicodinâmica – Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

ANA LUISA PIRES PADULA – ORIENTANDA

Curso de Psicologia – Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

aninhapadula@hotmail.com

A presente pesquisa tem como objetivo investigar os efeitos do consumo de pornografia na vida pessoal de homens cisgêneros e heterossexuais, maiores de idade. Para isso, foram conduzidas entrevistas semi-abertas com 11 sujeitos, buscando investigar o impacto de tal fenômeno social, tanto na esfera particular, quanto na relação com as parceiras. A análise das entrevistas foi feita a partir da análise simbólica, sob a perspectiva da Psicologia Analítica, para uma apreensão do fenômeno, tanto na esfera social, quanto na esfera coletiva. Concluiu-se que a pornografia apresenta impacto em diversos aspectos na vida dos homens, como na relação com as mulheres, no desempenho sexual, e na relação com a formação de um vício.

Palavras-chave: pornografia; psicologia analítica; masculinidade; fantasia; violência sexual.

Abstract

The present research aims to investigate the effects of pornography consumption on the personal life of cisgender and heterosexual men, of legal age. For this, semi-open interviews were conducted with 11 subjects, seeking to investigate the impact of such a social phenomenon, both in the private sphere and in the relationship with partners. The analysis of the interviews was made from the symbolic analysis, from the perspective of Analytical Psychology, for an apprehension of the phenomenon, both in the social sphere and in the collective sphere. It was concluded that pornography has an impact on several aspects of men's lives, such as in the relationship with women, in sexual performance, and in the relationship with the formation of an addiction.

Keywords: pornography; analytical psychology; masculinity; fantasy; sexual violence.

“Nós somos vividos por poderes que fingimos entender”

-James Hillman

Sumário

1. Introdução.....	p.8
2. Sexualidade e a construção dos gêneros.....	p.11
2.1. A história do sexo e da sexualidade.....	p.11
2.2. O impacto da Igreja Católica e a repressão sexual.....	p.12
2.3. Masculinidades brasileiras: como se dão?.....	p.15
3. A mitologia e a sexualidade.....	p.17
3.1. Afrodite, amor e desejo.....	p.17
3.2. Afrodite e Ares.....	p.18
3.3. O mundo reprimido de Afrodite, frente a Hera.....	p.20
3.4. Dionísio, Apolo, e a construção do homem.....	p.22
4. A dinâmica psíquica e as representações simbólicas na psicologia analítica.....	p.24
5. O fenômeno da pornografia.....	p.27
5.1. O que é a pornografia.....	p.27
5.2. A pornografia no Brasil.....	p.30
5.3. Pornografia como símbolo.....	p.31
6. Objetivo.....	p.33
6.1. Objetivos específicos.....	p.33
7. Método.....	p.34
7.1. Sujeitos.....	p.35
7.1.1. Critérios de seleção.....	p.35
7.1.2. Local de coleta.....	p.35
7.1.3. Cuidados éticos.....	p.35
7.2. Análise dos dados.....	p.36

8. Resultados.....	p.39
8.1. A escola, a infância e a construção da masculinidade.....	p.39
8.2. Educação sexual.....	p.43
8.3. Desempenho sexual.....	p.44
8.4. Relação com as mulheres.....	p.46
8.5. Relação com o vício.....	p.48
8.6. A indústria e suas problemáticas.....	p.50
9. Considerações Finais.....	p.52
10. Referências.....	p.55
11. Anexos.....	p.60
11.1. Questões das entrevistas.....	p.60
11.2. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	p.61
11.3. Transcrição das Entrevistas.....	p.63
11.3.1. Entrevista 1-D.....	p.63
11.3.2. Entrevista 2-R.....	p.69
11.3.3. Entrevista 3-T.....	p.78
11.3.4. Entrevista 4-H.....	p.81
11.3.5. Entrevista 5-M.....	p.84
11.3.6. Entrevista 6-M.....	p.91
11.3.7. Entrevista 7-D.....	p.95
11.3.8. Entrevista 8-L.....	p.98
11.3.9. Entrevista 9-M.....	p.103
11.3.10. Entrevista 10-G.....	p.111
11.3.11. Entrevista 11-P.....	p.114

1. Introdução

Nos últimos anos, o debate sobre a pornografia e sua indústria tem crescido e vem ganhando mais visibilidade. Segundo uma notícia do G1 de 2018, 22 milhões de brasileiros assumem consumir pornografia, e grande parte (76%) são homens (Muraro, 2018). Tal dado traz uma importante reflexão: o que a pornografia tem de tão atraente; e por quê os homens são a grande maioria do público?

Cabe ressaltar que o número de brasileiros que assistem pornografia provavelmente não é correspondente ao apontado pela pesquisa, já que, como o título mesmo mostra, esse número equivale àqueles que admitiram assistir aos vídeos pornô. Os próximos capítulos trabalharão o tabu relacionado à sexualidade e à pornografia, e portanto, deduz-se que muitas pessoas assistem e não admitem para os outros. Em um mundo dominado pelo patriarcado, pela racionalidade e pelos valores religiosos, a sexualidade não ganha espaço, e Afrodite, deusa do amor, da sexualidade e da sensualidade (Bolen, 1990) se vê reprimida, sem espaço, forçada a ir para a sombra, juntamente com os impulsos e desejos que sua imagem representa.

Percebe-se que a maioria dos consumidores são homens. É importante refletir sobre para quem os filmes são feitos, e a quem se destinam. A partir dessas questões, pode-se compreender qual a visão de sexualidade existente do homem e da mulher na nossa cultura.

Segundo Fonseca (2015), sobre os estudos feitos em torno da indústria pornográfica:

A pesquisa tem demonstrado como efeitos da pornografia o facto de esta ser um catalisador da agressividade masculina contra as mulheres (Wright & Randall, 2012) e um motor de objetificação e degradação da mulher e de violência social, principais temáticas no estudo da pornografia [...] (p.12)

Este trabalho tem a intenção de causar uma reflexão sobre o consumo da pornografia por homens heterossexuais cisgêneros, e a visão que eles possuem das suas parceiras sexuais. Os próximos capítulos abordarão diversos assuntos tangentes à pornografia e seus efeitos, além de relacioná-los com conceitos da psicologia analítica.

Esse trabalho tem início com breve histórico falando sobre a sexualidade e sua história e construção em nossa sociedade, influenciada pela Igreja Católica, e pelos ideais europeus impostos na época da colonização. Gambini (2000) aponta a imposição dos valores estrangeiros sob os valores indígenas, tal como a relação com a sexualidade e o corpo.

Em seguida, o tema tratado versa sobre a deusa grega da sexualidade, Afrodite, e sobre a repressão sofrida e retratada nessa narrativa. É discorrido em seguida sobre o processo semelhante ocorrido com o deus do êxtase, Dionísio, reprimido em um mundo oposto a si, um mundo apolíneo, como considera Nietzsche (1992).

Em capítulo posterior, a psicologia analítica, de Jung, é retratada como mediadora deste trabalho, ou seja, como a teoria que é ponto de partida para as reflexões aqui apresentadas. Toda a dinâmica psíquica decorrente dessa abordagem irá subsidiar os conceitos de símbolo e complexo cultural, ambos amplamente discutidos nesse trabalho. (JUNG, 2013)

Finalmente, é trazida a pornografia e sua história, desde os inícios, fora do Brasil, como especificamente no país, com a chegada da revista Playboy. Em seguida, é trabalhada a pornografia a partir da perspectiva simbólica, de Jung. Considero a pornografia uma expressão simbólica que mostra a representação da sexualidade numa cultura patriarcal. Para Jung (2017) o símbolo é uma forma do conteúdo reprimido voltar à consciência, porém transformado. A sexualidade, reprimida, manifesta-se em parte na pornografia e nas suas expressões.

No capítulo de metodologia é descrito o percurso da pesquisa, desde a busca pelos sujeitos, até a análise das entrevistas, a partir de um discurso simbólico, como proposto por Penna, enquanto metodologia em psicologia analítica (2009).

Após os capítulos teóricos, serão discutidos os resultados da pesquisa de campo, bem como realizada análise desses dados a partir dos referenciais teóricos pesquisados. Só então nas considerações finais pretende-se unir a pesquisa empírica e os dados teóricos pesquisados com propostas de novos estudos e respondendo a pergunta que se fez nesse trabalho a partir de um objetivo claro que é investigar os

impactos da pornografia na vida de homens cisgêneros heterossexuais, desde os aspectos fisiológicos, até a relação com as mulheres.

2. Sexualidade e a construção dos gêneros

2.1. A história do sexo e da sexualidade.

Quando se fala de sexo, é importante pensar em qual é o ponto de partida para os estudos de tema de tamanha amplitude e significados. A sociedade ocidental tem uma certa forma de ver a sexualidade, fruto de diversas influências e anos de construção histórica. É importante apontar que toda construção social é resultado de diversos discursos e jogos de poder, que ditam as definições (Salles e Ceccarelli, 2010). Portanto, os ideais ao redor da sexualidade já foram ditados por diversos grupos, desde a antiguidade, até os dias atuais.

Por mais que a definição de sexualidade e o olhar sobre ela já tenha se alterado diversas vezes, algo comum é a posição da mulher em relação ao homem na sociedade como um todo; desde a Grécia Antiga a mulher é colocada em um lugar inferior, e sua sexualidade considerada de forma diferenciada na sua expressão social em relação a do homem. Segundo Qualls-Corbett (2002):

Até mesmo na altamente civilizada cultura grega, essas mesmas atitudes existiam, como sucintamente o expressou o sábio Pitágoras: 'Existe o princípio do bem, que criou a ordem, a luz e o homem; e o princípio do mal, que criou o caos, as trevas e a mulher.' Essas novas leis, ou pronunciamentos religiosos, expressam exatamente a antítese das atitudes em relação à mulher e à sua natureza sexual, as quais prevaleceram durante as eras em que a deusa era venerada. (p.58)

Portanto, por mais que a mitologia grega contasse com diversas divindades femininas, importantes e veneradas, a mulher nunca teve o mesmo local de igualdade em relação ao homem; logo, sua sexualidade também não o teve. A filosofia antiga, estoicista, apresentava rígidos princípios, baseados no *logos*, na razão, e portanto, evitando as pulsões sexuais que pudessem vir a existir. O sexo não era visto ainda como natural (Salles e Ceccarelli, 2010).

Sabe-se, além disso, do grande papel que a Igreja Católica teve em influenciar a sociedade ocidental, porém isso será aprofundado em um capítulo posterior. Neste momento, cabe apontar a grande repressão e demonização do sexo, defendida por diversos pensadores da época, como São Tomás de Aquino e Santo Agostinho. A castidade era defendida; até mesmo o sexo dentro do casamento, inicialmente, não era visto como algo positivo; porém, com o passar do tempo, o sexo para procriação

passou a ser suportado pela Igreja, que exigia o controle inclusive das posições sexuais realizadas pelo casal.

Foi com o Iluminismo e com a ascensão da burguesia que o cenário mudou: a sexualidade passou a ser vista como algo natural:

A partir do momento em que o homem é visto como um ser natural, a sexualidade deixa de ser antagônica à espiritualidade, como era o caso na visão religiosa, para tornar-se algo que é próprio do homem e cuja satisfação, dentro do casamento, é sadia, independentemente da reprodução. O Iluminismo coloca a questão das relações entre o instinto e a vontade, e entre o desejo e a virtude de uma forma totalmente nova, sem o moralismo que, até então, marcava a vivência da sexualidade. O homem não é mais entendido como um ser guiado pelos instintos mas, antes, como um ser civilizado capaz de conter-se, no que for necessário, para um valor maior: a sociedade. A nova concepção burguesa do casamento entendia o instinto sexual como algo primordial do sujeito, que deveria ser controlado para ser reutilizado em favor da sociedade (algo bem próximo da concepção freudiana de sublimação). Temos, então, as bases para aquilo que, no final do século XIX, passou a ser chamado de “sexualidade”: não era mais possível pensar o sujeito sem o sexo. (Salles e Ceccarelli, 2010, p.19)

Essa mudança implicou em grandes alterações na sociedade e, em como a sexualidade passa a ser vista. Antes, a sexualidade era demonizada, agora era algo natural. Todo esse processo mostra como as relações de poder influenciam nas normas vigentes; cabe apontar, também, que esse poder nunca foi definido por mulheres, que sempre foram oprimidas pelo patriarcado, tal como a expressão de sua sexualidade.

2.2. O impacto da Igreja Católica e a repressão sexual

É incorreto culpar a Igreja Católica por todos os males causados às mulheres e a sua sexualidade, porém é fato que tal instituição teve grande influência sobre a sociedade ocidental atual, e portanto, também influenciou muito na repressão sexual, especialmente feminina (DANTAS, 2010).

No início, a Igreja tentou impedir toda e qualquer manifestação sexual, e a virgindade foi colocada como ideal a ser almejado, ideal clérigo e santificado. Porém, houve rejeição por grande parte da população, e a Igreja *“promoveu a sacramentalização do casamento a fim de ampliar seus poderes de intervenção na intimidade do casal e trazer a sexualidade para seu domínio.”* (Dantas, 2010, p.704). Dessa forma, o poder da Igreja foi estendido para uma outra parte da sociedade.

O casamento era um ritual principalmente político; normalmente indicava a união entre duas famílias, visando interesses econômicos e ascensão social. Conforme a Igreja foi se colocando em tal cenário, lentamente, o casamento deixou de ser visto apenas como laço político, e começou a ser visto como ritual, divino, que deveria acontecer na presença de Deus. Segundo Dantas (2010):

Era preciso tornar o casamento um sacramento, uma instituição divina, para que a hierarquia eclesiástica pudesse controlá-lo e tivesse plenos poderes sobre ele. Desse modo, o matrimônio foi transformado em monopólio da Igreja católica. Nessa mesma época, o celibato clerical foi regulamentado a fim de que os teólogos tivessem autoridade para normatizar e disciplinar a relação conjugal. O casamento, até então laico e profano, ao ser sacramentado, ficou submetido à tutela do corpo sacerdotal, que adquiriu legitimidade em função da prática da castidade. (p.704)

O sexo, dessa forma, tornou-se parte do casamento, já que a procriação era permitida; qualquer outra forma de sexo, porém, era abominada. Salles e Ceccarelli (2010) chamam atenção, inclusive, para as posições permitidas. A posição do ato sexual classicamente chamada de papai-mamãe, ou seja, com o homem acima da mulher, era a permitida para a procriação; a mulher acima do homem ia contra as ideias da sociedade, pois esta não poderia domar o homem; de quatro era algo muito semelhante ao sexo animal, e portanto, não poderia ser utilizado.

Além da atuação institucional da Igreja, quando se leva em consideração a mitologia católica, a representatividade feminina é pouco extensa e unilateral. A primeira mulher que a bíblia apresenta é Eva, parceira do homem, feita a partir da costela de Adão. Têm-se primeiro essa ideia: a mulher só tem sua existência permitida a partir do homem, por causa dele. Eva será explorada novamente daqui a alguns parágrafos.

Há, porém, indícios de que antes de Eva, Deus criou outra mulher para acompanhar Adão: Lilith. Segundo Koltuv (2017):

Associada à serpente, ao cão, ao asno e à coruja, à emissão de horríveis sons noturnos, e considerada a alma de todo ser vivo que rasteja, ela foi a primeira mulher de Adão, a fêmea do Leviatã, a mulher de Samael, o Diabo, e do rei Ashmodai, a rainha de Sabá e Zamargad, e até mesmo a esposa do próprio Deus, durante o tempo em que Shekhina esteve no exílio. (p.14)

Lilith, contudo, não atendeu às expectativas. Era rebelde, e segundo Koltuv (2014), negava-se a ser dominada pelo homem. Dessa forma, sua figura foi reprimida e excluída das narrativas modernas. Segundo a mesma autora:

Entre os semitas da Mesopotâmia, ela ficou conhecida como *Lilith*, que, mais tarde, ao confabular com *layil* (a palavra hebraica para noite), tornou-se Lilith, um demônio noturno que agarra os homens e as mulheres que dormem sozinhos, provocando-lhes sonhos eróticos e orgasmo noturno. (p.13)

Há, portanto, o caráter negativo e punitivo da sexualidade, do prazer, como algo demoníaco, que em muito se assemelha à forma como a Igreja Católica reprimiu o sexo e o gozo. Segundo Koltuv (2014):

As forças da sexualidade, do nascimento, da vida e da morte, do mágico ciclo da vida eram, originalmente, governadas pela Deusa. Com o advento do patriarcado, o poder de vida e morte tornou-se uma prerrogativa do Deus masculino, enquanto a sexualidade e a mágica foram separadas da procriação e da maternidade. (p.27)

A vida, a procriação, a pureza: esses aspectos são divinos, do Deus único, bom e venerado. Como apresentado no trecho acima, a sexualidade é reprimida simbolicamente, por meio da negação da deusa. Segundo Qualls-Corbett (2002):

No lugar de Lilith, a bíblia apresenta Eva. Além da submissão à figura de Adão, é Eva quem leva o homem a pecar, quando oferece o fruto proibido, que conseguiu com a serpente do Éden. O erro não parte do homem; parte da mulher, e Adão sofre a punição causada pela parceira. Sob a nova tradição, a mulher tornou-se Eva, a encarnação da sedução sensual, a razão da ruína do homem; ela fora tentada por forças demoníacas e, por sua vez, tentou o homem. Sua simples existência era advertência para os desejos físicos, aos quais era necessário resistir mediante o medo da punição eterna. A prostituição profana continuava a florescer, e a natureza sexual da mulher era associada a ela ou por ela julgada. Tendo deixado de ser vista como dádiva do divino, a sensualidade da mulher passou a ser rebaixada e explorada. As mesmas qualidades pelas quais a mulher fora outrora considerada sagrada, agora vieram a ser a razão pela qual era degradada. (p.54)

A partir do rebaixamento da sensualidade, a Igreja traz uma nova imagem de mulher, que atende aos ideais defendidos: Maria. Mãe do Messias, que engravida por um milagre; ela não cede ao pecado e à sensualidade, seu filho é um presente direto de Deus. Ao mesmo tempo, ela é um veículo por onde o Messias chega ao mundo, ela não é venerada como a responsável pelo nascimento de tal figura. Segundo Qualls-Corbett (2002): *A Trindade era a do patriarcado; Maria pode ser cultuada, mas não adorada, para evitar que ela se torne canal pelo qual a veneração da deusa seja restabelecida*” (p.54). É interessante notar que mesmo a mulher modelo para o cristianismo, livre do pecado da sensualidade, é tirada de um lugar de foco. Ela não é o centro da religião como são as figuras masculinas. Venerar Maria seria abrir uma oportunidade para que todas as deusas, reprimidas, voltassem e impusessem sua

feminilidade. Da mesma forma, Maria não é como uma mulher mundana. Ainda segundo Qualls-Corbett (2002):

Ao longo da época do Renascimento e da Reforma, a repressão da natureza feminina tornou-se mais severa. Os atributos positivos da deusa foram espiritualizados e harmonizados ao da santa Virgem. Grandes catedrais, cuja imensa altura guiava os olhos ao céu, foram erguidas em nome dela. Tais atitudes eram compensadas por atitudes negativas em relação à mulher mundana, a qual era encarada como destrutiva, portadora de pacto com o demônio, ou declarada bruxa. (p.61)

A Igreja Católica possui uma presença muito forte no Brasil, desde a época da colonização e massacre de povos indígenas e africanos, tal como de suas culturas. Como apresentado por Gambini (2000):

O que temos, então, no plano histórico? Um processo que negou a existência dessa dimensão psíquica e que, além disso, operou eficazmente para destruir o que não era possível negar. Estudei esse processo analisando a correspondência dos jesuítas no século XVI para tentar entender o que a catequese dos indígenas representava psicologicamente. Ou seja: não era suficiente que os índios adotassem certos comportamentos ou repetissem certas palavras, era preciso levá-los a renegar sua identidade de origem. (p.24)

Sendo assim, a mitologia e a ideologia patriarcal cristã apresentam grandes influências na maneira como a sociedade brasileira é estruturada, e como a sexualidade é tratada.

2.3. Masculinidades brasileiras: como se dão?

Para se trabalhar a relação do homem com sexo e a sexualidade, é necessário pensar, primeiramente, em quem é esse homem, e em como se deu a construção de sua história. É essencial que se olhe para a história e para o contexto cultural ao se analisar um fenômeno, como por exemplo, a sexualidade. Segundo Caribé (2018):

O desconhecimento, em relação às questões sociais, históricas, étnicas, culturais, pode gerar uma subjetivação excessiva e indevida dos fatos sociais ou um equívoco de compreensão por parte do analista que, no decorrer do processo com seu paciente, pode, muitas vezes, considerar que os sintomas apresentados estão relacionados a um trauma ou a um complexo pessoal, quando, na verdade, o que há por trás é um grande trauma coletivo (p.37)

Quando se fala da história do Brasil, normalmente remete-se à chegada dos portugueses e à ideia de descobrimento do país, o que acaba por anular toda a existência e vida que já existiam no nosso território antes da invasão ocorrida em

1500. Houve uma imposição dos valores europeus, e da dominância dos mesmos sobre a cultura e os corpos indígenas na época da chegada. Segundo Gambini (2000):

O desfalque e o ataque à natureza são nossos sinais de batismo, como o é também a posse da mulher índia pelo branco invasor, de cujo acasalamento resulta, nas reveladoras palavras de Darcy Ribeiro, a protocélula do povo brasileiro: a criação de um híbrido que nunca saberá quem é, porque nem pai nem mãe lhe servirão de espelhos ou modelos de identidade. (p.22)

Dessa forma, é possível afirmar que a história do brasileiro é manchada por estupros e violações desde o início. A sexualidade, portanto, foi imposta de forma agressiva pelos homens portugueses às mulheres indígenas. A violência faz tanta parte da realidade do Brasil, como faz o sexo.

Após o período violento da colonização, a relação de superioridade do homem em relação à mulher continuou, e o histórico de estupros continuou, e continua até os dias atuais. Na época da escravidão, era comum também relações sexuais forçadas entre senhores de engenho e as escravas:

Não só escravos mas também escravas trabalhavam nos moinhos de cana e nos campos, sempre sob vigilância masculina, prestando também serviços domésticos na casa-grande, onde se tornavam presas das aventuras sexuais de seus senhores. (STOLKE, p.20)

A partir da formação de um homem, com uma sexualidade repleta de heranças violentas, torna-se possível indagar sobre o apelo que a pornografia faz a tais assuntos, e como se dá a relação com a sexualidade no geral.

3. A mitologia e a sexualidade

3.1. Afrodite, amor e desejo.

Jung (2014) apresenta a ideia de arquétipos, que podem ser interpretados como padrões comuns à humanidade como um todo, que são herdados e pertencentes ao inconsciente coletivo. Importante destacar que os arquétipos trazem pré-disposições para a formação de imagens e não as imagens em si. Os mitos apresentam diversos arquétipos, histórias que se repetem de diversas formas em diversas culturas, e que podem ajudar na interpretação de inúmeros fenômenos atuais. Campbell (1990) aponta:

Você tem o mesmo corpo, com os mesmos órgãos e energias que o homem de Cro-Magnon tinha, trinta mil anos atrás. Viver uma vida humana na cidade de Nova Iorque ou nas cavernas é passar pelos mesmos estágios da infância à maturidade sexual, pela transformação da dependência da infância em responsabilidade, própria do homem ou da mulher, o casamento, depois a decadência física, a perda gradual das capacidades e a morte. Você tem o mesmo corpo, as mesmas experiências corporais, e com isso reage às mesmas imagens. Por exemplo, uma imagem constante é a do conflito entre a águia e a serpente. A serpente ligada à terra, a águia em vôo espiritual - esse conflito não é algo que todos experimentamos? E então, quando as duas se fundem, temos um esplêndido dragão, a serpente com asas. Em qualquer parte da terra, as pessoas reconhecem essas imagens. (...) É como se a mesma peça fosse levada de um lugar a outro, em cada lugares atores locais vestissem costumes locais e encenassem a mesma velha peça. (p.39)

A mitologia grega é uma das principais heranças da sociedade ocidental, e pode ser usada para a compreensão do mundo, assim como outras mitologias.

Afrodite, deusa grega do amor e do sexo, não tem um surgimento como os outros deuses do Olimpo, que seguem certa ordem cronológica. Existem versões de seu nascimento que apontam para uma união entre Zeus e Dione, mas a versão mais antiga (e mais comum) aponta para o nascimento pelo mar, a partir da espuma formada pela mutilação do titã Urano. Brandão (1986), aponta que a deusa tem raízes asiáticas, e grande parte da sua diferenciação vem desse aspecto:

Como se pode observar, desde seu nascimento até suas características e mitos mais importantes, Afrodite nos aponta para a Ásia. Deusa tipicamente oriental, nunca se encaixou bem no mito grego: parece uma estranha no ninho! (p.217)

A origem dupla da deusa também traz a ela dois aspectos diferentes: a Afrodite Urânia e Pandêmia. Segundo Brandão (1986):

Platão, no Banquete, (...) estabelece uma distinção rígida entre a Pandêmia, a inspiradora dos amores comuns, vulgares, carnais, e a Urânia, a deusa que não tem mãe, (...) e que, sendo Urânia, é (...) a Celeste, a inspiradora de um amor etéreo, superior, imaterial, através do qual se atinge o amor supremo (...). Este "amor urânico", desligando-se da beleza do corpo, eleva-se até a beleza da alma, para atingir a Beleza em si, que é partícipe do eterno. (p. 216)

Portanto, temos dois lados da deusa, um voltado para o amor carnal, o sexual, e o outro, um amor elevado, em nível da alma.

Afrodite está presente em todos os lugares, em todos os tempos. Robles (2019) escreve sobre a deusa:

Seu mito é um dos mais perduráveis porque, ontem e hoje, um mistério indecifrável envolve a deusa da beleza. Tão odiada quanto invocada, Afrodite está sempre presente, sempre à espreita da paixão, sempre sedutora, sempre certa. (p.78)

Casada com Hefesto, Afrodite sempre manteve casos com outras figuras mitológicas, sendo seu principal amante o deus da guerra, Ares; mas a deusa também teve casos com Hermes, Adônis, Dionísio e Zeus. Uma versão dos mitos aponta que o caso extraconjugal que Afrodite teve com Zeus despertou o ciúmes de Hera, esposa do deus, que socou o ventre da deusa do amor, para que o filho não nascesse com a beleza da mãe e o poder do pai. Acontece que da união veio Príapo, que devido a agressão, nasceu com um pênis enorme. Envergonhada, Afrodite abandonou-o em uma montanha (BRANDÃO, 1986)

Mesmo sendo a deusa do sexo, o órgão sexual de seu filho causa sentimentos que levam Afrodite a abandoná-lo, fazendo com que fosse criado fora da civilização grega. Tal vergonha e estranhamento podem ter acontecido pelos ideais presentes no mundo ocidental, patriarcal, onde os princípios do casamento eram mantidos, tendo Hera como deusa representante (BRANDÃO, 1986).

3.2. Afrodite e Ares

Ares, deus da guerra e da violência, foi o principal amante de Afrodite, um de seus maiores amores. Aparentemente opostos, a relação dos dois é muito marcante na mitologia grega no geral (BRANDÃO, 1986).

Barcellos (2019) aponta que os deuses, na mitologia grega, são mais do que histórias: são situações, sentimentos, experiências. Afrodite, portanto, seria a

sexualidade, e Ares a guerra. Sendo assim, o que significa a paixão e a guerra serem amantes?

Tratando os deuses como características, Barcellos (2019) apresenta:

Quando dois ou mais deuses estão em relação, um participa do outro, e com isso, a mitologia não está nos dizendo apenas que um não aparece sem o outro, mas que eles estão 'imbricados' um no outro. (...) Há um Ares dentro de Afrodite. Há uma Afrodite dentro de Ares. E essa é a natureza da relação. (...) Nesse caso específico, é dizer que há amor na guerra e que há guerra no amor, que essas circunstâncias não existem separadas, mas desenham uma relação íntima que exatamente permite-nos entendê-las melhor. (p.41)

Dessa forma, o amor e a guerra não são opostos, eles formam um par. A partir disso, cabe-se pensar na relação existente entre o sexo e a violência, dois aspectos extremamente reprimidos pela sociedade. Ainda segundo Barcellos (2019):

É importante que enxerguemos a repressão desses impulsos, e como os deuses, sendo imortais, continuam presentes neles, porém hoje sem ritualização, e reprimidos, entrando em nossas vidas de forma adoecida. Vejam como toda essa questão da raiva, da fúria, da batalha, do iniciar das coisas, perdeu seu deus e virou violência solta no campo do mundo, das cidades, e como a deusa da beleza, do amor, também reprimida, ficou sem seu campo, e mais, seu campo ficou sem sua deusa. É importante que vejamos isso primeiramente em nossas vidas, de que forma essas duas repressões estão em operação. (p.57)

O amor e a guerra relacionam-se, porém não são a relação oficial um do outro. Apesar de terem inclusive gerado filhos, Afrodite era casada com Hefesto, deus da forja, e Ares era seu principal amante. Portanto, os deuses se relacionam, mas há um aspecto secreto, escondido, da relação entre os dois amantes. Lendo de outra maneira, o amar e a agressividade andam juntos - do mesmo jeito que se diz que o amor e o ódio andam juntos - mas a relação não é pública, não é vista como "sagrada", não é o matrimônio. É interessante pensar o porquê disso; o amor, sempre visto como algo puro, o sexo como algo sagrado e até casto; relaciona-se com a guerra, com a violência, pelo menos em algum grau. O que o sexo possui de violento, e o que a guerra possui de paixão?

A pornografia poderia ser um lugar onde esses dois deuses, reprimidos, encontram-se e manifestam-se de forma extrema, por não poderem se relacionar publicamente, na sociedade. Ambos juntam-se em sua vivência particular e vivenciam suas particularidades. Jung (2013, p.43) refere que os deuses podem se tornar doenças. Assim, cabe a nós revivê-los na sociedade, trazer parte de sua energia para

o consciente, com sua intensidade, seu ardor, para uma vivência saudável e menos sombria.

3.3. O mundo reprimido de Afrodite, frente a Hera.

Hera é casada com Zeus, principal deus do Olimpo, e pertence a um mundo diferente de Afrodite. Segundo Bolen (1990):

Imponente e real, a bela Hera, a quem os romanos conheciam como Juno, era a deusa do matrimônio. Era a cônjuge de Zeus (Júpiter), o deus supremo dos olímpicos, que governava sobre os céus e a terra. Pensa-se que o seu nome signifique "Grande Senhora", a forma feminina da palavra grega herói. Os poetas gregos referiam-se a ela como "olhos de vaca", para elogiar seus olhos grandes e belos. Seus símbolos eram a vaca, a via-láctea, o lírio e a iridescente pena da cauda do pavão, que continha olhos, simbolizando a cautela de Hera. (p.199)

Hera era de fato considerada a deusa do matrimônio. O ato sexual era voltado para procriação, e a instituição casamento era uma parte extremamente importante do seu domínio. O casamento da deusa era sua prioridade, mesmo que isso envolvesse machucar outras pessoas:

A raiva de Hera não era direcionada a seu marido infiel; dirigia-se "à outra mulher" que, na maioria das vezes, tinha sido seduzida, estuprada ou enganada por Zeus; ou se dirigia às crianças concebidas por Zeus, ou ainda aos inocentes espectadores. (Bolen, 1990, p. 201)

Para Robles (2019), qualquer ameaça que existisse ao seu casamento era resolvida pela deusa. A sua ira não era voltada a Zeus, e às suas frequentes traições, e sim às mulheres e crianças. O casamento não podia ser ameaçado, principalmente no mundo patriarcal, o mundo de Zeus. Segundo Robles (2019):

Diferentemente da criminosa Medeia, que assassinou sua rival e a seus próprios filhos antes de abandonar para sempre o marido, Hera se confinava na obscuridade a ruminar seus fracassos ou empreendia longas viagens a fim de recuperar a confiança perdida em consequência de suas torpezas. De volta a seu assento mítico, ali ficava outra vez, entronizada, ciumenta de seus domínios, cuidadosa e furibunda, governando disfarçadamente o marido, conjeturando para confirmar suspeitas, endurecendo as regras de um jogo doméstico astucioso, ofuscada em sua posição e guiada pelos preconceitos da vida em comum, ainda que os fatos provassem que suas atitudes eram a rota mais segura para sua própria infelicidade. (p.50)

É importante pontuar que, além do sonho do casamento, dado como meta para a maioria das mulheres, a união com Zeus também dava poder para Hera; ela habitava o trono, ao lado do Deus dos Céus, e mesmo que isso não lhe desse poder máximo, era algo que a diferenciava das outras divindades (Robles, 2019).

Pode-se notar a grande oposição entre as duas deusas, e como apresentam diversas discordâncias na forma de agir e pensar, desde suas prioridades até suas uniões. Referindo-se à deusa Afrodite, Robles (2019) aponta:

Jamais se importou com a fertilidade, pois para isso existiam as deusas protetoras do matrimônio e da família; tampouco praticou virtudes domésticas, e à sua identidade não corresponde qualquer tipo de amarra. Afrodite é para a liberdade o que o calor significa para a chama. (p.77)

Percebe-se um grande contraponto entre o mundo de Afrodite e o mundo de Hera: o mundo da sexualidade, do amor carnal; *versus* o casamento, moldado no patriarcado, seguindo o modelo de esposa ideal. Afrodite torna-se uma ameaça à Hera, a partir do momento em que abala suas estruturas e defende uma sexualidade própria. Porém, segundo Barcellos (2019) as duas não são antagônicas. Hera precisa de Afrodite; o casamento precisa da paixão e do desejo para prosperar.

Hillman (2007) traz a sexualidade como algo do campo de Afrodite, deusa grega do amor e do sexo, assim como seu filho Príapo. Ambos representam a sexualidade livre, algo que não é visto com bons olhos em um mundo comandado por Hera, deusa do casamento, ou pelas deusas virgens. Hera, esposa de Zeus, enfurecida com Afrodite, bane a sexualidade, proíbe sua expressão e a joga para dentro do lar, apenas focando na procriação.

Woolger e Woolger (2007) concordam com Hillman sobre a expulsão de Afrodite do mundo patriarcal:

Por que, então, é tão confusa a maneira como hoje vivenciamos a sexualidade? Do ponto de vista dos autores deste livro, estamos testemunhando o retorno de um aspecto crucial porém esquecido do feminino, de um poder transcendente que outrora era chamado, em linguagem simbólica, deusa do amor. Banida há muitos séculos, essa deusa e seus irresistíveis encantos podem ser discernidos num contexto muito mais amplo da nova consciência feminina emergente. (p.14)

Os capítulos seguintes tratam da exclusão da sexualidade de Afrodite e suas representações, e na criação do tabu sexual, voltado principalmente para o controle dos corpos femininos, oprimidos pelo patriarcado.

3.4. Dionísio, Apolo, e a construção do homem

Saindo do foco de Afrodite, é necessário pensar também nos modelos de masculinidade descritos pela mitologia, e que se mantêm na sociedade por diferentes formas. O mundo que reprime os instintos, que preza pela ordem e pela medida, em muito se relaciona com o deus Apolo: o modelo de homem ideal, que se adequa ao que é colocado pela ordem vigente, sem exageros. Apolo, com seu brilho, sua presença racional, a conexão com a medicina; que tão bem se adequa ao ideal de Zeus, seu pai. Apolo é o homem que melhor se adapta à sociedade ocidental, organizada e que preza pela medida. Por outro lado, ao se ter Apolo tão em evidência, consciente, é necessário pensar quem é o deus que fica na sombra, que não se adequa. Nietzsche (1992) já trazia Dionísio em oposição a Apolo:

Para nos aproximarmos mais desses dois impulsos, pensemo-los primeiro como os universos artísticos, separados entre si, do sonho e da embriaguez, entre cujas manifestações fisiológicas cabe observar uma contraposição correspondente à que se apresenta entre o apolíneo e o dionisíaco (p.28)

Dionísio, deus do vinho, do teatro, do êxtase; deus que foi criado escondido das raivas de Hera, por ser um filho de Zeus fora do casamento; disfarçado de mulher; deus da transgressão:

Dois fatos aqui expostos chamam logo a nossa atenção. O primeiro deles é a tenaz perseguição da ciumenta Hera contra o filho de Sêmele e o segundo, a morte de Sêmele pelo fogo e a coxa de Zeus como segundo ventre de Dioniso. Quanto ao primeiro, é suficiente lembrar que a inimizade entre o deus do êxtase e do entusiasmo e a rainha dos deuses era um fato consumado no mito grego. (BRANDÃO, 1987)

Assim como Afrodite, qual o espaço que Dionísio tem para se mostrar e se fazer presente na sociedade? Segundo Brandão (1987):

Com seu êxtase e entusiasmo o filho de Sêmele era uma séria ameaça à pólis aristocrática, à pólis dos Eupátridas, ao status quo vigente, cujo suporte religioso eram os aristocratas deuses olímpicos. (p.117)

Tem-se na luz um homem racional, que dificilmente deixa se levar pelo puro prazer, e na sua sombra o homem hiperssexual, que experimenta esse prazer exarcebado. A figura de Dionísio desde o início sofre repressões, já que como menino foi criado escondido dos olhos da sociedade; levando em conta a simbologia da mitologia como um todo, é importante notar que Apolo jamais precisou de tal esconderijo, por estar sempre adequado às vontades e normas sociais. Dessa forma,

é possível ver esses dois tipos distintos de expressões do homem na sociedade. Tipos que se complementam, e não existem sem o outro.

4. A dinâmica psíquica e as representações simbólicas na Psicologia Analítica

Jung criou uma teoria que até os dias atuais é utilizada para explicar e interpretar diversos fenômenos. Neste capítulo serão retomados alguns conceitos.

Primeiramente, a psicologia analítica tem como base a existência de uma psique, com aspectos conscientes e inconscientes. O inconsciente é dividido entre inconsciente pessoal, ou seja, o que está reprimido a partir da vivência de cada pessoa, de traumas, entre outros, formado por complexos, além de conteúdos subliminares; e o inconsciente coletivo, formado por arquétipos que são predisposições para formação de imagens com temas, comuns a toda a humanidade (Jung, 2014).

A partir disso, Jung desenvolveu outros conceitos que fundamentam a psicologia analítica. Esse trabalho pretende dissertar sobre desejo, tabu e assuntos relacionados; portanto, torna-se necessário explicitar o que seria a fantasia para Jung, já que ela se encontra intimamente ligada ao instinto, que como citado nos capítulos anteriores, foi reprimido por valores da sociedade. Para o autor (1991[1971]):

Chegamos, agora, ao segundo ponto de nossa explicação do conceito de fantasia, ou seja, ao conceito de *atividade imaginativa*. A imaginação é a atividade reprodutora ou criativa do espírito em geral, sem ser uma faculdade especial, pois se reflete em todas as formas básicas da vida psíquica: pensar, sentir, sensualizar e intuir. Para mim, a fantasia como atividade imaginativa é mera expressão direta da atividade psíquica, da energia psíquica que só é dada à consciência sob a forma de imagens ou conteúdos, assim como a energia física só pode manifestar-se como estado físico estimulando os órgãos sensoriais de modo físico. (P. 451, §810, grifo pelo autor)

Portanto, para Jung, a fantasia seria uma forma de conteúdos reprimidos manifestarem-se na consciência por meio de imagens. Isso se relaciona com o assunto apresentado anteriormente, sobre a sexualidade: a repressão dos instintos sexuais manifesta-se de alguma forma. Hillman (2007) traz, inclusive, que as imagens são, elas mesmas, instintos. Ou seja, dessa forma, reprimir as imagens, reprimir a fantasia, torna-se um jeito de reprimir os instintos, e se os instintos são reprimidos, a vida instintiva e a fantasiosa tornam-se misturadas. Reprimindo-se a sexualidade e todas as fantasias envolvidas no processo, os instintos são afetados, o que pode dar origem a diversas expressões sexuais.

Sombra, na psicologia analítica, representa os conteúdos reprimidos ou que não condizem com o Ego. Segundo Jung (2013 [1976]):

A sombra constitui um problema de ordem moral que desafia a personalidade do eu como um todo, pois ninguém é capaz de tomar consciência desta realidade sem dispendir energias morais. Mas nesta tomada de consciência da sombra trata-se de reconhecer os aspectos obscuros da personalidade, tais como existem na realidade. Este ato é a base indispensável para qualquer tipo de autoconhecimento e, por isso, em geral, ele se defronta com considerável resistência. (p. 19, §14)

Porém, além da sombra individual, há uma sombra coletiva, presente nas diferentes sociedades, de acordo com os valores morais de cada uma. Segundo Zweig e Abrams (1991): “A sombra, em termos junguianos, é o aspecto escuro da personalidade, o agregado de materiais reprimidos. A sombra individual está inevitavelmente ligada à sombra coletiva” (p.171). Existe o fato, portanto, de que o que é considerado inaceitável para um indivíduo, está diretamente ligado ao coletivo. O ser humano vive em sociedade, e, portanto, é afetado por ela e por seus valores. Ainda segundo os autores:

Enquanto a sombra pessoal é um desenvolvimento inteiramente subjetivo, a experiência da sombra coletiva é uma realidade objetiva a que, de modo geral, damos o nome de "mal". Ao contrário da sombra pessoal, que emite sinais positivos quando envolvida pelo esforço moral, a sombra coletiva não é tocada por esforços racionais e deixa-nos, portanto, com uma sensação de completa e absoluta impotência. Algumas pessoas encontram refúgio contra esse desespero na fé e na obediência aos sistemas de valores absolutos de religiões e ideologias, que historicamente têm oferecido proteção psicológica contra as ameaças do mal que infestam o mundo. Na medida em que esses valores institucionalizados vêm em apoio aos nossos próprios valores, é possível que nos sintamos protegidos contra os efeitos negativos do mal (ZWEIG e ABRAMS ,1991, p.187)

Dessa forma, há o aspecto coletivo da sombra, que é muito mais difícil de ser percebida e agregada do que a pessoal, justamente por não ser “tocada por esforços racionais” (Zweig e Abrams, 1991, p.187). Pode-se dizer, então, que a sexualidade erótica é um dos componentes de tal sombra coletiva, uma vez que não é aceita socialmente.

Como já apresentado, a sombra está intimamente ligada ao inconsciente. Ao invadir a consciência, conteúdos da sombra têm a possibilidade de serem ressignificados pelo ego. Segundo Jung (2013):

Em linguagem moderna esta última projeção significa a conjunção do consciente com o inconsciente: a função transcendental própria ao processo

de individuação. A integração do inconsciente no consciente tem efeito curativo (§672, p.504).

Os conteúdos oriundos do inconsciente sempre chegam à consciência numa expressão simbólica. O símbolo tem diversas funções, e a função transcendente que é sua base, faz com que os conteúdos simbólicos apresentem aspectos conscientes e inconscientes, possibilitando que o ego possa fazer uma síntese e realizar uma transformação. Segundo Jung (2012):

Se os símbolos, de mais a mais, pretendem significar alguma coisa, então se trata de tendências que procuram atingir um fim determinado, ainda não reconhecível e que, em consequência disso, apenas podem ser expressos por meio de analogias. (§332, p.275)

Ainda segundo Jung (2017):

[...] uma palavra ou imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato. Essa palavra ou esta imagem tem um aspecto 'inconsciente' mais amplo, que nunca é precisamente definido ou inteiramente explicado. E nem podemos ter esperanças de defini-lo ou explicá-lo. (p.19)

Portanto, o conteúdo vem de forma nova, simbolizado; o conteúdo reprimido não volta a ser o que já foi. Como se manifesta, então, a sexualidade, reprimida? O que ocorre quando ela volta à consciência, pela pornografia? Seria a pornografia uma expressão simbólica da repressão sexual de nossa sociedade preconceituosa?

5. O fenômeno da pornografia

5.1. O que é a pornografia

A pornografia tem sua origem relacionada com a prostituição, e carrega o estigma que vem junto com a prostituição e as condições de vida, principalmente na Grécia Antiga, de onde vem a etimologia da palavra. Segundo Tricarico (2018):

Pórne, em grego antigo, significava o nível mais baixo de “prostituta”, que podiam ser encontradas em bordéis, tavernas e ruas públicas. A raiz da palavra parece ser conectada com pernēmi, “para venda, para troca”. As prostitutas vendiam elas mesmas e seus corpos, nas condições mais míseras existentes (p.X; tradução livre)

Segundo Suzin (2016), a pornografia pode ser definida como:

[...] a representação sexual visando em especial a excitação erótica de seu público e estando intimamente relacionada com a produção padronizada para um mercado estabelecido (p.4)

Segundo o autor, ela surgiu como *“uma forma de contestar o poder de autoridades religiosas e políticas, por meio de panfletos com imagens pornográficas de sujeitos importantes da sociedade”* (Suzin, 2016, p.4). Pode-se perceber dessa forma que o início da pornografia esteve diretamente relacionado com a vergonha e com uma forma de sabotar diversas autoridades. Porém, ainda conforme o autor, a pornografia como forma de excitação sexual surgiu por volta do século XIX, com o advento do cinema, e com o passar dos anos e com o maior acesso a Internet, a indústria pornográfica cresceu, e assim aumentaram os tipos de pornografia existentes, algumas com conteúdos mais leves, e outras mais pesados e agressivos.

O fácil acesso à pornografia fez com que o consumo pornográfico no geral aumentasse, aumentando também as demandas da indústria. O grande número de vídeos e de sites fez com que o acesso ao prazer e à fantasia fosse muito mais fácil, fazendo com que muitas pessoas desenvolvessem relações disfuncionais com a pornografia. Segundo Suzin (2016), os compulsivos sexuais passaram a conseguir alimentar seus vícios de forma mais abrangente e constante. Estamos nos referindo aqui a ‘vício’ no que se refere a ações compulsórias para se obter o prazer, mesmo que isso resulte em consequências negativas na vida do sujeito, tais como mudanças na vida pessoal, na relação com o parceiro, e mudanças fisiológicas, tais como

disfunção erétil, ejaculação tardia, entre outros. O autor também notou que a maior parte dos compulsivos e viciados em pornografia são homens.

Como apontado por Pinto (2018):

Esse dualismo perpassava todos os aspectos da vida, inclusive o sexual. Os homens gozavam de uma liberdade quase que absoluta para exercer sua sexualidade dentro e fora do casamento. Já as esposas eram rigorosamente controladas por seus maridos e deveriam estar dispostas ao engajamento sexual sempre que seu esposo desejasse procriar (p.9)

Por mais que existisse uma repressão sexual dirigida a todos os indivíduos, relacionada diretamente à reprodução, tal proibição sempre foi muito mais dirigida às mulheres, que, como apontado pela autora acima, serviam às vontades dos maridos, exclusivamente, nunca visando o próprio prazer sexual. Dessa forma, é possível apontar a existência de uma ideia de superioridade masculina sobre a feminina, valorizando a dominância dos homens e de suas vontades. Ainda segundo Pinto (2018):

Nessa lógica cultural, os homens são constantemente reclamados a demonstrar seu poder ativo, a fim de não serem classificados como dominados. Sua virilidade se afirma por meio da violência física, insultos, humilhações e mecanismos psicológicos voltados a reforçar suas identidades sociais masculinas e, principalmente, sua potência sexual. (p.11)

Tal demonstração de poder é refletida também nas fantasias e, conseqüentemente, nos vídeos de conteúdo pornográfico. Pinto (2018) aponta que os vídeos normalmente apresentam práticas violentas, muito marcadas por uma resistência da mulher na hora do ato sexual, representada apenas por palavras, mas que na prática ocorre a demonstração de prazer feminino por sons, tais como gemidos. Tal padrão acaba por naturalizar a resistência feminina e conseqüentemente, atos de violência sexual. Há também, ainda segundo a autora, o culto ao prazer e gozo masculino, enquanto o prazer feminino não é demonstrado, fica apenas subentendido:

(...) o ponto alto das cenas pornográficas é o gozo masculino, tornando-o, juntamente com o pênis, a verdade máxima do prazer sexual dentro deste repertório. A lógica pornô está voltada para o deleite masculino e na exposição de seus prazeres. A esse fenômeno, D'Abreu (2013) atribuiu o nome de "culto ao sêmen", enquanto confissão máxima da verdade e do sucesso do ato sexual. É através da ejaculação masculina que se outorga o valor de espetáculo e cumpre-se o propósito ao que verdadeiramente se destina o filme e/ou vídeo pornográfico: a concretização do poder falocêntrico.

Em contrapartida, a mulher, apesar de ser o centro corporificado das cenas, não figura como detentora de poder. Ao contrário, seu orgasmo geralmente permanece invisível, sendo relegado aos gemidos, sons e palavras que expressem seu suposto acontecimento. (p.16)

Pode-se perceber, então, um claro culto ao poder e prazer masculino e a submissão feminina. Dessa forma, o conteúdo pornográfico acaba por atrair, em sua grande parte, homens que podem acabar reproduzindo os padrões mostrados nos vídeos. Segundo Figueiredo (2019), a pornografia pode acabar, inclusive, por fazer com que seus consumidores desumanizem seus respectivos parceiros sexuais quando não estão em um relacionamento com eles, e a desumanização pode acabar por dar margem ao surgimento de práticas violentas e desrespeitosas.

É essencial apontar neste ponto do trabalho que, apesar da importância da sexualidade, tantas vezes apontada anteriormente, a pornografia não reflete as relações sexuais reais. O advento do capitalismo permitiu mais espaço para o campo de Afrodite, monetizando-a, tornando a pornografia uma indústria bilionária, e que, como qualquer indústria, apresenta fortes relações de poder. Segundo Santana; Rubim (2012):

[...] os discursos pornográficos definem papéis fixos para homens e mulheres, sendo elas mercadoria de uso dos primeiros, tendo como significado social que as define como utilizáveis sexualmente, segundo o desejo dos homens. Na pornografia existe sempre a dualidade dominadores X dominadas, ativos X passivas, confirmando a ideia de contrato sexual e mantendo a ordem social estabelecida (...) Dworkin também acredita que a pornografia é, acima de tudo, uma lógica de relações entre os sexos, passível de ser aprendida pelos(as) espectadores(as) na qual a mulher representa a mercadoria, de coisa que se adquire e usa. O grande perigo desta produção é o fato de que, ao homem, não basta apenas o campo da representação, ele quer fazer sexo com aquela mulher vendida pela pornografia. (p.642)

Além disso, os autores também apontam para a pornografia como originando *“realidades e visões de mundo, fazendo que as mulheres tenham a falsa impressão de escolha, quando, na verdade, a decisão cabe apenas ao macho.”* (p.643) Assim a mulher é comparada a uma mercadoria que pode ser adquirida para satisfazer a sexualidade masculina, inclusive na participação em filmes e revistas.

Logo, apesar da importância da liberdade sexual, a pornografia não é o caminho ideal, pelos inúmeros contrapontos entre sexualidade, pornô e violência. Afrodite não deve ser rejeitada e banida como anteriormente, porém pode-se argumentar que a violência e as relações de poder, tão encontradas na pornografia,

não são o melhor retrato da deusa nos dias atuais. Ainda segundo Santana e Rubim (2012):

[...] este é o momento histórico em que as mulheres detêm capital tanto simbólico quanto material para produzir uma arte própria, realmente autoral, capaz de fazer frente às obras misóginas anteriores e esta seria a forma mais contundente de luta contra a objetificação e a violência (p. 646)

Ou seja, pode-se concluir que a pornografia atual, difundida em massa pelos meios tecnológicos, realmente não dá voz às mulheres, e nem reflete as relações sexuais de forma em que todos os gêneros sejam igualmente respeitados e representados.

5.2. A pornografia no Brasil

Atualmente, como já citado anteriormente, o consumo de pornografia tornou-se muito mais acessível com a internet e a possibilidade de sites específicos e guias anônimas. O Brasil, assim como diversos outros lugares, é um país que consome um grande número de pornografia, e segundo dados do site pornô Pornhub, foi um dos 20 países que mais consumiu pornografia em 2018 (CanalTech, 2018). Esses números, inclusive, aumentaram com o fenômeno pandêmico vivenciado mundialmente em 2020 (Jornal USP, 2020). Segundo Borges e de Tilio (2018):

Além disso, acredita-se que 40% das atividades online envolvem algum tipo de conteúdo pornográfico (PARREIRAS, 2012). O Brasil é segundo maior produtor mundial desse material, com mercado consumidor majoritariamente masculino (D'ABREU, 2013). Uma das consequências dessa expansão (de produção, de acesso, e de consumo) é a redução do pagamento pelas cenas realizadas e a precarização do trabalho dos atores e atrizes da indústria cinematográfica pornográfica: as produtoras brasileiras mainstream pagam as mulheres entre mil e dois mil reais por cena gravada, e aos homens entre quinhentos e mil reais por cena gravada, valores que podem aumentar caso as filmagens sejam feitas sem preservativos, com animais, com humilhação, violência ou com outros riscos (DÍAZ-BENTITEZ, 2015). (p.404)

Pode-se notar que a presença da pornografia no Brasil é expressiva, e que há uma grande precarização do trabalho dos atores, e do ambiente de trabalho.

Porém, antes do fenômeno da internet, a pornografia já estava presente no Brasil por outros meios, como revistas. Ribeiro (2016), apontando a história da Playboy:

Acabou por se tornar a principal revista masculina voltada para a formação das identidades dos homens, durante todo o resto do período militar e depois dele, em um sistema no qual seria o único tipo de revista realmente aceita pela grande maioria da sociedade. (p.293)

Dessa forma, é possível afirmar que a Playboy teve participação ativa na formação da masculinidade dos homens brasileiros, sendo um primeiro contato de muitos com a pornografia. Ainda segundo Ribeiro (2016):

Esse leque de representações masculinas traz, por intermédio das revistas, informações importantes sobre as diferenciações sociais, e permite entender melhor os esforços de normatização e ressignificação, assim como as mudanças de convenções sobre sexualidade e gênero. A pornografia nos possibilita mostrar como a sociedade cria um complexo sistema de poder entre o agir, o ver, o ter prazer e o sentir. (p.296)

Uma das categorias influenciadas pelo sucesso das revistas de caráter pornográfico, foi a formação da masculinidade e a representação de poder. A sexualização feminina foi priorizada, mantendo uma diferença entre os gêneros e o machismo já bem estruturado na sociedade brasileira. Logo, torna-se necessário entender o impacto de tal formação na vida dos homens brasileiros que se relacionam com mulheres.

5.3. Pornografia como símbolo

Por fim, é necessário descrever e explicar o que faz da pornografia um símbolo para a sociedade. O símbolo, como apontado anteriormente para Jung (2017), é uma forma do conteúdo inconsciente voltar à consciência, não da mesma maneira pela qual ele se apresentava antes da repressão. A sexualidade é reprimida, e uma das formas que ela volta para a consciência é por meio do conteúdo pornográfico, muitas vezes mais violento do que seria por si só. Segundo Tricarico (2018): *“Pornô é definitivamente um símbolo, como C. G. Jung pretendia: um lugar onde diversos elementos são jogados juntos, referindo-se, fazendo alusões e tentando expressar algo parcialmente indizível (tradução livre)”*.(p.X)

Ainda segundo o mesmo autor:

O pornô é um símbolo complexo dos nossos tempos, aparecendo num momento histórico específico da consciência humana. Pornô é um símbolo e um objeto complexo, imediatamente capaz de evocar as mais fortes reações polarizadas, já que lida com um dos mais poderosos elementos psíquicos, ou seja, a sexualidade. Se pretendemos compreendê-lo, precisamos ir além de polarizações, além de reclamações e louvores. (p. x)

A pornografia desperta diversas reações distintas na sociedade, sendo ao mesmo tempo um desejo e algo repulsivo. Estando intrinsecamente relacionado com a sexualidade, é necessário entender sua simbologia, seus aspectos inconscientes,

para que possa se chegar no que inicialmente foi reprimido, seja a sexualidade, os desejos ou os instintos (HILLMAN, 2007).

Ainda é possível retomar a ideia da pornografia como algo dionisíaco, capaz de transgredir a sociedade apolínea. A mitologia é um instrumento essencial para o entendimento do mundo. Segundo Oliveira (2018):

Os mitos dizem respeito à personificação de elementos materiais e das forças físicas, à personificação de ideias morais, à representação de pessoas significativas para a coletividade, ao aprofundamento da história dos povos e de suas raízes étnicas, a um antropomorfismo primitivo, sempre original e ao mesmo tempo sempre em mudança (p.11)

Os mitos estão diretamente relacionados à alma e suas expressões, por isso é tão essencial o retorno aos deuses, para que se possa compreender os fenômenos atuais.

6. Objetivo

Esta pesquisa tem como objetivo investigar os impactos na vida sexual dos homens cisgêneros com o consumo de pornografia.

6.1. Objetivos específicos:

Analisar a possibilidade de mudanças fisiológicas no homem e na relação com as parceiras sexuais após consumo de pornografia;

7. Método

Para a elaboração dessa pesquisa, foi escolhida a pesquisa e análise pela psicologia analítica, criada por Carl G. Jung. A psicologia analítica é um campo da psicologia que abrange diversos aspectos das vivências e experiências humanas. A teoria junguiana de sombra é um ótimo instrumento de análise de questões sociais. A sexualidade por muito tempo permaneceu na sombra da sociedade, então torna-se necessário agora trazê-la para a consciência, para que possa ser elaborada e agregada. A pornografia pode ser um exemplo de como o que é reprimido pode ganhar força e adquirir aspectos agressivos, se negado por muito tempo. É uma área da psicologia que ainda está sendo muito desenvolvida, mas já existem estudos interessantes sobre a sexualidade e a pornografia, como por exemplo o texto de James Hillman (2007), citado na introdução.

Além disso, segundo Penna (2009), para a pesquisa em psicologia analítica é necessária uma análise simbólica. Ao apontar isso, ela se refere ao significado de símbolo proposto por Carl G. Jung (2013): o contato com o inconsciente só é possível por meio destes, trazendo o material reprimido para a consciência, de forma simbólica.

Levando esses aspectos em conta, e o fato de que a sexualidade e os hábitos sexuais estão na sombra, inconscientes, é necessário simbolizar as vivências dos sujeitos participantes no estudo, e suas relações com o sexo. É claro que não se tentará fazer uma interpretação definitiva dos discursos dos entrevistados, apenas explorar ideias que possam fugir à razão consciente, como apontado pelo autor.

O levantamento bibliográfico feito foi realizado pela internet, revistas e livros, buscando materiais que pudessem ser úteis nessa revisão. Utilizou-se principalmente a plataforma Scielo, e Google Acadêmico. As palavras-chave utilizadas foram: “pornografia”, “psicologia analítica e pornografia”, “dominação e psicologia analítica”, “fantasia”, “fetiche”; “violência sexual”; “masculinidade”.

O método utilizado será de pesquisa qualitativa, utilizando-se de entrevistas abertas. Segundo Bleger (2003):

Na entrevista aberta, pelo contrário, o entrevistador tem ampla liberdade para as perguntas ou para suas intervenções, permitindo-se toda a flexibilidade necessária em cada caso particular. (...) Contudo, a entrevista aberta não se caracteriza essencialmente pela liberdade de colocar perguntas, porque,

como veremos mais adiante, o fundamento da entrevista psicológica não consiste em perguntar, nem no propósito de recolher dados da história do entrevistado. Embora os fundamentos sejam apresentados um pouco mais adiante, devemos desde já sublinhar que a liberdade do entrevistador, no caso da entrevista aberta, reside numa flexibilidade suficiente para permitir, na medida do possível, que o entrevistado configure o campo da entrevista segundo sua estrutura psicológica particular, ou - dito de outra maneira - que o campo da entrevista se configure, o máximo possível, pelas variáveis que dependem da personalidade do entrevistado. (p.3).

Sendo assim, torna-se o melhor método para os objetivos da pesquisa, de analisar o fenômeno do consumo de pornografia e suas consequências, sob a luz da psicologia analítica. A coleta de dados será feita mediante entrevistas abertas, ou seja *“com questões e sequência predeterminadas, mas com ampla liberdade para responder”* (Gil, 2010, p.120), de forma que os participantes possam se expressar da forma que lhes for preferida, mas ainda dentro dos objetivos da pesquisa.

7.1. Sujeitos

7.1.1. Critérios de seleção

Os sujeitos são homens que se autointitulem heterossexuais (que se relacionem sexualmente exclusivamente com mulheres) e cisgêneros (que se identifiquem com o gênero associado com o sexo biológico), maiores de 18 anos, que estejam de acordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e que estavam dispostos a falar sobre seus hábitos em relação à pornografia. O contato com estes foi feito por meio de redes sociais, tais como Facebook e Instagram.

7.1.2. Local de coleta

As entrevistas foram realizadas remotamente, por meio da plataforma Google Meets, devido à situação da pandemia do COVID-19. Foram selecionados 11 sujeitos, que passaram pelas entrevistas. As perguntas da entrevista encontram-se no Anexo 1.

7.1.3. Cuidados éticos

Visando a garantia de cuidados éticos, foi utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo 2), que consta as condições da pesquisa, a utilização dos dados e os possíveis riscos, visando esclarecer todas e quaisquer dúvidas para aquele que quiser participar da pesquisa.

7.2. Análise dos dados

As entrevistas foram transcritas, e o discurso foi analisado, utilizando-se do método sugerido por Penna (2009), referente à análise simbólica. Segundo a autora:

O processamento simbólico arquetípico requer, em primeiro lugar, a articulação das funções da consciência, favorecendo a compreensão psicológica dos fenômenos a partir da perspectiva simbólica arquetípica do paradigma junguiano (PENNA, 2003). Em segundo lugar, esse processamento tem caráter dinâmico, que incluir, conforme proposto por Jung (vol.8), as etapas de tradução, interpretação (hermenêutica) e elaboração do material, as quais transcorrem dialeticamente em sequências de análises e sínteses e demandam uma atitude compatível por parte do pesquisador (p.175).

Ainda segundo Penna (2009):

Na perspectiva simbólica-arquetípica, o evento simbólico é compreendido com base nas causas, na teleologia (finalidade) e na sincronicidade; é analisado e interpretado no entrelaçamento de seus aspectos atuais, históricos e arquetípicos, buscando-se sempre situar seu sentido na totalidade de que faz parte. (p.177)

Desse modo, as entrevistas foram interpretadas de acordo com a sugestão de Penna (2009), ao se pensar nos aspectos atuais da pornografia, arquetípicos e históricos, como parte de um todo; todo do qual o sujeito faz parte, e não pode ser isolado.

Como já citado anteriormente, a pornografia pode trazer muitos aspectos sombrios do indivíduo, portanto parte da análise se dará a partir da busca por tais aspectos no discurso do entrevistado, referente aos vídeos assistidos, aos sentimentos, à frequência, entre outros.

Espera-se que a análise simbólica do discurso possa esclarecer e apontar possíveis influências dos hábitos de assistir pornografia na vida de homens heterossexuais, como outros estudos apontam (Pinto, 2018; Santana et. al, 2012; Suzin, 2016), e as consequências de tal hábito.

As principais obras utilizadas como referência para os resultados e análise são: “Processamento simbólico arquetípico: uma proposta de método de pesquisa em psicologia analítica”, de Penna (2009), “Loucura Cor de Rosa”, de Hillman (2007), no qual o autor traz a questão da pornografia sob um ponto de visto analítico e contemporâneo, relacionando a pornografia com o consumo, e “Lost Goddesses”, de

Tricarico (2018), onde o autor trabalha a pornografia por diversos aspectos e pontos de vista, partindo da psicologia analítica..

Optou-se pela utilização da palavra “relação”, ao se referir à pornografia, ao invés de “uso”. Uma vez que o objetivo da pesquisa consiste em investigar como o hábito de assistir pornografia interferiu e interfere na vida dos entrevistados, acredita-se que a palavra “relação” é mais adequada, pois assim como o sujeito transforma o objeto (vídeo pornográfico), o objeto também transforma o sujeito.

Cronograma

Tarefas/Meses	1º e 2º	3º e 4º	5º e 6º	7º e 8º	9º e 10º	11º e 12º
Submissão do projeto na Plataforma Brasil	X					
Busca pelos sujeitos		X				
Entrevistas		X	X			
Transcrição das entrevistas		X	X			
Redação dos resultados			X	X	X	
Redação da conclusão					X	
Revisão do trabalho						X
Entrega						X

8. Resultados e discussão

Para a análise dos resultados, serão usados trechos das entrevistas com os sujeitos anônimos, transcritas. A partir da análise das entrevistas, foi possível chegar em alguns temas principais que tangenciam a questão da sexualidade e da pornografia na vida desses homens, de forma que se torne mais possível uma visão geral e completa do tema.

8.1. A escola, a infância e a construção da masculinidade

Com base nas entrevistas, foi possível perceber que o primeiro contato com a pornografia por homens normalmente é feito por volta dos 12 anos, a partir da entrada na puberdade, e muitos apontam a escola como o local onde surgiram as primeiras conversas sobre o assunto.

Então, começou, pelo que eu me lembro, por volta dos 11 anos de idade. Aquela coisa de escola, 'né'... onde... tenho quase 30, então eu peguei a época dos DVDs ainda, onde era legal ter DVDs para poder emprestar... e isso gerava até um certo status social. (Entrevista 1)

Eu tinha 12 para 13 anos... meu pai tava fazendo limpeza numa parte de casa que ia ser usada para guardar coisas... tipo, tinha uma garagem que tava cheia de tranqueira, ele ia colocar carro, móvel, começar a desocupar... e ele chamou um carroceiro. Esse carroceiro tinha uma revista pornográfica na carroça dele, e eu roubei a revista do homem. Daí foi a primeira vez que eu conheci pornografia. Foi por meio de uma revista. Eu tinha 12 pra 13 anos. É a idade que realmente se começa, né? A maioria ainda é 11... (Entrevista 2)

Bom, meu primeiro contato foi com 8 anos de idade. Mas assim, assistir mesmo, comecei com 12. E assim, nesse período dos 8 até uns 12, eu fiquei um bom tempo sem ver, porque... na primeira vez foi só uma curiosidade, mas... aí com 12 já foi... já foi um outro nível, não foi só curiosidade. Eu... e... fui um pouco

mais a fundo. A partir dos 12 mesmo que eu comecei a consumir.

(Entrevista 3)

Ah, eu acho que começou mais ou menos como começa, pelo menos eu imagino que começa, a interação de meninos... né... brasileiros. Eu tava, sei lá, na quarta, não, acho que era quinta ou sexta série, né, e aí começa a passar daquela fase de “meninas são nojentas” para “meninas são bonitas” e tal, e aí alguém dos... da classe começa a comentar, e aí surge questões de sei lá, revista playboy, alguma coisa assim, a gente acaba escutando nome de site pornô, Pornhub, XVídeos, outros que eu nem me lembro mais, e acaba indo atrás e procurando né, e foi assim que eu tive meu primeiro contato. Foi... por essas vias que eu acho que eu desenvolvi, né, os meios próprios.

(Entrevista 4)

É... eu tinha por volta de... acho que... 14... 14 não, perdão 15, 15, 16 anos... é... e nesse momento da minha vida, eu tava ali no ápice da... dos hormônios, é bem curioso, porque tanto aquela convivência na escola, ela meio que influencia um pouco, sabe? E a gente fica um pouco, um pouco apreensivo, receoso, porque às vezes a gente conversando com as outras pessoas da nossa idade, elas passaram já por esse processo de início da, da vida sexual, e... e às vezes nem todo mundo, obviamente, tem a oportunidade de viver aquilo e fica muito curioso. Então, eu queria muito viver aquilo, porém eu não tive uma oportunidade tão cedo. Meio que sozinho eu fui procurar saber (...) Mas eu acho que quando eu tive contato real, de acessar site pornô e ir procurar conteúdo de sexo explícito foi mais ou menos nessa faixa etária linkada mesmo com o estímulo sexual, aliado com a masturbação. Então foi mais ou menos aí durante esse contexto, era algo que eu tinha gostado muito, é algo que quando os meninos descobrem a gente, e vai fazendo, e repete, repete, quantas vezes for ali possível, esse momento de

descoberta, se tem uma coisa que a gente desconhece é o limite, a gente extrapola o quanto nosso corpo suporta. (Entrevista 5)

Bom, acho que primeiro contato foi ali por volta dos 11, 12 anos... amigo de escola mostrando alguma coisa, livro, celular, algo no computador, acho que foi algo no computador, que ainda não tava tão difundido isso de smartphone, principalmente ali pelos 11, 12 anos, né, tinha mais os pais... aí um amigo mostrando aqui, falando ali... Acho que foi o primeiro contato. (Entrevista 6)

A primeira vez que eu me lembro assim, acho que foi algum amigo meu da época de escola que disse de algum site, e eu tinha tipo uns 7, 8 anos. E aí, enfim, eu fui ver e foi basicamente daí. (Entrevista 7)

Bom... (pausa) Muito tarde, para falar a verdade. Primeira vez que eu tive contato com algo pornográfico, que eu me lembro... foi um moleque de tudo, sei lá... catorze anos, encontrar umas revistas numa... numa cabine de... de guarita, de rua, sabe? E... era um negócio meio pesado, e eu levei pra casa, minha mãe pegou e me deu uma bronca, falou 'olha, você não precisa disso'. Foi esse o primeiro contato que eu tive, depois, enfim, eventualmente, revista... não é bem pornografia, não colocaria no mesmo... na mesma... É pornografia, mas não colocaria no mesmo... lugar de coisas... explícitas, e tudo mais. O que eu fui ter só... assim, mais de 18 anos. (Entrevista 8)

Era essa.. essa fita eu devia ter o que, uns... uns 12 ou 13 anos, que eu vi né, mas não era... eu vi, mas não era uma coisa que eu tinha acesso né, eu não podia ficar... eu vi, tinha aquela situação ali, via algumas cenas esparsas, não vi o filme inteiro, porque meu irmão também não deixava eu ficar vendo essas coisas, via de relance, né, mas contato, contato mesmo, foi mais

velho, já com uns... sempre mais próximo... uns 14 anos, que começou a ter esses CDs de banca né? (Entrevista 9)

Acho que na adolescência, lá pelos 13 anos... 13, 12, é... assim, como... na nossa cultura o homem é sempre bombardeado, né, por pornografia desde cedo, essa coisa de mostra pra ele, então assim, acesso à Playboy, essas coisas, eu sempre tive porque meus amigos tinham. Eu tinha amigo que com 9 anos tinha assinatura da Playboy, então levava na escola pra mostrar escondido pros amiguinhos. (Entrevista 10)

Acho que, o primeiro contato que eu lembro de ter tido com a pornografia, acho que eu devia ter uns 9 pra 10 anos, foi bem cedo, eu tinha um primo mais velho, e tinha ido passar a tarde na casa dele, e a mãe dele saiu pra comprar alguma coisa pra lanche, ele chamou um vizinho. Aí eles acessaram, e me chamaram pra ver, aí eu vi. Esse foi o primeiro contato que eu lembro de ter tido. (Entrevista 11)

A partir dos relatos, é possível notar que grande parte dos sujeitos sentiu algum tipo de influência para começar a assistir pornografia, por ser homem, seja por algum parente ou por colegas da escola que já haviam tido o primeiro contato. Dessa forma, a masculinidade se constrói a partir das experiências relacionadas ao pornô; logo, a ideia de o que é ser homem fica atrelada com as ideias de dominação da mulher, de virilidade, entre outros. Segundo Tricarico (2018):

O impacto da pornografia nos processos da formação de identidade durante a adolescência, incluindo o desenvolvimento da identidade sexual, pode ser extremo, irrealista, e com uma tendência a dessensibilizar o espectador, o que é algo preocupante. (p.14)

Tal influência durante um período de formação da subjetividade pode acabar por contribuir na construção de uma masculinidade tóxica. Em um geral, os homens são ensinados valores como dominação, e a não demonstrar sinais de fraqueza. Segundo Nascimento et. al (2019):

Atualmente, na sociedade engendrada de marcadores de exploração-dominação, reproduzidas pelo machismo, patriarcalismo e pela heteronormatividade, os homens são educados de maneira cruel, tanto em

relação a outros sujeitos, sejam mulheres e outros homens, como em relação a si mesmo. Pode-se considerar esse processo, como uma verdadeira “espada de dois gumes”, pois por um lado eles têm a ideia de que são privilegiados por essa cultura (criadora de modelos de masculinidade que são constituídos por diversas características), porém por outro lado, são desfavorecidos pela mesma, pois esses modelos são difíceis de ser atingidos e, no momento que um determinado sujeito não dispõe de determinadas características que os colocam como “masculinos de verdade”, eles podem entrar num estado de sofrimento. (p.162)

É importante ressaltar que, mesmo em uma posição social superior às mulheres, há uma grande pressão colocada em cima dos homens, como modelos de masculinidade a serem seguidos. E desde cedo isso é imposto, e o sexo e a dominação são ensinados e reforçados. Segundo Barros e Barbosa (2022):

Crianças e adolescentes, em fase de descobrimento da sexualidade, encontram, nos sites pornográficos, um universo de conteúdos que moldarão o comportamento sexual de forma negativa, tendo em vista que crescem consumindo esse tipo de conteúdo, e não percebem que ali existe violência que foge da realidade; crescem com um comportamento sexual que naturaliza toda a depravação da pornografia. (p.49)

A escola funciona como espaço de trocas entre os garotos, que muitas vezes são introduzidos para a pornografia nesse espaço. Há uma ideia de transgressão das regras, falar sobre sexo não é bem aceito socialmente; e também uma pressão colocada, tanto pela sociedade no geral, quanto pelo meio de convivência direto. A ideia de que homens, para terem sua masculinidade comprovada, precisam falar sobre sexo, querer fazer sexo, e dominar sua parceira sexualmente, é muito difundida desde o início da puberdade masculina.

8.2. Educação sexual

Em uma sociedade que tende a reprimir a sexualidade e suas expressões, há um grande terreno desconhecido quando se trata de educação sexual, relacionada desde métodos preventivos, até o ato sexual em si. A pornografia funciona como um primeiro contato, e até como uma espécie de tutorial, mesmo que acabe não representando fielmente o sexo.

Ah, eu acho que... só foi entender que, sei lá, masturbação e vida sexual é algo que tem que ser aberto de uma forma mais... é... mais sensível com os adolescentes, mas sem ser conservador, ser algo bem aberto e explicativo, né, para que

também ninguém se sinta muito exposto, muito... passível de algum tipo de ataque e tal. (Entrevista 4)

Ah... (pausa) Acho que na questão de ter ideias do que fazer. Mas só. Porque é isso, uma coisa é tá no vídeo, outra coisa é fazer real, mas... Falo “Ah, vi um dia tal coisa num vídeo, vamo testar, vamo tentar?” mas só. Se dava certo ou não, pelo menos valia a tentativa. (Entrevista 10)

Pela fala dos participantes, foi possível perceber que a pornografia funciona como um refúgio para o aprendizado da vida sexual. Segundo Suzin (2016):

Assim, a pornografia serve como uma referência precoce a jovens no caso desse estudo, para as suas relações sexuais e afetivas. A sexualidade quando aparece, ela exige sua realização. Portanto, a precocidade de uma sexualidade baseada em relações desiguais, gera a degradação do outro e de si próprio. (p.20)

Ter um aprendizado pautado na dominação/submissão de um dos gêneros pode trazer consequências no futuro, quando a vida sexual se tornar constante. Barros e Barbosa (2022) apontam:

É fácil encontrar homens e mulheres relatando que antes de sua primeira experiência sexual - por falta de conhecimento e esclarecimentos em casa, diante do grande tabu que é o sexo em algumas famílias - buscaram assistir a filmes adultos para ter uma noção de como deveria ser a relação sexual, e com isso há uma alienação sexual. (p.49)

É notável que os vídeos pornográficos não são o meio mais saudável de se aprender sobre sexo, e não são uma boa referência de prazer e do que fazer/não fazer. A alienação sexual citada acima pode se referir a diversos aspectos, desde sinais de prazer do parceiro, até aspectos mais graves, como consentimento, entre outros. O vídeo, ensaiado, gravado por ângulos específicos, acaba causando uma ideia falsa do que é o sexo, e como praticá-lo.

8.3. Desempenho sexual

Alguns sujeitos também citaram mudança no desempenho sexual, após o consumo de pornografia.

Primeiro foi a questão do desempenho sexual, né... porque eu perdi minha virgindade tarde pelos padrões.... que eu perdi minha virgindade com 21 anos, mas já tinha essa compulsão com a pornografia talvez desde os... 13. E... essa questão do desempenho, impotência... não, impotência não, ejaculação precoce... e complexo com o meu pênis também, que só foi resolvido depois de muitas relações sexuais, e aí entra a última fase que o complexo da pornografia me trouxe, que foi transar com todas as mulheres possíveis. (Entrevista 1)

Olha... uma coisa que eu acrescentaria... Eu... eu sofro com problema de ejaculação precoce, provavelmente eu... eu tomo inclusive medicação... eu realmente não faço a menor ideia se tem alguma influência disso (...) então, tomando medicamento acabou tendo um efeito de ficar... difícil de chegar à finalização, com parceiras, enquanto comigo mesmo, principalmente com o apoio da pornografia, sem pornografia tenho mais dificuldade, em conseguir, tomando o medicamento, a chegar à ejaculação. (Entrevista 6)

Sabe-se que a pornografia pode influenciar em alguns aspectos fisiológicos, como no ato da ejaculação. Postal et. al, 2018, apontam:

[...] alguns destes indivíduos sofrerão mais tarde com o que uma pesquisa de urologia italiana chamou de "anorexia sexual", traduzindo-se em uma dificuldade em ter relações sexuais com um parceiro real. Este quadro pode ser agravado quando os jovens desenvolvem sua sexualidade de forma independente das relações sexuais da vida real. Isto porque, primeiro, os espectadores tornam-se menos sensíveis às imagens pornográficas, então a libido cai e, finalmente, torna-se difícil para obter uma ereção. (p.70)

Há a possibilidade de que o consumo de pornografia acabe reduzindo a sensibilidade aos estímulos sexuais envolvendo outras pessoas, fora dos vídeos. Tal dificuldade em se relacionar pode se expressar tanto por meio da ejaculação precoce, quanto da ejaculação tardia. Pode ser também que a presença da fantasia, sempre atuante no vídeo pornográfico, faça com que a realidade seja menos convidativa e excitante.

Além disso, outro ponto onde a pornografia influencia no desempenho sexual, diz respeito a autoestima dos homens. Os vídeos mostram ereções longas, e performances ensaiadas, que se afastam da realidade. Porém, quando esse é o modelo de referência, é inevitável que muitos homens comparem suas performances com as de atores pornô, tal como o tamanho do órgão genital. O aspecto psicológico é essencial na discussão dos impactos da pornografia na saúde.

Postal et. al (2018) apontam outro aspecto importante da influência da pornografia no desempenho sexual:

Outra consequência já identificada da pornografia é a necessidade da busca de novos estímulos pornográficos cada vez mais extremos para se chegar ao mesmo prazer, sendo uma das causas a mudança anatômica no cérebro. (p.70)

Tal aspecto pôde ser encontrado na fala de alguns dos participantes, como na terceira entrevista:

É... no começo, eu... eram coisas mais leves, sabe? Era (pausa) é que na verdade eu nunca gostei de... daquela pornografia clássica, que é homem com mulher. Eu sempre gostei de algo assim mais light, mas eu... eu já cheguei a buscar coisas bem pesadas, assim né, mãe e filho, padrasto e enteada, sabe? Era... eu já cheguei a... a buscar esses tópicos mas não... não era com frequência, só quando eu tinha muita vontade assim, mas no geral assim eram coisas mais lights, tipo uma mulher sozinha, mulher com mulher também, mas na maioria dos casos era mulher sozinha. (Entrevista 3)

A dessensibilização é algo que muitas vezes acontece quando há bastante contato com o estímulo pornográfico, e o sujeito precisa de conteúdos mais pesados para atingir o nível de prazer que está acostumado a atingir.

8.4. Relação com as mulheres

A pornografia, no geral, retrata mulheres em posições submissas em relação ao homem. Tal influência faz com que muitos homens tenham sua visão sobre as mulheres modificadas.

*Então assim... quando eu comecei a entender o quanto eu sou uma pessoa tóxica, de masculinidade, acho que a pornografia tá muito nisso aí também, tendeu? E uma coisa muito importante, até na minha relação com a minha mãe... que... que assim... quando você coloca a questão das mulheres como um objeto... Obviamente eu não objetifiquei minha mãe na questão sexual, mas na questão de ser uma mulher para me servir. Então eu acho que... várias dessas questões tão incluídas aí... na... nessa luta contra a pornografia. **(Entrevista 1)***

*Por exemplo, se uma mulher tem uma bunda desse tipo mas vista de uma certa posição, se ela tem um rosto assim mas vista de um certo jeito... se quebra essa harmonia do ângulo, parece que a pessoa não tem... ela não tem potencial sexual, entende? De, de... isso ainda não é uma coisa que eu consegui incluir muito bem... É... (pausa) eu lembro que... (tosse) eu passei a olhar mulheres através disso, não através do olhar pornográfico, mas através de um nicho de recorte. **(Entrevista 2)***

*[...] eu começava a ficar nervoso né, eu não conseguia enxergar as mulheres... era um mero objeto sexual, eu não conseguia enxergar as mulheres como seres... Isso afetou principalmente no meu convívio com as mulheres. **(Entrevista 3)***

*[...] com certeza, tipo, eu acho que eu criei algumas ideias, diferentes. Mesmo, sei lá, na vez que eu fui ter minha primeira relação com ela eu vi claramente diferença, de expectativa que você vê e do que aconteceu, então acho que foi mais nesse sentido [...]. **(Entrevista 7)***

*Quando eu era mais novo e tinha um consumo mais assíduo da pornografia, e era muito comum eu sexualizar mulheres com quem eu tinha contato... colegas, primas, e pessoas próximas mesmo. **(Entrevista 11)***

Pelos relatos dos participantes, é possível notar que a pornografia influenciou na maneira em que eles se relacionavam e enxergavam as mulheres, seja no geral, ou as mulheres de sua vida próxima. Existem aqueles que viam as mulheres ao ser redor como objetos sexuais, influenciados pela visão do pornô, inclusive pela visão das câmeras, como apontado na **Entrevista 2**. Em parte, quebra-se a noção do real, visando encaixar a mulher nos moldes que são colocados na pornografia; em ângulos que favorecem.

Mas a objetificação também se dá de outras maneiras, como foi citado na **Entrevista 1**. A objetificação também se dá pela ideia de submissão da mulher ao homem, como inferior e como responsável por atender às vontades masculinas.

É importante que os sujeitos tenham trazido sua atenção para tal aspecto, já que por ser algo naturalizado, nem todos os homens atentam para o lugar em que colocam as mulheres da sua vida. Trazer tal aspecto para a consciência, faz com que seja possível lidar com suas consequências.

8.5. Relação com o vício

Muitas pessoas se consideram viciadas em pornografia, e a relação com o vício apareceu algumas vezes durante as entrevistas.

*Olha, desde 2018 eu entrei nesse processo de interromper o consumo. É extremamente difícil porque eu fui consumidor de drogas, e percebi que a pornografia ocupou o lugar que as drogas usavam, foi uma transferência, por ser mais fácil, mais prático, mais limpo, mais tranquilo, mais anônimo, não tem risco... né, quer dizer, não tem risco de exposição pra você sair pra comprar drogas... não tem o desgaste físico tanto como consumo de drogas. Então, a substituição foi muito fácil, embora eu já consumisse drogas e usasse pornografia ao mesmo tempo, mas a... vamo dizer que... ela... o consumo de pornografia tomou o espaço que seria das drogas. (**Entrevista 2**)*

Eu não to curado ainda, totalmente do meu vício, quando acontece, por exemplo... alguma crise de ansiedade, mas

assim, é só quando acontece algo assim (pausa) que me causa impulso. Aí eu, aí eu vejo. Mas não é... não é todo dia como era antes. (Entrevista 3)

Falar sobre vício pode ser complicado, já que não existem provas de que é possível ser viciado em pornografia (Postal et al, 2018). Porém, “o cérebro de um viciado em pornografia desempenha idênticas atividades neurológicas de usuários viciados em toxicodependentes.” (Postal et. al, 2018, p.71). Dessa forma, é possível afirmar que a pornografia atua de forma semelhante, fisiologicamente, a algumas substâncias. Além disso, deve-se levar em conta o discurso dos sujeitos participantes da pesquisa, que muitas vezes usaram a palavra “viciado” para definir sua relação (ou antiga relação) com a pornografia.

O vício pode se iniciar de forma lenta, muitas vezes como um alívio para momentos de ansiedade (considerando aqui a pornografia alinhada com a masturbação). Considerando o tabu em cima da sexualidade e acima da pornografia, torna-se fácil entender porque muitos indivíduos não procuram ajuda. Há também a impossibilidade de terapia para alguns sujeitos, devido a acessibilidade a recursos financeiros.

A persona, para Jung (2015), é considerada uma máscara social, uma forma do ego se proteger e defender. Cria-se uma persona, um alguém ideal, que diz respeito não à personalidade como um todo, mas apenas a alguns de seus aspectos. Assistir pornografia pode ser parte de uma persona na escola e na infância, uma forma de status social; mas na vida adulta, o vício em pornografia não é bem-visto.

Olha... Eu particularmente tenho um pouco de vergonha... E... também acredito que... eu tenho uma visão também do pessoal da cidade, que são um pouco mais, eu acabo refletindo neles essas coisas que eu vejo, então o que faz eu me sentir mal, que eu gostaria de ser, eu acabo enxergando neles assim, e acabo, às vezes, por mais que seja uma figura meio idealizada do pessoal de lá, acabo fazendo isso. (Entrevista 6)

No trecho acima, é possível ver a pornografia em conflito com a persona desejada, e certa projeção nos colegas de faculdade. Projeção, para Jung (2012):

Conteúdos que talvez tenham sido experimentados na esfera do inconsciente eram projetados no objeto; ou melhor: apresentavam-se como algo de objetivo ou como propriedades perceptíveis da natureza e não como acontecimentos que se passavam no interior da alma. (§375, p.61)

O sujeito projeta nos colegas o que ele coloca como ideal para si, mesmo que isso não seja necessariamente real. É difícil enxergar que os conflitos que podem nos afligir, podem ser também os conflitos de diversas pessoas ao redor.

8.6. A indústria e suas problemáticas

A temática da indústria pornográfica também apareceu nas entrevistas. Como consumir algo, sabendo dos dilemas éticos que circundam tal produto?

*As minhas redes sociais 'tá' lá algumas coisas... que eu sou um comunista antipornografia. Eu fiz questão de até... um ponto importante né... quando eu comecei a falar dessas questões, alguns amigos meus, né.... alguns...Falaram assim, "ih, mano, para com isso, isso aí é bobeira, assisto pornô todo dia". Mano, beleza, beleza, mas, pô, sou contra. Claramente não contra quem trabalha, né, mas contra o sistema... Acho que é uma dissociação importante que a gente tem que fazer. E aí com todo mundo que eu posso, eu falo dessa questão da pornografia, entendeu? **(Entrevista 1)***

*[...] e aí eu comecei a ouvir algumas coisas tanto em relação à indústria quanto em relação aos próprios... malefícios na questão de saúde... e... comecei a procurar um pouco mais, e hoje em dia acabo sempre me sentindo culpado, tenho tentado reduzir a frequência [...] **(Entrevista 6)***

A indústria pornográfica é muito expressiva no Brasil, e se difundiu mais ainda com o avanço das tecnologias e *smartphones*. Segundo Tricarico (2018):

O pornô aparentemente existe só para nós. Não existiria pornô, necessidade de gravar ou reproduzir imagens sexualmente explícitas, sem ter em mente o espectador como recipiente final. (...) Em fato, nós não conseguimos entrar em contato com o material pornográfico, apenas nos conectamos por meio da imagem visual. Em paralelo com a redução da experiência sensorial, nós presenciamos a transformação do olho em um órgão sexual. (p.10, tradução livre)

Ao transformar o olho em órgão sexual, entra em questão a insatisfação necessária do cliente, para que ele volte ao site para buscar mais vídeos no futuro. Dessa forma, o indivíduo entra na cadeia da indústria pornográfica. Ainda segundo Tricarico (2018):

Podendo acessar (a pornografia) a qualquer momento, simplesmente conectando à internet, nós somos transformados em voyeurs permanentes, essa transformação sendo essencial particularmente à pornografia, já que a cena de sexo é filmada para o espectador, tendo-o em mente; existe para ele. (...) Cada indivíduo tem sua parte na cadeia de etapas do processo/serviço chamado "pornografia": desde as atrizes e atores até o operador de câmera, do diretor até a equipe, (...) dos criadores de sites até os distribuidores, e assim por diante. (...) O consumidor pode ou não pagar pelo que ele assiste, ainda assim ele completa sua parte do processo, seu trabalho; ele é transformado em um voyeur e colaborador (...) dispensado de sentir-se responsável por todo o processo e suas possíveis consequências. (p.23, tradução livre)

Tomar consciência dos malefícios que andam em conjunto com a indústria pornográfica, como os baixos valores pagos aos atores, ou as diversas violências sofridas por muitas mulheres no meio, é uma forma de atuar contra tal sistema, como apresentado pelos sujeitos. Além de um autocuidado, é um cuidado que pode ser expandido para além. Claro que a problemática da indústria pornográfica vai para além do individual, não podendo cada um resolver o problema da sociedade sozinho; mas ter consciência é um início de uma possível transformação.

9. Considerações Finais

A partir das entrevistas, torna-se possível concluir que o consumo de pornografia por homens heterossexuais, dependendo da frequência e da relação com o material, pode influenciar em diversos aspectos da vida, desde a esfera fisiológica, até a relacional, amorosa e sexual.

A relação da sociedade ocidental com Afrodite e Dionísio, com o prazer, o sexo, o excesso, está prejudicada. Em um mundo tão governado por regras, aparências, valores ideais, governado por Apolo, por Hera, qual o espaço que se tem de fato para essas discussões? Para que os sujeitos possam conversar sobre aspectos da sua vida, que se encontram na sombra, como colocado por Jung (2013), ainda há poucos espaços.

A pornografia coloca em foco toda a herança machista da sociedade patriarcal, representada grandemente (mas não unicamente) pelas religiões monoteístas, que enfocam o grande Deus masculino, e jogam para a sombra as divindades femininas. A mulher continua, no pornô, como submissa, rendida ao homem, tal como na história da nossa sociedade.

A indústria produz os filmes de forma a manter o espectador refém, necessitando de mais conteúdo, consumindo os vídeos, até o ponto em que o sujeito não consegue mais lidar com a vida sem a presença da pornografia. Isso não é algo somente da indústria pornográfica, e sim do sistema capitalista como um todo; porém, a pornografia se esconde da sociedade, por estar atrelada a temas sombrios (sombra não como algo negativo, e sim como representação do inconsciente), como o sexo, o prazer carnal, entre outros.

Nesse ponto, é importante refletir sobre o paradoxo da pornografia: ela existe, é comum, principalmente no meio masculino, porém é negada e colocada como algo que deve permanecer na sombra. Trazer essa discussão para a consciência e elaborar tais questões pode trazer uma verdadeira transformação para o olhar da sexualidade na nossa cultura, de modo que a relação com a sexualidade não fique dependente dos vídeos pornográficos e de seu contexto violento. Ao mesmo tempo que a cultura “permite” tal hábito, os entrevistados parecem não estar felizes com a pornografia e a relação que possui com elas, considerando quase como algo que não

é normal, como se eles estivessem fora de uma curva entre o que é e o que não é aceitável. Novamente, isso mostra como a relação ocidental com o sexo não é algo saudável e bem elaborado.

É necessário falar sobre pornô, é necessário que os que se encontram reféns de tal material tenham espaço para se expressar e falar sobre seus sentimentos, sobre os impactos do vício na pornografia, sem sentir vergonha ou julgamento da sociedade. A pornografia pode se tornar um vício, uma compulsão, que como qualquer outro vício, merece sua devida atenção. Porém, como a pornografia não é conscientemente e abertamente reconhecida pela sociedade, os indivíduos que apresentam conflitos na relação com a mesma ficam desamparados. É preciso normalizar tais debates, em prol de uma sociedade mais saudável e integrada.

A partir das entrevistas, foi possível observar que grande parte dos homens iniciam sua vida sexual na puberdade e adolescência, no período escolar, e por meio da pornografia, que pode trazer diversas consequências negativas. Tendo esse aspecto em vista, é importante pensar na criação e implementação de políticas públicas e planejamentos pedagógicos para tratar sobre o início da vida sexual, de forma consciente e não velada. Dessa maneira, seria possível desenvolver uma relação muito mais naturalizada com a sexualidade, sem a presença de tantos tabus, podendo-se, inclusive, discutir a pornografia.

A discussão sobre a pornografia e seus impactos, sejam eles positivos ou negativos, ainda é nova, principalmente no campo da psicologia. Porém, é um assunto que é necessário nos apropriarmos no futuro, e espera-se que esse trabalho tenha sido um começo para a discussão mais profunda desse assunto. Ao procurar os sujeitos por meio de recomendações e redes sociais, mais de 40 homens entraram em contato, perguntando sobre a pesquisa e se disponibilizando a participar. Infelizmente, devido ao curto tempo da pesquisa, foi necessário restringir o número para as 11 entrevistas que foram realizadas. O número de homens que se interessaram em participar da pesquisa merece destaque, sendo um indicativo da urgência do tema. Observa-se que existem vários homens dispostos a conversar, falar sobre seus vícios, sobre pornografia, sexo e que precisam ser escutados.

Buscou-se, por meio deste trabalho, não fazer nenhum juízo de valor sobre a pornografia, sobre o que é certo e errado, e muito menos culpabilizar os indivíduos por algo que é coletivo, construído historicamente. A intenção foi abrir o debate sobre a pornografia, sobre o que está escondido, sobre o sexo, que é algo tão natural, mas tão julgado e “linchado”, sendo ainda um tabu em nossa cultura.

É necessário abrir esse debate, para que as próximas gerações não sofram com a falta de educação sexual, com o desconhecimento sobre sexo, tendo que buscar educação em uma indústria bilionária, que causa tantos males anualmente. E a psicologia, como área comprometida com a humanidade e com a psique, deve estar disponível para tais debates, tanto dentro do contexto clínico, quanto fora dos limites do consultório, aumentando o espaço para a discussão.

10. Referências

BARCELLOS, G. **Mitologias Arquetípicas**. Petrópolis. Vozes, 2019.

BARROS, A. M. D.; BARBOSA, R. N..Indústria pornográfica e a violência oculta contra as mulheres. R.Científica UBM-Barra Mansa (RJ), ano XXVII, v. 24, n.46, 1. Sem. 2022. p.46-56.

BLEGER, J. Temas de Psicologia: Entrevista e Grupos. São Paulo. Martins Fontes, 2003.

BOLEN, J. S. As Deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres. São Paulo. Paulus, 1990.

BORGES, M. T.; DE TILIO, R. Consumo de pornografia midiática e masculinidade. Periódicus, Salvador, n.10, v. 1, nov.2018-abr.2019 – Revista de estudos interdisciplinares em gêneros e sexualidades. Publicação periódica vinculada ao Grupo de Pesquisa CUS, da Universidade Federal da Bahia–UFB. 2018.

BRANDÃO, J. S. Mitologia Grega, Volume I. Petrópolis, Rio de Janeiro, Brasil. Editora Vozes.1986.

BRANDÃO, J. S. Mitologia Grega, Volume II. Petrópolis, Rio de Janeiro, Brasil. Editora Vozes.1987.

CAMPBELL, J.; MOYERS, B. O Poder do Mito. São Paulo. Editora Palas Athena. 1990.

CARIBÉ, T. Caminhos de volta: o retorno consciente às origens. IN. OLIVEIRA, H. Desvelando a alma brasileira: psicologia junguiana e raízes culturais. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes. 2018.

DANTAS, B. S. A. Sexualidade, cristianismo e poder. Estudos e Pesquisas em Psicologia, vol. 10, n.3, setembro-dezembro, p. 700-728 Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Brasil. 2010.

FIGUEIREDO, I. M. **A pornografia e o processo de desumanização de parceiros sexuais**. Lisboa. 2019. Dissertação de mestrado no Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL).

FONSECA, A. S. P. R. **“Trabalham de livre vontade”**: estudo exploratório sobre a realidade da indústria pornográfica **Investigação qualitativa com participantes da indústria pornográfica portuguesa**. Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia, na área de especialização de Comportamento Desviante e Justiça, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Portugal, 2015.

GAMBINI, R. **Espelho-Índio: a formação da alma brasileira**. São Paulo. Axis Mundi: Terceiro Nome. 2000.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5 ed. São Paulo. Editora Atlas, 2010.

HILLMAN, J. Loucura Cor de Rosa ou por que Afrodite leva os homens à loucura com pornografia. **Cadernos Junguianos**, nº03, 2007, p.7-35.

Jornal da USP. **Pandemia agravou os riscos da pornografia e do vício em sexo pela internet**. 2020. (Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/_trashed-6/>> Acesso em: 14/04/2022)

JUNG, C. G. **Símbolos da transformação**. O.C. V. [1973]. 9 ed. Petrópolis. Vozes. 2013.

JUNG, C. G. **Tipos Psicológicos**, O.C. VI. [1971]. 8 ed. Petrópolis. Vozes, 1991.

JUNG, C. G. **Psicologia do Inconsciente**, O.C. VII/1 [1971]. 24.ed. Petrópolis. Vozes, 2014.

JUNG, C. G. **O eu e o inconsciente**, O.C. VII/2 [1971]. 27.ed. Petrópolis. Vozes, 2015.

JUNG, C. G. **O símbolo da transformação na missa**, O.C, XI/3. [1971] 7 ed. Petrópolis. Vozes, 2012.

JUNG, C. G. **Estudos Alquímicos**, O.C, XIII. [1978] 4 ed. Petrópolis. Vozes, 2013.

JUNG, C. G. **Mysterium Coniunctionis, O.C, XIV/2.** [1971] 3 ed. Petrópolis. Vozes, 2012.

JUNG, C. G. **A vida simbólica, O.C. XVIII/1.** 7 ed. Petrópolis, Vozes, 2013.

JUNG, C.G. **O Homem e seus Símbolos.** Rio de Janeiro. Harper Collins, 2017.

KOLTUV, B.B. O livro de Lilith: O Resgate do Lado Sombrio do Feminino Universal. 2ªed. São Paulo. Cultrix, 2017.

MURARO, C. 22 milhões de brasileiros assumem consumir pornografia e 76% são homens, diz pesquisa. **Portal de notícias G1.** 2018. (Acesso em 19/11/2021, 15h29) <<<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/22-milhoes-de-brasileiros-assumem-consumir-pornografia-e-76-sao-homens-diz-pesquisa.ghtml>>>

NASCIMENTO, E. F.; OLIVEIRA, M. L.; FERREIRA, B. O.; MONTE, L. M. I.; PADRÕES IDENTITÁRIOS MASCULINOS: ARMADILHAS PARA O HOMEM JOVEM. In: Anales - Textos completos del VI Coloquio Internacional de Estudios sobre Varones y Masculinidades – Volumen 01. Recife: UFPE, IFF/Fiocruz; Instituto PAPAI, 2019. Organizadores: Benedito Medrado; Jorge Lyra; Marcos Nascimento e Mariana Azevedo.

NIETZSCHE, F. **O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo.** 2ed. São Paulo. Companhia das Letras. 1992.

PENNA, E. M. D. **Processamento simbólico arquetípico: uma proposta de método de pesquisa em psicologia analítica.** Tese de Doutorado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2009.

PINTO, A. D. V. **Pornografia e questões de gênero: um olhar crítico do poder pedagógico das imagens na construção das subjetividades.** Brasília, 2018. Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica, Centro Universitário de Brasília (UniCEUB).

POSTAL, A. S.; SANTIAGO, L. P.; PARADELLA, V. C.; BOSTELMAM, A. A.; CYRINO, L. A. R. **POSSÍVEIS CONSEQUÊNCIAS DA PORNOGRAFIA NA SEXUALIDADE HUMANA.** Vivências. Vol. 14, N.27: p. 66-75, Outubro/2018

QUALLS-CORBETT, N. A Prostituta Sagrada: a face eterna do feminino. São Paulo, PAULUS, 2002.

RIBEIRO, A. F. A pornografia brasileira e a memória esquecida: revistas eróticas e pornográficas na ditadura militar (1964-1985). São Paulo, Unesp, v. 12, n.1, p. 286-307, janeiro-junho, 2016.

ROBLES, M. Mulheres, mitos e deusas. 3.ed. São Paulo. Aleph, 2019.

SALLES, A. C. T. C.; CECCARELLI, P. R. A invenção da sexualidade. **Reverso**. Ano 32, n. 60, p. 15-24, setembro. 2010.

SANTANA, L.M.; RUBIM, L.S. **Feminismo e pornografia: distanciamentos e aproximações possíveis**. In: Miotto, Lucas. "O que há de errado com a pornografia?." *Fundamento* 4, 2012, p. 636-648..

SILVA, R.R. Brasil Continua como um dos 20 países do mundo que mais acessam o Pornhub. **CanalTech**. Publicada em 12 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://canaltech.com.br/internet/brasil-continua-como-um-dos-20-paises-do-mundo-que-mais-acessam-o-pornhub-128985/> (Acesso em 21/12/2021, 17h15).

STOLKE, V. O enigma das interseções: classe, O enigma das interseções: classe, "raça", sexo "raça", sexo, sexualidade. , sexualidade. , sexualidade. A formação dos impérios A formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 14(1): 15-42, janeiro-abril. 2006.

SUZIN, M. H. B. **"Igual a maioria dos viciados, eu disse que ia parar, mas não parei": os impactos do vício em pornografia no cotidiano de homens heterossexuais**. Santa Catarina. 2016. Artigo apresentado como Trabalho de conclusão de Curso – TCC (Curso de Psicologia – Graduação) Universidade do Sul de Santa Catarina.

TRICARICO, G. **Lost Goddesses: A Kaleidoscope on Porn**. Karnac Books Ltda, London. 2018.

WOOLGER, J. B.; WOOLGER, R. J. A deusa interior: um guia sobre os eternos mitos femininos que moldam nossas vidas. São Paulo. Cultrix. 2007.

ZWEIG, C.; ABRAMS, J. (organização). **Ao Encontro da Sombra**. São Paulo. Editora Cultrix, 1991.

Anexo 1: Questões da Entrevista

1. Quando sua relação com a pornografia começou?
2. O que você busca na pornografia?
3. Como é essa relação atualmente? (Frequência, tipo de vídeo)
4. Você sente que a pornografia já interferiu negativamente em alguma esfera da sua vida, sendo sexual, fisiológica ou relacional?
5. E positivamente?
6. Você sente que a sua visão sobre sua(s) parceira(s) sexual(is) foi alterada pelo pornô?
7. Você conversa sobre esse assunto com alguém? Se não, por que?
8. Há algo que gostaria de acrescentar?

Anexo 2: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

O presente estudo tem como objetivo investigar os impactos da pornografia na vida sexual e pessoal de homens heterossexuais cisgêneros, como forma de ter maior entendimento das relações que se dão sob influência dos vídeos e seu conteúdo no cotidiano dos sujeitos. O estudo é parte de um trabalho de conclusão de curso da estudante de psicologia da PUC-SP, Ana Luisa Pires Padula, logo as informações obtidas nas entrevistas não serão usadas com outro propósito, além de complementar os atuais objetivos. Os participantes permanecerão anônimos, sendo sua identidade, portanto, sigilosa.

Ao assinar este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o participante estará afirmando que se enquadra nos pré-requisitos do estudo, citados no parágrafo acima, e que afirma: 1) ser maior de 18 anos; 2) se encaixar nos padrões de sujeito solicitados na pesquisa; 3) está recebendo uma cópia deste termo. A coleta de informações será feita mediante entrevista aberta, e a participação é voluntária. As perguntas podem tocar em pontos íntimos e pessoais, relacionadas à vida e à sexualidade do sujeito envolvido, podendo causar incômodos e o aparecimento de gatilhos. O participante que se sentir incomodado pode se negar a responder alguma pergunta, ou parar no meio da entrevista. Se tiver algum problema decorrente da entrevista, pode procurar a pesquisadora no celular (11) 99355-7610 para conversar, e se necessário, encaminhamento psicológico.

Eu, _____ (nome completo do participante), declaro que sou maior de idade, e que aceito participar do projeto “O mundo de Afrodite: o impacto da pornografia na vida pessoal e sexual de homens heterossexuais cisgêneros sob a luz da psicologia analítica” por livre e espontânea vontade, ciente dos pontos anteriormente citados.

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador

Assinatura do orientado

A Secretaria do CEP-PUC/SP Monte Alegre está localizada no térreo do **Edifício Reitor Bandeira de Mello (Prédio Novo)**, na sala **63-C**, na Rua Ministro Godói, 969 - Perdizes - São Paulo - SP - CEP: 05015-001 Tel./FAX: (11) 3670-8466 | e-mail: cometica@pucsp.br

Anexo 3: Transcrição das entrevistas

Entrevista 1. D. Realizada pela plataforma Meets, dia 31/01/2022, às 14h30

Entrevistadora: Obrigada por estar aqui. Lembrando que você vai permanecer anônimo, e se você quiser parar no meio, ou não quiser responder alguma pergunta, fique à vontade. É importante que você respeite seus limites.

D: Fique tranquila, é algo bem estabelecido já, bem trabalhado.

E: Ok. Vou começar perguntando quando foi que sua relação com a pornografia começou.

D: Então, começou, pelo que eu me lembro, por volta dos 11 anos de idade. Aquela coisa de escola, 'né'... onde... tenho quase 30, então eu peguei a época dos DVDs ainda, onde era legal ter DVDs para poder emprestar... e isso gerava até um certo status social. Na época, o acesso a internet era muito limitado, difícil, e não tinha smartphone ainda... então era uma questão que gerava uma espécie de status, ter DVDs para emprestar. E aí, foi essa época que eu comecei.

E: Hoje em dia você continua consumindo?

D: Não, tem quase dois anos que eu não assisto nada. E se você quiser, eu posso falar sobre o processo.

E: Sim, com certeza. Mas quando você ainda assistia, antes de falarmos sobre o processo de parar, você lembra o que buscava quando assistia? Como foi esse trajeto?

D: Então, eu tinha... na época dos DVDs eu assistia qualquer coisa né? Era o que tinha acesso, porque era o que dava. CineBandTV, que era um programa que acho que qualquer homem acima dos 25 anos assistiu, que era na madrugada de sábado na Band... e era o pornô que hoje passa nas novelas, era aquilo ali que tinha. E depois, quando veio a questão da internet e tudo mais, eu tinha um processo de assimilação. Então, por exemplo, eu via uma mulher na rua que me dava tesão, eu buscava alguma mulher que me lembrasse aquela mulher, ou da minha turma na escola, qualquer coisa

assim, tendeu? E aí eu assistia. Então não tinha um conteúdo específico, apenas uma questão de fetiche... fetiche mesmo.

E: E atualmente você parou de consumir, né? Você quer me contar um pouco sobre como foi parar?

D: Tranquilo. Então, eu assisti um documentário que ele chama “The Mask You Live In”, que é “a máscara em que você vive”... e esse documentário, ele retrata a construção da masculinidade nos Estados Unidos. É um documentário muito completo, que tem psicólogos, neurologistas, professores, vários setores de cientistas, né... e esse documentário falava exatamente sobre a questão que eu vi muito na minha infância e adolescência, que eu vejo muito até hoje... tanto é que ele começa com várias pessoas falando “seja homem”, que é uma frase que a gente escuta muito... e eu super indico, porque ele vai desde a pré-escola até um presídio de segurança máxima com reflexões sobre a masculinidade, né. Então assim, uma das partes mostra vários dados estatísticos sobre a pornografia, sobre a violência causada pelos homens e uma série de coisas assim... e eu fui pesquisar algumas coisas... e.... e aí eu... entre as várias pesquisas que eu fiz, eu juntei alguns processos e fiz o meu, entendeu? Que... eu nunca fui uma pessoa... eu sempre fui uma pessoa muito boa de começar coisas, mas com dificuldade de terminar. Então eu estabeleci um processo, onde eu primeiro passei para sites de fotos... depois eu passei para sites nus, de mulheres nuas, depois fotos sensuais... e aí eu parei, depois.

E: E você teve essa ideia de ir perdendo os estímulos aos poucos como?

D: Então, eu comecei... quando eu vi esse documentário, eu fiquei muito assustado, né? E... pouco tempo... um mês depois eu tava começando a fazer terapia, que consegui um emprego melhor, e aí eu comecei a fazer terapia.... e aí minha psicóloga falava que eu tinha que pesquisar essas coisas, né, que eu tinha que aprender mais, não adiantaria só falar, né? E aí eu pesquisei vários sites e coisas assim de pessoas que pararam com a pornografia... juntei vários modelos, né (risos) fui catando um aqui, falei ‘opa, esse dá pra mim’ e testando... testando também. E assim, felizmente, por ter sido um processo lento, porque assim... de quando eu decidi parar até eu ficar um mês sem nada, nem site, nem fotos sensuais nem nada... foi um ano nesse processo, tendeu? Então foi um processo que ele teve essa progressão... e.... minha

psicóloga recomendou também alguns... algumas coisas... alguns canais de psicologia que falavam sobre a questão de estímulos, né... até ela mandou um artigo pra mim que era sobre compulsão alimentar... né... e a questão de estímulo e tudo mais... e aí eu parei, né. Felizmente, em junho faz dois anos que eu não assisto nada.

E: Parabéns.

D: Obrigado.

E: Mas você sente que a pornografia, quando você assistia, ela já interferiu negativamente em algum aspecto da sua vida, seja sexual, sua relação com as pessoas...

D: (rindo) Teve vários! Vários! Tá com tempo? (rindo) Vamo lá... Primeiro foi a questão do desempenho sexual, né... porque eu perdi minha virgindade tarde pelos padrões.... que eu perdi minha virgindade com 21 anos, mas já tinha essa compulsão com a pornografia talvez desde os... 13. E... essa questão do desempenho, impotência... não, impotência não, ejaculação precoce... e complexo com o meu pênis também, que só foi resolvido depois de muitas relações sexuais, e aí entra a última fase que o complexo da pornografia me trouxe, que foi transar com todas as mulheres possíveis. Eu tive uma fase que eu morava sozinho, ganhava relativamente bem para o momento, transava praticamente todo dia. E aí foi quando eu aceitei a questão do meu pênis e falei 'não, beleza, é normal' e... também comecei a trabalhar a questão da ejaculação precoce, que foi um problema.... que foram questões difíceis de trabalhar, e tem uma questão também, que isso eu só fui identificar bem depois, inclusive depois de ter parado, que é a objetificação da mulher, né, aquela parada. Quando eu comecei a pesquisar essa questão de masculinidades que eu fui ver o quanto que afetou também na minha relação com mulheres... o quanto eu desejava mais determinado tipo de mulheres por determinados padrões, né... e deixava de lado relações assim, muito mais carinhosas e afetivas... por relações mais sexuais, né. Foi uma situação que rolou também... e são coisas que eu sigo trabalhando né (risos) porque, assim, não acaba de uma hora para outra. Então... complexo.

E: E positivamente, você acha que teve alguma influência?

D: Nenhuma. Nenhuma... nenhuma. A única... mas isso não conta... que... a única coisa boa que a pornografia me trouxe foi saber que.... eu achei, hoje, o lugar no mundo onde eu posso lutar por praticamente todas as causas que eu acredito... tudo que eu acredito, eu encontro nessa luta... tudo não! Mas, tá direto ou diretamente ligado a essa luta contra a pornografia.

E: Interessante. Que pautas você diria?

D: Pô... até a própria questão da desigualdade social, né... é uma questão que pega muito... Eu sempre fui uma pessoa muito religiosa... de uns tempo pra cá eu perdi um pouco do contato, mas eu vejo muita hipocrisia na religião, que bate muito por exemplo, na pauta LGBT, na pauta do feminismo... e eu me lembro assim, em 20 e tantos anos de religião assídua... eu tentei até ser padre, mas a igreja não aceitou (risos)... quase nunca se fala sobre a pornografia, né? E a pornografia tá em todos os lugares que a gente vê. Até contei outro dia pra uns amigos meus que eu fui na farmácia, e tinha um cara rolando um grupo de Whatsapp dentro da farmácia, duas horas da tarde, cheio de pornografia, tá ligado? Então assim... quando eu comecei a entender o quanto eu sou uma pessoa tóxica, de masculinidade, acho que a pornografia tá muito nisso aí também, tendeu? E uma coisa muito importante, até na minha relação com a minha mãe... que... que assim.... quando você coloca a questão das mulheres como um objeto... Obviamente eu não objetifiquei minha mãe na questão sexual, mas na questão de ser uma mulher para me servir. Então eu acho que... várias dessas questões tão incluídas aí... na... nessa luta contra a pornografia.

E: Sim, com certeza. Então você sentia que influenciava com as meninas com quem você se relacionava, né?

D: Sim, até amigas inclusive.

E: Então não só no quesito sexual, mas também...

D: Na relação fraterna, de amizade mesmo. É porque é... hoje eu entendo a questão da pornografia como uma representação de poder... É um poder... até quando você assiste um vídeo de submissão masculina, por exemplo... né... existe uma questão ali que a mulher manda claramente, no vídeo, mas no contexto sexual ali... onde tem um abuso que é claramente, nitidamente, masculino. Até quando tem essa questão

de submissão dos homens, as mulheres vão ter uma postura que seria naturalmente de mulheres, mas uma postura socialmente masculina, uma característica socialmente masculina.

E: E hoje em dia você conversa sobre esse assunto com alguém?

D: Com todo mundo (risos) As minhas redes sociais 'tá' lá algumas coisas... que eu sou um comunista antipornografia. Eu fiz questão de até... um ponto importante né... quando eu comecei a falar dessas questões, alguns amigos meus, né... alguns...Falaram assim, "ih, mano, para com isso, isso aí é bobeira, assisto pornô todo dia". Mano, beleza, beleza, mas, pô, sou contra. Claramente não contra quem trabalha, né, mas contra o sistema... Acho que é uma dissociação importante que a gente tem que fazer. E aí com todo mundo que eu posso, eu falo dessa questão da pornografia, entendeu? E assim, até como uma pessoa que hoje tenho uma possibilidade de ter uma conversa... essa conversa que eu to tendo com você, eu tenho com a minha mãe, eu tenho com os meus amigos... onde eu tiver, eu falo claramente dessa questão da pornografia.

E: Eram essas as perguntas que eu tinha para te fazer, se você quiser comentar alguma coisa, fique à vontade.

D: Cara, eu acho, assim, se não fugir do seu tema, seria legal perguntar se a pessoa tem alguma religião, porque aí você pode abordar essa questão em si da religião da pessoa... Porque assim, igual eu te falei, eu estudo história né... a gente vive num país cristão, essencialmente cristão, de maioria cristã... de comportamentos ligados ao cristianismo, mesmo de pessoas que são... que não tem religião, ou que são de outras religiões, é um comportamento cristão... E ver que na religião não se fala sobre isso é uma coisa que, particularmente, isso é uma coisa minha tá? Particularmente, me preocupa muito. Porque assim... hoje crianças de nove anos têm acesso livre... de qualquer idade, têm acesso à pornografia, na palma da mão, tendeu? E assim... eu não fui incentivado pelo meu pai, meu pai é uma pessoa muito fechada, e tal, mas vários tios meus me incentivaram com a questão pornográfica... cheguei a ganhar DVD de tio meu... Que hoje prega a moral e os bons costumes, mas... (risos) Mas assim, eu acho que é uma coisa muito delicada, sabe, pra gente... É um assunto delicado, mas que precisa ser falado, e... assim, com certeza você vai ver muita coisa

na questão do... seu TCC, nessas entrevistas, né, de realidades diferentes, mas que no fim é a mesma coisa: pessoas que tiveram contato muito cedo, que ainda assistem, ou que deixaram de assistir por algum motivo... Inclusive, eu fui casado por três anos, e no meu tempo de casamento eu assistia todo dia. Então acho que é uma coisa que... hoje eu olho pra trás e falo “porra (risos) caralho” né, mas foi. Foi, e minha ex concordava: “ah, já que você assiste, é isso mesmo”.

E: Então, não foi uma questão que atrapalhou no casamento?

D: Não, a gente tinha uma vida sexual muito... a gente tinha uma vida sexual ativa, assim, regular, né? Considerando a questão de trabalho, rotina e tudo mais, era uma vida sexual regular, normal, assim. E... mas assim, né... eu já ouvi casos de gente que terminou relação por causa disso. Uma amiga minha terminou relação porque ela e o namorado não transavam mais... e quando ela ia olhar, só coisa de pornografia no celular dele. Instagram só foto de mulher de biquíni. E uma coisa importante também, eu acho, tá? Que a pornografia, ela tem uma influência direta na questão do padrão de beleza da sociedade, e... até quando não é nitidamente um conteúdo todo pornográfico... por exemplo, eu baixei o TikTok ano passado para assistir futebol, que tava transmitindo. Só que o meu TikTok só aparecia mulher dançando, tá ligado? Eu falei “pô, isso aí é um gatilho, que eu usei lá atrás no mecanismo de substituição. Lá atrás, talvez teria sido legal no mecanismo de substituição... e aí era um gatilho muito forte para eu voltar pra questão pornográfica. E aí eu desativei, desinstalei, entendeu? Mas é uma questão que... é o soft porn que a gente fala, que é delicadíssimo, delicadíssimo... talvez tão perigoso quanto a pornografia mesmo, explícita. Aí são coisas que eu acho que cabe, tanto no meu relato, quanto de você talvez questionar também para outras pessoas que possam ajudar, participar. É isso.

Entrevista 2. R. Realizada pela plataforma Meets, dia 31/02/2022, às 18h30

R: Antes de começar, eu quero falar que eu sou muito interessado no tema, eu pesquiso muito, desde 2018, bastante, várias fontes e muitas fontes aqui, fontes fora... especialmente fora, o debate é muito antigo já, especialmente nos Estados Unidos. E aqui a gente pegou, eu vi muito bem quando começou a crescer o debate no Brasil, sensacional. Porque sempre foi uma coisa que viveu na sombra, né, de repente as pessoas começam a falar. Por enquanto é um nicho pequeno, mas é justamente o nicho que mais precisa discutir, que é a... o público alvo dos sites. Então, vamo lá. Agora você que tem que falar.

E: (risos) Então, só ressaltar que se você se sentir desconfortável em algum momento, quiser parar no meio, não tem nenhum problema. Fique à vontade para lidar com a conversa como for melhor para você. Quando começou sua relação com a pornografia?

R: Você precisa saber a idade...

E: A época da sua vida, como foi...

R: Eu tinha 12 para 13 anos... meu pai tava fazendo limpeza numa parte de casa que ia ser usada para guardar coisas... tipo, tinha uma garagem que tava cheia de tranqueira, ele ia colocar carro, móvel, começar a desocupar... e ele chamou um carroceiro. Esse carroceiro tinha uma revista pornográfica na carroça dele, e eu roubei a revista do homem. Daí foi a primeira vez que eu conheci pornografia. Foi por meio de uma revista. Eu tinha 12 pra 13 anos. É a idade que realmente se começa, né? A maioria ainda é 11...

E: E você consome pornografia atualmente?

R: Olha, desde 2018 eu entrei nesse processo de interromper o consumo. É extremamente difícil porque eu fui consumidor de drogas, e percebi que a pornografia ocupou o lugar que as drogas usavam, foi uma transferência, por ser mais fácil, mais prático, mais limpo, mais tranquilo, mais anônimo, não tem risco... né, quer dizer, não tem risco de exposição pra você sair pra comprar drogas... não tem o desgaste físico tanto como consumo de drogas. Então, a substituição foi muito fácil, embora eu já consumisse drogas e usasse pornografia ao mesmo tempo, mas a... vamo dizer que...

ela... o consumo de pornografia tomou o espaço que seria das drogas. Então, não teve um decréscimo de vício. Eu tive oscilações em que eu tinha menos... dependência ou menos frequência de uso, para frequências mais intensas, depois que eu fui relacionando eu percebi que isso tem muito a ver com estados emocionais, ansiedades muito fortes... então... é isso.

E: Então você acha que era isso que você buscava na pornografia?

R: É isso que eu busco ainda. Agora de maneira diferente, por causa da consciência, né. Então a questão de ter consciência do... do objeto de uso, das motivações, com terapia isso ajuda bastante também, é que o efeito... o efeito, ele não é mais atingido tão facilmente, tendeu? Não é mais possível enganar a mente de que isso é uma fantasia... Na verdade já é perceptível que já tem algo por trás que motiva, que é um incômodo, desconforto emocional... alguma coisa do tipo. Então a pornografia por si só agora, de 2018 pra cá, ela... foi se tornando bastante desagradável nesse sentido... Porque ela foi parecendo o que a droga foi pra mim. Algo que incomoda, algo que me atrapalha, que... que... é um escapismo... é um escapismo mesmo. É um escapismo que justamente onde menos se deveria escapar, que é um enfrentamento de uma realidade, de uma dada situação... a pornografia vem, toma minha... minha... minha consciência muito facilmente.

E: E você sente que a pornografia já influenciou negativamente em alguma esfera da sua vida?

R: Nossa, totalmente. Muitas, muitas situações, que é difícil numerar, porque eu sou consumidor de longo prazo... eu consumo pornografia já tem 30 anos... Então, eu vi todas as fases. A fase de revista, a fase de VHS, DVD... depois as primeiras plataformas, os primeiros sites, que eram muito diferentes do que tem hoje... é que nem a evolução do game. Se você vê a evolução dos videogames, é a mesma coisa, só que foi virando muito... foi virando um universo paralelo, muito forte, quase que um mundo mesmo, um nicho... é... e... essa pornografia mais acessível, moderna, fácil acesso, ela é muito prática no sentido de você pega... a qualquer momento, você pode usar a qualquer momento. Então, você perguntou se já atrapalhou... Nossa! Por exemplo, no estudo, na universidade, tinha que fazer um trabalho... então, almoçava, então aquela questão do horário... "ah corre pro banheiro", pegava o celular e corre

pro banheiro, foda-se o horário, “ah foda-se, não vou conseguir fazer”. Eu deixava de fazer, deixava de fazer, deixava de sair com pessoas, por causa da pornografia. “Ah, porque eu tô gordo demais, ah porque não tô com dinheiro, ah porque a pessoa não vai gostar de mim” eu nem sabia. Por antecipação eu já entendia que não ia dar certo, ou que não funcionaria, ou que a pessoa não ia... sabe? Previa a reação da pessoa que eu talvez nem... né? Mas enfim... isso foi durante boa parte da minha vida, coisas extremamente importantes... eu deixei de sair pra conhecer pessoas sensacionais, ou de namorar, porque tinha medo de me expor... O que que acontece... quando você usa a pornografia dessa maneira, ela provoca aquela descarga emocional, de alívio da pressão... não é pressão sensual, é pressão emocional. Tem que enfrentar uma situação, cê não tem coragem de enfrentar o choque da realidade, de dar de cara com aquilo, a pornografia resolve esse problema. Mas que que acontece: não há o enfrentamento. Essas lacunas de enfrentamento vão se acumulando. É muito mais fácil você fugir, no caso eu, se tornou muito mais fácil eu fugir do que enfrentar situações. Agora imagina, eu falei que começo... comecei com 12, eu tenho 46. É muita coisa. Isso... eu tava fazendo as contas tempos atrás... essas matemáticas macabras... Quantas horas eu devo ter perdido da minha vida? Eu prefiro nem saber. Mas eu comecei a ver... uma estimativa bem grossa, bem grosseira, tá? 30% da minha vida foi perdida nisso. Deixada de viver, coisas que tinha que fazer, viagens, conhecer pessoas, trabalhos... trabalhos de faculdade, progresso na universidade, foi totalmente prejudicado... Eu vou dizer que a pornografia prejudicou em sentido paralelo, não diretamente. Ela é o agente de escape que teria sido a cocaína, teria sido outra coisa... por ser mais prática, mais fácil, mais rápida, mais acessível, e eu já ter assim... o... como que fala? Eu tinha... faltou o nome pra isso... tempos atrás... uma espécie de mentalidade pornográfica. É como se fosse um aplicativo pornográfico na cabeça que já sabe... já tem toda a agilidade de uso, de prática, sabe? Então, assim, ela ativa muito facilmente no corpo... e picos de ereção muito alto, durante muito tempo... muito tempo mesmo, 8 horas, 6 horas, a madrugada inteira. E tem muita gente que fala “ah, a pornografia acaba com a ereção... depende. Aí que é um problema também. E isso responde o que você tá perguntando, inclusive. Porque essa questão de... do problema da ereção, não é que a pornografia vai prejudicar sua ereção no ato de estar se masturbando. Isso pode acontecer também, mas em geral não acontece, porque é um estado tranquilo, confortável, de não enfrentamento. Você tá nas fantasias pornográficas, não há o risco de uma pessoa ver o tamanho do seu

pinto, ou isso, é muito fácil manter ereções grandes e prolongadas. O problema é que você não acredita que você vai ter esse desempenho ao vivo. Então é muito mais fácil começar a negar experiências sexuais, porque você sabe... não vai ter como... a pessoa não age conforme uma atriz pornô, ela não vai fazer aquilo. Você não vai transportar e realizar na vida real, nem vice-versa, o real vai se tornar fantasia, então essa incapacidade de... de... conectar a realidade com essa mentalidade pornográfica, ela é um problema bem grave também, isso é altamente prejudicial na vida. Tipo, não ter relações estáveis, não conseguir... é... encarar novas relações, ou... ou não ter confiança no desempenho sexual ou nem... ou pior, a preocupação excessiva com desempenho, que são duas coisas: você não ter confiança no desempenho é uma insegurança, que ela vem crescendo e tudo mais, mas você ter essa preocupação, essa fixação com desempenho é um problema também, porque parece que joga-se tudo nesse “ah eu não vou conseguir trepar com essa pessoa”, tá, mas e outras coisas? Elas ficam em segundo plano. Então isso prejudica muito o aspecto emocional e afetivo da vida, capacidade de criar relações empáticas, afetivas, isso é um problema que eu comecei a perceber muito em mim e me assustou bastante... porque eu não queria perder isso totalmente, né? Mas é o que acontece.

E: E você acha que ela já teve alguma influência positiva na sua vida?

R: (suspiro e pausa) Estranho, nunca pensei nisso, eu acho. (pausa) Acho que ninguém perguntou ou perguntaria, eu nunca vi essa questão posta assim. Vamos dizer que a partir de 2018, novamente né, sempre esse ano porque foi uma virada de chave na minha cabeça, até antes eu era um consumidor (tosse) inconsequente na maior parte do tempo, mas eu fui começando a ganhar preocupação quando eu senti que estava afetando a minha relação com pessoas, diretamente. Então, em 18 eu comecei a estudar, comecei a ler, ver filme, vídeos, livros, né, artigos pra entender esse mundo... o que é esse mundo da pornografia, né, é um mundo paralelo gigante, imenso, imenso. Eu fui ler perfil de atrizes, da vida delas, como elas viviam fora daquilo, sabe? E... se for ter algo positivo, é que esse mergulho nessa pesquisa, ela... ela... (pausa) me ajudou a entender o aspecto da nossa... da maneira como a gente vive nesse mundo de consumo, de objetificação, sabe? Você pegar um corpo e transformar num objeto de desejo que você descarta a qualquer momento, desconsiderando que tem uma vida nele. Eu vi vários filmes sobre isso, né, filmes que

desmontam a ideia da atriz pornográfica, que ali é uma mulher que se fantasia daquilo, e isso é muito bem calculado pra criar um efeito. Ela não é nada daquilo. Você essa pessoa na fila do supermercado, nossa, não é a mesma pessoa. É a mesma pessoa, mas ali ela toma... um personagem que é montado daquele jeito, escolhido, pensado, o ângulo é assim... pra criar um efeito tal (tosse) então conhecer esse mundo, eu achei fascinante, conhecer o mundo. Conhecer o mundo, o mundo da pornografia desarma um pouco a pornografia também. Por isso eu falo bastante em grupos, pras pessoas “pesquisem, porque... não sintam rejeição ‘ah, eu odeio porque é pecado” Não, pesquisem, porque agora que você entrou nesse, é um jeito de você desarmar e conhecer esse mundo, de criar uma relação diferente com ele. E... (pausa) eu acho que isso foi o mais importante. É... (tosse) como nós somos vulneráveis a... como que fala, sugestões... né, porque tudo são sugestões, como o excesso de... de hiperssexualidade do mundo, ele é altamente cansativo, sabe? Ele é cansativo para mulheres e cansativo pra homens também. Porque assim, você vai vendo que parece que pornografia tá em tudo, tá em tudo... Em CD, em livro, artistas, músicos, mulheres, músicas. Você começa a perceber o quanto há de ligação entre parte do mundo da.. da.. produção cultural de massa, com a pornografia e como esses mundos se estimulam e meio que criam uma certa codependência, né? Por exemplo, nos Estados Unidos, tem atrizes pornôs... elas são comparáveis a atrizes, astros de Hollywood, com o mesmo... tem o mesmo grupo de fãs, às vezes são pessoas que são até bastante ricas, né, e... (pausa) tem estatuto de estrela, que mais? É, como é que a gente se torna meio que presa dessas coisas, desses elementos, sabe, tipo, como é que é fácil a gente estar sugestionável a... às influências disso, se deixa capturar facilmente. Então acho que esse foi o lado positivo. Na hora, na tentativa de me livrar, eu caí dentro pra entender como é, mas acabou expandindo para mais coisas.

E: Interessante você trazer esse aprendizado.

R: Isso foi bom para sobreviver, porque eu precisava dar um jeito de sobreviver nessa época que a gente vive. E tem muita gente precisando, tem muito fórum.

E: E você sente que a pornografia já mudou a visão que você tinha da sua parceira sexual, das suas parceiras sexuais?

R: Sim. Sim, isso é uma pergunta muito importante, das duas maneiras. Primeiro, porque a... que que acontece, eu vi, como eu falei, eu vi a mudança de pornografia desde o formato papel, que era o mais popular nos anos 80 até meados de 90, quando explodiu o DVD, VHS, explodiu mais ou menos na mesma época, né, porque.. não sei qual que foi o ponto, não lembro exatamente o boom, especialmente 95 em diante, que a... os DVDs ficaram muito populares com empresas brasileiras também produzindo. Qual é o lance dessas, dessas... dinâmicas, desses rumos que afetam na maneira como a gente vê as pessoas? Muito assim, se você observar a pornografia moderna, ela é cada vez mais suscinta, tem menos história, não tem história mais. Se você olhar o que tinha nos anos 70, 80, 70, tinham filmes de uma hora e meia, duas horas, tinha toda uma história, uma trilha, o sexo era meio que consequência da ação dos personagens para chegar ao ato, e o ato era todo calculado pra ser bonito esteticamente, elegante. Hoje não, é mecânico, ele é... ele é pulsante, né, é uma coisa quase assim, sufocante, ansiosa, tem todo o traço da nossa época né? E os ângulos, como se refletem nisso, como eles são trabalhados. Tem um grupo de ângulos que é focado na perspectiva do homem, que ele é pensado para fazer um efeito específico. É sabido que esse ângulo provoca uma excitação maior do que um outro, do que aquele outro, e tem grupos de lentes e câmeras que trabalham com grupos de ângulos específicos para grupos de fãs que gostam mais desse do que daquele. Então assim, tem tudo. Você vai lá e vai achando o seu nicho, os algoritmos dos sites ajudam bastante também, e qual é a questão? O que isso tem a ver com o que você perguntou? Você começa a observar o corpo da pessoa através desses ângulos. Por exemplo, se uma mulher tem uma bunda desse tipo mas vista de uma certa posição, se ela tem um rosto assim mas vista de um certo jeito... se quebra essa harmonia do ângulo, parece que a pessoa não tem... ela não tem potencial sexual, entende? De, de... isso ainda não é uma coisa que eu consegui incluir muito bem... É... (pausa) eu lembro que... (tosse) eu passei a olhar mulheres através disso, não através do olhar pornográfico, mas através de um nicho de recorte. Foi quando eu percebi que eu estava mais olhando um contorno específico, ou a possibilidade de que ela tivesse esse desenho numa certa posição, pra que simulasse aquele, aquela... aquele ângulo que é mais dentro do que eu gosto, entende? Então, isso virou um olhar seletivo, e... (pausa) isso é uma das coisas que começou a me incomodar bastante, porque parece que assim, todo resumo da relação depende que a pessoa se ajuste ao ângulo de um filme pornográfico, não é exatamente a relação, mas uma certa posição... um certo

jeito de ficar, um certo olhar, um certo jeito de mexer, de fazer virar o rosto... Isso... (pausa) hoje eu não levo mais isso a sério, como eu levava até 10 anos atrás, não é uma coisa que eu leve a sério mas a influência é muito forte ainda, sabe? Por exemplo, se eu percebo que existe a mulher, uma mulher que tenha essa combinação, eu já sinto ativar o interesse na hora, por causa da pornografia, nem que a pessoa... a pessoa nem tá sabendo de nada disso. É isso.

E: E você fala sobre pornografia com alguém?

R: Só com terapeuta. Por enquanto só com a terapeuta e naqueles grupos do "Recuse a Clicar", que eu vi que era muito bom conversar com pessoas do grupo. Troca-se muita experiência, tem muita gente. Eu fiquei impressionado, não havia pensado nisso, que mulheres consomem pornografia, nunca me passou isso pela cabeça até 2018. Não tinha visto nada disso, e... eu nunca comentei com ninguém porque existe... como é que é o nome daquilo? Preservação da imagem, eu tenho uma imagem com meu grupo social, e nesse grupo não entra a ideia de que eu consumo pornografia. Tá vendo, é mais um problema, mais uma vida paralela, uma vida falsa, não é uma coisa que... Há uma grande chance que meus amigos consumam e ninguém fale, o que é chato por si só, porque ficar com essa suspeita... sabe? Tipo, pô, não é legal ficar com isso na cabeça, por que que eu tenho que pensar essas coisas? Se ele consome, não consome. Eu não acho hoje, hoje eu já não acho vergonhoso falar, porque eu já tenho uma relação diferente, uma relação de abandono de vício, então eu não acho que é uma quebra de imagem, ou que as pessoas vão ficar 'nossa que horror'. Eu acho bem mais natural, porque o grupo deu um suporte... Primeiro assim, é aquela ideia que você não tá sozinho, que é só visar isso. Todo mundo tá nesse rolê, tem uma bizarrice, tudo bem a gente... as pessoas se entendem, você vê, as pessoas comentam, eu comento, você cria uma relação mais assim, tipo, de acolhimento. Então, isso ajuda bastante, daí, fui mudando de perspectiva e pensando "ah não acho mais vergonhoso". Por exemplo, eu falo naturalmente que eu já beijei homem, eu não falava, eu não tenho mais nenhum problema de falar isso, normal.

E: R., essas eram as perguntas que eu tinha preparado, mas se você quiser falar mais algo, comentar sobre mais alguma coisa, fique à vontade.

R: Deixa eu pensar... (pausa) Existem, talvez você deva saber disso, métodos para se livrar da prongrafia, eles tão ficando populares devido ao *No Fap, No Fap Challenge*, 30 dias sem consumo de pornografia e sem masturbação, extremamente difícil, extremamente difícil mesmo. Só pensar que você vai entrar nisso já causa ansiedade. Eu venho tentando No Fap desde 2018, desde junho de 2018... (pausa) engraçado, que... Eu acho que muita gente vive... eles falam isso, os NoFappers, ou os trainners. Uma estrutura nesses grupos, que eles falam... isso é bem dito nesse grupo, você vai passar um tempo e não vai conseguir. Um consegue de primeira, dois, três, mas milhões não, não vai ficar batendo a cabeça lá. E é normal você ficar anos sem conseguir, eu vi vários depoimentos... o cara falou que ficou dois anos tentando, 97% não consegue da primeira vez... Aí tá uma coisa interessante, que é... é... parece que a pornografia hoje, especialmente pessoas como eu, talvez, não sei... Ela é uma espécie de último, último refúgio... Última situação de refúgio que a pessoa encontra antes de dar um pulo rumo à maturidade, além daquela situação. Porque assim, você consumir pornografia, você tá tendo uma ereção com pessoas que tão lá, eu conheci gente que faz isso. "Ah, vamos ver um filminho", essas pessoas ficam lá, rindo daquilo, falando nossa "como os caras fazem isso, nossa, ninguém consegue (risos) um pau desse tamanho, vou tentar fazer" e não consegue, e acha engraçado. Acho isso super tranquilo, porque essas pessoas não consomem, essas pessoas tem um consumo tipo... elas degustam. Elas não vão correr para o banheiro. Eu vou dizer que essas pessoas, e eu conheci pessoas assim, elas chegaram num nível de maturidade, que essas coisas como pornografía não prendem elas. As pessoas como eu, a gente precisa dar esse salto, atravessar essa última fase, e ela é extremamente difícil, porque ela é muito decisiva. É uma fase, vamos dizer assim, que há um agarramento, uma dependência à pornografia, não é só a própria pornografia, mas é um estado de vida, uma maneira de viver, que é uma maneira mais irresponsável, de não assumir responsabilidade, ou assumir responsabilidades genéricas, tipo pagar conta. Pagar conta, ok, você tem que passar, mas é uma responsabilidade genérica, no sentido de que faz parte da vida, ou você... Assume responsabilidade tipo 'eu preciso parar de comer muito açúcar, senão eu vou ter uma diabete' isso é uma responsabilidade de autocuidado. 'Eu preciso parar de consumir pornografia porque isso prejudica meu emocional' e não conseguir isso... não é a própria relação com a pronografía que é o problema, mas algo que tá por trás disso, e algo que eu percebi de uns tempos pra cá, são lacunas emocionais. Todas ligadas à minha infância, a

época que eu comecei... especialmente a época que eu comecei a consumir pornografia, foi quando meus pais tavam se separando. Eu tenho certeza que só aconteceu por causa disso. Meus pais tavam se separando, eles não podiam, eles não conseguiam mais dar atenção pros filhos como pais, nem como pai, nem como mãe, nem como família. Resultado: todo mundo virou uma família disfuncional, cada um foi prum lado, minha irmã teve filho com 17, meu irmão largou a escola, e eu caí na pornografia e nas drogas. Então tem algo a ver que é assim, um lugar, algo que dispara um processo de... dependência emocional, e qualquer coisa que possa preencher ou satisfazer, ou... ou... sei lá... desviar a atenção, vai funcionar. Então o que eu aprendi foi isso, que o problema não é propriamente a pornografia na minha vida, não é mais. Ela agora é um vício, um vício que me aborrece, de me sentir, entre aspas, 'obrigado' a consumir pornografia, mas eu sei que por trás tem uma questão que tá motivando, e eu to buscando na terapia essa questão da infância, da adolescência (pausa). É isso, isso que deu para falar. Eu falo para todo mundo, a terapia é fundamental.

Entrevista 3.-T. Realizada pela plataforma Meets, dia 01/02/2022, às 16h30

Entrevistadora: Primeiro eu queria agradecer, e reforçar que é algo anônimo, só para uso acadêmico, e a qualquer momento, se você se sentir desconfortável quiser parar, sair, ou não responder alguma pergunta, fique à vontade, o importante é que você se sinta bem.

T: Ok.

E: Então, eu queria começar perguntando quando que sua relação com a pornografia começou.

T: Bom... você diz o primeiro contato?

E: Isso.

T: Bom, meu primeiro contato foi com 8 anos de idade. Mas assim, assistir mesmo, comecei com 12. E assim, nesse período dos 8 até uns 12, eu fiquei um bom tempo sem ver, porque... na primeira vez foi só uma curiosidade, mas... aí com 12 já foi... já foi um outro nível, não foi só curiosidade. Eu... e... fui um pouco mais a fundo. A partir dos 12 mesmo que eu comecei a consumir.

E: E atualmente como é sua relação com a pornografia?

T: Atualmente é assim... Já faz uns 2 anos assim que eu... que eu to... Eu to bem melhor nessa questão. Eu não to curado ainda, totalmente do meu vício, quando acontece, por exemplo... alguma crise de ansiedade, mas assim, é só quando acontece algo assim (pausa) que me causa impulso. Aí eu, aí eu vejo. Mas não é... não é todo dia como era antes.

E: E você lembra na época que era mais frequente, o que você buscava sentir, ou até hoje em dia mesmo, que papel ela desempenha?

T: É... no começo, eu... eram coisas mais leves, sabe? Era (pausa) é que na verdade eu nunca gostei de... daquela pornografia clássica, que é homem com mulher. Eu sempre gostei de algo assim mais light, mas eu... eu já cheguei a buscar coisas bem pesadas, assim né, mãe e filho, padrasto e enteada, sabe? Era... eu já cheguei a... a buscar esses tópicos mas não... não era com frequência, só quando eu tinha muita

vontade assim, mas no geral assim eram coisas mais lights, tipo uma mulher sozinha, mulher com mulher também, mas na maioria dos casos era mulher sozinha.

E: E você sente que a pornografia já interferiu negativamente em algum aspecto na sua vida?

T: No... ela interferiu bem no... no meu âmbito social, no meu convívio com meus amigos, com a minha família... Isso... Isso me causou crise de ansiedade... é... momentos assim, de raiva... especialmente quando eu não conseguia... assistir, né... eu começava a ficar nervoso né, eu não conseguia enxergar as mulheres... era um mero objeto sexual, eu não conseguia enxergar as mulheres como seres... Isso afetou principalmente no meu convívio com as mulheres.

E: E você acha que a pornografia teve algum aspecto positivo na sua vida?

T: Positivo, não. (pausa) Só coisa, assim, que eu lembre, só coisa negativa.

E: Você conversa sobre esse assunto com alguém?

T: Não. Pra você ter ideia, nem os meus pais sabem que eu vejo, que eu tenho esse vício. A única coisa... eu já cheguei a falar com um amigo meu, que ele é um amigo bem próximo meu, só com ele mesmo, ele também me ajuda né, nessa questão do vício... mas foi só pra ele, né, que eu falei. De resto, assim, ninguém.

E: Você acha que tem algum motivo específico pelo qual você não fala sobre isso com outras pessoas? Não necessariamente seus pais.

T: Ah, é que eu acho que... eu sinto muita vergonha. É um... você pode ver que... qualquer pessoa que tenha esse vício, esse problema, não fala com as pessoas porque é vergonhoso. Porque, por exemplo, numa roda de amigos né... aquele que vê pornografia é taxado como “ah, você não... você não... você não consegue... você não consegue ter relação com uma menina então você assiste pornografia”, então, assim, é mais de vergonha mesmo, é como se fosse tipo... Viciado em algo, outra coisa, eu falaria numa coisa, eu conseguiria me abrir, mas pornografia eu não consigo me abrir, é algo muito vergonhoso para mim.

E: As perguntas que eu tinha para te fazer eram essas, se você quiser falar mais alguma coisa, acrescentar, comentar, fique à vontade.

T: Assim... é... (pausa) acho que faz praticamente mais de 10 anos que eu convivo com isso... e... eu acho que eu, nesses últimos dois anos, eu melhorei muito. Então... eu acho que... quanto mais você amadurece na cabeça... quando você... quanto mais você... Você acaba pegando um nojo e largando mão. A principal... a principal... o motivo do vício é ver o que tem por trás disso, tem que se chocar mesmo pra você parar, sabe? Acho que é isso.

E: O que te influenciou a começar a parar foi saber mais sobre?

T: Sim, sim. Foi... uma vez eu vi um documentário, agora não me recordo daonde que eu vi esse documentário, mas que mostrava tudo por trás dos bastidores, tinha até coisa com criança de 15, 14... tinha... a questão também das mulheres. Me pegou de uma forma que... nossa. Aí eu fui criando uma repulsa mesmo. Mas assim, eu já tava num estágio de vício muito alto pra parar assim, por isso que eu to fazendo dessa forma mais gradual.

E: Realmente, parar de um dia para o outro deve ser praticamente impossível. E como você vai parando? Você vai diminuindo a frequência, ou duração dos vídeos?

T: Assim, eu... eu procuro assim... me ocupar. É porque assim, tinha um... tinha um certo horário para mim. Era um pouco antes de eu ir dormir, e um pouco depois de eu... de eu... acordar, então eu procurei ocupar esses dois horários. Depois que eu acordo eu vou tomar café, eu vou... ler um livro, saio para a rua. Mas... e eu tenho que manter ocupado esse horário. A mesma coisa na hora de dormir, eu vou ler um livro, escutar uma música. A questão é me manter ocupado. É isso que causa a diminuição desse meu vício.

E: Obrigada por compartilhar, se quiser falar mais alguma coisa fique à vontade.

T: Eu que agradeço por você ter me ouvido, que... não é com qualquer pessoa que eu vou me abrir. Eu agradeço você por ter me ouvido, por... ter me perguntado e eu espero que eu tenha te ajudado de alguma forma.

Entrevista 4. H. Realizada pela plataforma Meets, dia 01/02/2022, às 18h30

Entrevistadora: Obrigada por topar participar, eu quero só ressaltar que se em algum momento você quiser parar, se tiver algo que você não queira responder, fique à vontade. É importante que você se sinta bem do começo ao fim, mas a intenção é que seja tudo tranquilo.

H: Beleza.

E: Podemos começar?

H: Claro!

E: Eu queria saber como que sua relação com a pornografia começou, se ela existe.

H: Ah, eu acho que começou mais ou menos como começa, pelo menos eu imagino que começa, a interação de meninos... né... brasileiros. Eu tava, sei lá, na quarta, não, acho que era quinta ou sexta série, né, e aí começa a passar daquela fase de “meninas são nojentas” para “meninas são bonitas” e tal, e aí alguém dos... da classe começa a comentar, e aí surge questões de sei lá, revista playboy, alguma coisa assim, a gente acaba escutando nome de site pornô, Pornhub, XVídeos, outros que eu nem me lembro mais, e acaba indo atrás e procurando né, e foi assim que eu tive meu primeiro contato. Foi... por essas vias que eu acho que eu desenvolvi, né, os meios próprios. Você acaba descobrindo nome de artista, de atrizes que fazem filmes pornô, você acaba descobrindo que tem todo um diretório delas e etc e tal. Mas de uns tempos pra cá, e eu diria sei lá, já tem uns bons cinco, seis anos, agora eu to com 22, então desde que eu tinha 17 anos eu entrei em contato com pessoas e estudos, que detalhavam os males da pornografia né, e aí eu acabei me dissociando completamente dela, tem anos, não sei dizer exatamente, mas tem anos que eu não entro em um site pornô, que não assisto um vídeo pornô.

E: E quando você acessava, o que você buscava sentir? Qual era o papel que a pornografia tinha na sua vida?

H: Eu acho que... eu estudei num colégio de classe média alta, eu fiz um colégio particular de São Paulo, e apesar, de sei lá, minha mãe sempre ter sido muito aberta com o assunto sexo, eu acho que eu convivia numa cultura, num espaço que não tinha

essa abertura, então acho que eu buscava era... sei lá... saber como era, ver como era, apesar de ter... depois a gente descobre que não é nada daquilo, mas buscava por curiosidade, para saber como era, buscava excitação, né, acho que tinha também o fato de ser algo novo, de tá fazendo algo que era transgressor, né, então acho que tudo isso tinha um certo... um certo valor, que eu buscava.

E: E você sente que ter consumido pornografia teve algum impacto negativo na sua vida?

H: Ah, eu acho que... por algum tempo assim, né, eu... (pausa) já acabei tipo, perdendo um tempo que eu gostaria de não ter perdido, procurando vídeos que me interessassem, sabe? Então sei lá, uma pessoa específica, uma situação específica, e aí passava sei lá, 45 minutos a uma hora procurando, sabe, parecia que isso virava a atração principal, não o vídeo em si. E eu acho que essa foi a principal, o principal, assim, desvantagem que eu tive, porque eu acho também... sempre fui uma pessoa muito tímida, muito insegura, e aí acho que eu só fui ter de fato minhas experiências sexuais muito depois de ter entrado em contato com pessoas e textos que condenavam pornografia, então toda aquela história de o que acontece na pornografia ser o que acontece na vida real, eu pelo menos não senti isso impactando.

E: E você acha que ela teve alguma influência positiva na sua vida?

H: Ah, eu acho que... só foi entender que, sei lá, masturbação e vida sexual é algo que tem que ser aberto de uma forma mais... é... mais sensível com os adolescentes, mas sem ser conservador, ser algo bem aberto e explicativo, né, para que também ninguém se sinta muito exposto, muito... passível de algum tipo de ataque e tal.

E: Você falou que depois você começou sua vida sexual, você sente que ter assistido pornografia acabou influenciando na relação que você veio a ter com mulheres no futuro?

H: Eu acho que não, na realidade eu acho que... Até influenciou mas no sentido de tipo, buscar não me prender aos estereótipos que são mostrados nos vídeos.

E: Você conversa sobre esse assunto com alguém?

H: Eu converso, eu converso com a minha namorada, já conversei bastante sobre isso, a gente entrou nessa discussão... não em uma briga, mas numa discussão mesmo, sobre a questão das pornografias, como que os sites pornográficos acabam lucrando e como eles acabam estimulando coisas como a infantilização, a sexualização, etc... Eu tenho uma amiga que fez o TCC do terceiro ano do ensino médio sobre isso, então discuti bastante sobre isso com ela, eu faço psicologia então já discuti algumas coisas sobre psicanálise, sobre neurociência, prazer, a gente já discutiu bastante. E eu tenho alguns amigos próximos que a gente já discutiu bastante sobre isso. Todos apssaram pela fase de acesso à pornografia e discussão da pornografia como algo para excitar, alguns inclusive dizem que acham que já foram viciados em pornografia. Durante a pandemia, inclusive, isso foi uma recaída forte que eles tiveram, mas eu costumo tratar com meus amigos mais próximos, com minha namorada e tal.

E: Essas eram as perguntas que eu tinha para fazer. Se quiser acrescentar algo, fique à vontade.

H: Ah eu acho que eu não tenho mais nada pra falar.

Entrevista 5. M. Realizada pela plataforma Meets, dia 01/02/2022, às 20h20

Entrevistadora: Mais uma vez, obrigada por topar participar, e quero ressaltar que a ideia é que a entrevista seja confortável para você, então se não quiser responder algo, ou parar no meio, isso fica a seu critério. Então, começando, eu queria perguntar como, quando sua relação com a pornografia começou, como foi esse começo.

M: Então tá. É... eu tinha por volta de... acho que... 14... 14 não, perdão 15, 15, 16 anos... é... e nesse momento da minha vida, eu tava ali no ápice da... dos hormônios, é bem curioso, porque tanto aquela convivência na escola, ela meio que influencia um pouco, sabe? E a gente fica um pouco, um pouco apreensivo, receoso, porque às vezes a gente conversando com as outras pessoas da nossa idade, elas passaram já por esse processo de início da, da vida sexual, e... e às vezes nem todo mundo, obviamente, tem a oportunidade de viver aquilo e fica muito curioso. Então, eu queria muito viver aquilo, porém eu não tive uma oportunidade tão cedo. Meio que sozinho eu fui procurar saber, então... foi através daí que eu acabei que descobri, acho que de uma maneira mais intensa, que é a porno... porque assim, eu já tinha visto cena de sexo em filme, tinha visto revistas de mulheres sem roupa, peladas, então pra mim aquilo era ok, eu via aquilo e tudo bem. Mas eu acho que quando eu tive contato real, de acessar site pornô e ir procurar conteúdo de sexo explícito foi mais ou menos nessa faixa etária linkada mesmo com o estímulo sexual, aliado com a masturbação. Então foi mais ou menos aí durante esse contexto, era algo que eu tinha gostado muito, é algo que quando os meninos descobrem a gente, e vai fazendo, e repete, repete, quantas vezes for ali possível, esse momento de descoberta, se tem uma coisa que a gente desconhece é o limite, a gente extrapola o quanto nosso corpo suporta.

E: E a pornografia ainda é algo presente na sua vida?

M: É... se eu disse que não, eu estaria mentindo, de verdade, mas é algo que hoje eu tenho a consciência de quanto ela é prejudicial, sabe, pra minha vida... pra minha vida num geral, aspectos pessoais, nas minhas relações, como eu vejo a vida, como eu me relaciono com outra pessoa, como eu observo essa outra pessoa... porque felizmente com o advento da internet até, ela ajudou muita gente a poder pesquisar mais sobre, ter mais contato com esse tipo... com informações do que diz respeito ao conteúdo e à própria indústria, né, que infelizmente muitas pessoas tapam os olhos

para o que acontece lá dentro. Eu mesmo como... eu to ali na luta, né... eu tenho parado uns dias, mas eu tenho recaídas às vezes, mas eu reconheço hoje que de certa forma acaba sendo muito prejudicial pra mim, e... eu acredito, eu tenho a plena consciência de que esse é o primeiro passo, sabe? De reconhecer que de fato eu não to numa posição muito positiva, mas que eu tenho ali as formas pra tentar mudar isso dentro de mim. E isso, de certa forma, eu tive muito problema pra me relacionar uma época, porque eu nunca entendia... tipo assim, que eu não... eu não era... eu nunca era, sabe, o escolhido, eu sempre passava muito tempo ali, ali, conversava e conversava, e eu tinha uma certa pressa em querer chegar no objetivo final e depois seguir minha vida sabe? E eu percebi que isso de certa forma foi me prejudicando nesses detalhes, e perceber que... que sentar numa cadeira com alguém, tomar um café, um chá, uma cerveja, e trocar uma ideia, aproveitar a companhia da outra pessoa também pode ser algo muito prazeroso, e eu perdia esses detalhes, porque eu queria sempre ir pro objetivo final, sabe? Uma sede, uma ânsia de ir para o objetivo final, mas aí depois de um tempo, né, agora que eu vim de fato reconhecer, reconhecer isso, e... e fui procurar outras formas, sabe, de pessoas que... que desenvolveram esse mesmo tipo de pensamento que o meu, porque não adianta eu procurar algo diferente pra mim e conviver com pessoas que estão ali ainda, sabe? Porque eu acabo, acabo... acredito que acabe se tornando um gatilho, e que no futuro acabaria procurando novamente, novamente e nunca ficaria desvinculado, por mais que eu não acessasse, talvez algum amigo, amigo meu, me mandar, jogar num grupo que a gente tem normalmente só de meninos, e mandasse lá um vídeo, uma foto, uma coisa que relacione à pornografia. Então, é... por isso que acho que o grupo que a gente tá, né, o Recuse a Clicar, acho que tem me ajudado bastante, e ler os depoimentos, ler as vivências, as experiências de vida, acabou de certa forma sendo um estímulo para que eu possa melhorar, então... Eu sei o quanto eu passei por... o período que eu passei por isso, reconheço minhas falhas, e agora a gente tá aí, de pouquinho a pouquinho, tentando ser melhor.

E: Com certeza. E você assiste algum tipo específico de vídeo, alguma coisa que você procure mais especificamente?

M: Tá... É... Atualmente... eu tenho visto sobre... Em relações a lugares públicos... esse tipo de adrenalina acaba sendo algum tipo de gatilho para mim... Inclusive era

algo que era muito... muito... frequente em relações passadas, então acaba que de certa forma abria assim um momento para recordar... algum tipo de memória do que aconteceu comigo no passado. Então acho que assisto esses vídeos que diz respeito a lugares públicos, acabam me chamando.

E: E você acha que a pornografia já interferiu negativamente na sua vida? Você falou um pouco da questão das relações, de conhecer as pessoas, você acha que além disso teve mais algum impacto negativo?

M: Olha... acho que... acho que o mais... acho que do superficial ao mais profundo, do superficial a gente perde tesão, a gente não consegue desenvolver uma... uma transa decente com outra pessoa de uma maneira que de fato dê aquela... que tenha aquele cuidado, de fato aquele jeito de viver aquele momento sabe? De ser muito... tem um termo, eu vou lembrar do termo, tá na ponta da língua, não quer sair... perafá... acho que é... falocêntrico, acho que é esse o nome... é, falocêntrico, que enfim, acaba sendo que o meu pênis é meu mundo e é isso sabe? E então de certa forma, tentar... transparecer, saber lidar, ser sempre um cara forte, aguentar uma, duas, três vezes, eu me cobrava nisso de ser um homem assim, que cara, 'eu preciso ser grande, eu preciso ser forte, eu preciso comer o bairro inteiro' e eu percebi que não é bem assim, sabe? Eu acho que não somente a parte da pornografia, mas a gente acho que querendo ou não, quando a gente fala sobre pornografia e do contato muito precoce pro homem, por mais que isso atualmente a gente sabe que não é exclusivamente o homem que vive com esse vício, mas que majoritariamente é por homens, é aquela pressão desde cedo de, por exemplo, quando crianças vê o menino com uma menina 'ah olha que bonito, caszinho ali' tipo, duas crianças, sabe? Não tem nada a ver uma com a outra, então sempre tem aquela cobrança no teu redor de ser sempre o cara que chama atenção, o cara que toma seu espaço, meio como um animal, sabe, tipo um alfa. Então acho que isso influenciou muito e eu via muito isso dos... dos meus pais nem tanto, porque meus pais, eles... eu nunca tive uma... uma aproximação muito grande sobre isso de assunto com meus pais, eu acho que de certa forma acaba sendo, acabou sendo um vácuo, e acabou sendo uma armadilha para outras pessoas que vieram ao meu redor, por exemplo, tem um tio meu que sempre me estimulava, a gente saía junto e ele 'ah olha aquela menina ali, vai lá trocar uma ideia com ela, aquela menina ali' e contando história de quem pegava por aí e eu sempre escutava

aquilo e falava que eu tinha que ser dessa forma também, então a gente acaba que vivendo e crescendo com esse tipo de pressão que mexe com a nossa cabeça, até porque quando a gente é criança, quando a gente é adolescente, a gente ainda tá no processo de construção da nossa opinião e do nosso caráter. Então isso me influenciou muito, sabe? E aliado a pornografia em si, se tornou algo muito maléfico para mim, porque eu perdi totalmente a sensibilidade de como é se relacionar com alguém, e como isso de certa forma.. como poderia viver essa relação, sabe, viver os detalhes, viver os acontecimentos, viver a pessoa de fato, não somente pensar em mim. Eu acho que eu perdi um pouco dessa sensibilidade, tenho... é... resquícios disso até hoje na minha vida, então assim, a pornografia de certa forma, ela me, me... ela influenciou negativamente na minha vida, e influencia... até hoje, né, até o que eu citei anteriormente, algo que infelizmente eu não consegui me desapegar, ainda tenho algumas recaídas que são frequentes, não são de intervalos tão longos assim.

E: E você acha que ela já trouxe alguma coisa positiva para sua vida?

M: Assim... acho que... isso aí já é um ponto bem... bem sensível, né, é uma linha muito tênue, porque... Eu acho que... a masturbação e esse processo de autoconhecimento é um processo muito bom, acredito que ele seja necessário, mas quando a gente une esse processo de descoberta da masturbação com a pornografia, ele acaba se tornando um malefício, porque acho que... acho que com a masturbação, a gente tá ali naquele processo de enfim, se conhecer, saber como você gosta, como você gosta de ser tocado, é... enfim, se conhecer de fato, detalhes do seu corpo, onde que você sente mais, onde você sente menos, ok, acho que é um processo natural do ser humano, que deve ser um processo natural, que deve ser natural, que deveria ser naturalizado, infelizmente é considerado um tabu... do que ter acesso a isso, no caso a pornografia, ter isso linkado à pornografia, porque aí... na pornografia, a gente não tem esse processo de conhecimento, a gente tá vendo... a gente se toca, e tipo, em cinco minutos aquilo acaba, quem sabe até menos, então a gente não tem o processo de saber com a gente gosta, como a gente gostaria de ser tocado, quais são as regiões do nosso corpo que a gente sente um... um estímulo assim de fato, a gente sente prazer. Não, é só aquilo, em dois minutos vendo aquilo já acabou. Então, os benefícios... não vejo tão quanto um benefício, mas que o benefício que eu quero destacar é mais a masturbação num processo de descoberta,

do que a masturbação linkado à pornografia. Então a pornografia não trouxe algo... não vejo de maneira positiva, mas o que eu vejo é mais a questão da masturbação, desvinculada à pornografia.

E: E assistir pornografia influenciou nas relações que você teve com parceiras sexuais ao longo da sua vida?

M: Sim, eu acho que eu sofri muito esse influência, acho que desde a minha primeira relação sexual, isso lá em 2011... Eu tive a minha primeira relação sexual, isso com a minha primeira, na época minha primeira namorada, então ela meio que.. como ela... eu não sabia muito bem o meu papel... ela me cobrava algumas coisas, e eu não sabia muito bem o que fazer, então meio que... eu comecei daí em diante procurar a pornografia para ser como um mecanismo de me ensinar, como ela quer, 'ah eu quero fazer tal posição', eu vou lá, procuro, vejo como faz e eu 'ah beleza, então é dessa forma' 'ah, eu quero fazer tal coisa, tentar tal coisa'. Como a gente não nasce com, com um dicionário na mão de como fazer, eu fui lá procurar, imagens, fui procurar vídeo, como é na execução, como tem que fazer, porque eu queria ser de fato o cara que... poderia satisfazê-la, sabe, eu não queria que ela tivesse muitos problemas em ter que me ensinar, do pouco a pouco, o básico do básico, já queria pelo menos saber 70% dos 100% do caminho andado, sabe? Então eu queria mostrar que de fato eu tinha feito a minha lição de casa, pra que ela pudesse se sentir bem, sabe, que ela pudesse se sentir realmente completa, e eu... fora a questão da insegurança da relação sabe, porque se a gente não satisfaz bem o nosso parceiro a gente vai logo pensar que ela vai procurar uma outra pessoa.

E: E você acha que chegou a ajudar, assistir pornografia, você acha que contribuiu para a satisfação dela?

M: Olha... acredito que sim, de verdade. Porque a gente viveu um processo de muitas descobertas, eu e ela, que a gente fez aquilo que a gente queria fazer, e a gente foi descobrindo coisas novas, coisas novas que a gente ia gostando, então... de um... de um... de um ponto positivo, houve isso, sabe? Mas depois, assim né, aí já ficou um pouco mais complicado, até porque depois também a gente fingia que a nossa relação... um relacionamento não é só sexo, então uma hora ou outra as nossas perspectivas de vida foram completamente distintas e foi quando de fato a gente

percebeu que era hora de cada um ir pro seu canto, mas... acredito que sim, de certa forma eu tive esse ensinamento, esse... essa situação mais específica, por mais que, assim, a gente nunca tem esse tipo de... de uma maneira fácil, de como fazer, por exemplo, na minha escola eu lembro, assim... vagamente, no meu... segundo ano... ter uma... uma estagiária de biologia que ficou falando sobre saúde sexual e reprodutiva, mas eram coisas tipo, muito... a questão básica mesmo, no que se diz respeito a esse ponto né, dos riscos, das ISTS... preservativo, os meios contraceptivos, o cuidado básico. Mas ali, como lidar com a parceira, como fazer e tem outras maneiras além do famoso papai-mamãe, sabe, essa coisa... nunca tive esse tipo de acesso, até porque... até mesmo antes em relação aos pais, eu nunca conversei muito isso com eles, o máximo que eu conversava com eles era eles me alertando para usar camisinha para não fazer filho, porque a gente não tinha condição de ter uma criança na família (risos). Era muito isso, sabe? Mas... acho... até esse ponto, é isso.

E: E apesar de não falar com seus pais, atualmente tem alguém com quem você conversa sobre pornografia?

M: Assim, pessoalmente, assim, contato físico não. Eu tive mecanismos que eu posso, tipo os grupos no Facebook, acho que só na verdade, porque eu não sou muito de, de utilizar outras redes sociais, então meio que o grupo no Facebook é o meu... minha válvula de partilhar dessas experiências. Obviamente sinto muita falta de ter alguém assim, sabe, de sentar e conversar sobre isso... E entrar em detalhes mais profundos, sabe, coisas que acontecem realmente com pessoas que vivem esse tipo de situação, então... É mais ou menos isso, né, acho que fica muito preso ao mundo virtual, que de certo forma veio aí para auxiliar a relação em alguns pontos, que eu acho que se eu não tivesse acesso a isso, provavelmente eu era... eram coisas que ou eu manteria aquilo dentro de mim, não sei durante quanto tempo, ou se eu tivesse condições de acesso a um psicólogo para fazer uma terapia, que eu acho que chegaria a um ponto que eu falaria sobre isso.

E: Mas tem algum motivo específico pelo qual você não conversa com as pessoas ao seu redor?

M: (pausa) Assim, eu sou muito de conversar sobre, mas é de uma maneira muito... muito geral, sabe? É conversar sobre 'cara, a pornografia, ela tem seus malefícios, que pode acontecer tal coisa, pode acontecer... podem... podem desencadear muitas coisas na vida do homem, da mulher, que pode prejudicar suas relações' mas é essas coisas muito gerais, sabe? Nada em relação a minha vida, em relação ao vínculo, ao que eu vivi, experiências de vida em relação à pornografia.

E: Bom, M., essas eram as perguntas que eu tinha para te fazer. Quero saber se tem algo que você gostaria de acrescentar.

M: Ah, na verdade acho que só parabenizar por topiar esse desafio de escrever, acho que é seu TCC né?

E: Isso.

M: Escrever uma monografia com base nisso, é algo muito importante, acho que a academia é onde realmente se iniciam os debates, e depois a gente acaba aprofundando as coisas com o tempo, então logo quando eu vi sua publicação lá no grupo, a primeira coisa instintivamente foi te mandar mensagem (risos) Eu parei até o que eu tava fazendo 'cara, preciso mandar mensagem pra essa menina pra conversar com ela'. Eu sei o quanto é difícil de conseguir meios, mecanismos, principalmente agora nesse desafio do TCC, e eu acho que, enfim, você pegou um baita desafio sobre o que escrever, e eu acho isso brilhante da sua parte, viu?

Entrevista 6. M. Realizada pela plataforma Meets, dia 02/02/2022, às 18h20

Entrevistadora: Primeiro, gostaria de agradecer por você ter topado, e quero ressaltar que o importante é que você se sinta sempre confortável, então se quiser parar no meio ou não responder alguma pergunta, fique à vontade.

M: Obrigado.

E: Podemos começar?

M: Sim.

E: Eu queria saber como sua relação com a pornografia começou, como foi o primeiro contato, toda essa parte...

M: Bom, acho que primeiro contato foi ali por volta dos 11, 12 anos... amigo de escola mostrando alguma coisa, livro, celular, algo no computador, acho que foi algo no computador, que ainda não tava tão difundido isso de smartphone, principalmente ali pelos 11, 12 anos, né, tinha mais os pais... aí um amigo mostrando aqui, falando ali... Acho que foi o primeiro contato.

E: E como foi essa relação? Você consome pornografia hoje em dia?

M: Hoje em dia sim.

E: E como é essa relação? Quando você assiste, o que você busca?

M: Olha, geralmente... procurando estímulo... pra... principalmente pra... questão de masturbação, né, uma coisa... que me incomoda de uns tempos pra cá, não uma coisa que sempre me incomodou, não é uma coisa que eu refletia sobre até... uns dois anos atrás, vamos dizer, e aí eu comecei a ouvir algumas coisas tanto em relação à indústria quanto em relação aos próprios... malefícios na questão de saúde... e... comecei a procurar um pouco mais, e hoje em dia acabo sempre me sentindo culpado, tenho tentado reduzir a frequência... Mas... ainda assim, raramente passo uma semana sem que eu consuma. Porque principalmente essa questão... levo muito essa questão da masturbação, então... Eu acabo... Faz muito tempo que eu não toco sem usar pornografia, então... por exemplo, ano passado teria feito uma, duas vezes no máximo.

E: E você sente que a pornografia já teve alguma interferência negativa na sua vida?

M: Olha, eu acho que... que eu já cheguei a perceber foi que tava começando a... a mudar um pouco a forma como eu via as pessoas, objetificar um pouco mais as pessoas, aí quando eu percebi isso até... tava meio incomodado mas... foi... foi uma coisa que deu pra perceber que começou a acontecer, principalmente no princípio ali, quando era mais novo, nem pensava muito nessas coisas.

E: E de influência positiva, você acha que teve alguma?

M: Eu acho que não (risos). Sinceramente, não.

E: E você sente que a visão que você tem das suas parceiras sexuais mudou por causa da pornografia?

M: Olha, já chegou a... assim... tem coisas que... eu cogito, que eu imagino, às vezes até fantasio, que são coisas que eu nunca fiz, só tive contato através da pornografia, então nesse quesito sim... Mas... nunca interferiu assim de... de me frustrar com parceira ou algo do tipo.

E: E você conversa sobre esse assunto com alguém?

M: Olha, eu cheguei a fazer isso antigamente, como eu mudei um pouco meu ambiente, escola, época de ensino fundamental, médio, aqui na minha cidade, e fui fazer faculdade em outra cidade... E... lá foi quando eu parei de conversar sobre isso, mas na época de ensino médio, essas coisas, eu até falava.

E: E tem algum motivo de você não falar sobre isso com as pessoas da cidade em que você fez faculdade?

M: Olha... Eu particularmente tenho um pouco de vergonha... E... também acredito que... eu tenho uma visão também do pessoal da cidade, que são um pouco mais, eu acabo refletindo neles essas coisas que eu vejo, então o que faz eu me sentir mal, que eu gostaria de ser, eu acabo enxergando neles assim, e acabo, às vezes, por mais que seja uma figura meio idealizada do pessoal de lá, acabo fazendo isso.

E: Eram essas as perguntas que eu tinha para te fazer, queria deixar esse espaço para caso você queira acrescentar algo, fique à vontade.

M: Olha... uma coisa que eu acrescentaria... Eu... eu sofro com problema de ejaculação precoce, provavelmente eu... eu tomo inclusive medicação... eu realmente não faço a menor ideia se tem alguma influência disso... E... inclusive... sei que diminuí a sensibilidade, ainda assim... Indo em médico, acabaram acionando essa ansiedade, eu nunca fui diagnosticado com ansiedade, nunca tive crise de ansiedade, mas tô tomando um remédio que na bula é antidepressivo, que realmente é eficaz (risos)... e não sei até que ponto isso poderia ter relação... E outra coisa também... eu, por ter essa... essa relação com esse conteúdo e com... uso de maneira frequente, acabei também desenvolvendo uma sensibilidade maior comigo mesmo, assim, eu sei o que me estimula mais, o que me estimula menos, e eu tenho a impressão que às vezes, você tinha perguntado em relação às parceiras, isso é uma coisa que eu... eu sinto diferença, então, tomando medicamento acabou tendo um efeito de ficar... difícil de chegar à finalização, com parceiras, enquanto comigo mesmo, principalmente com o apoio da pornografia, sem pornografia tenho mais dificuldade, em conseguir, tomando o medicamento, a chegar à ejaculação. Acaba ficando... mais um motivo aí pra ter dificuldade de largar o osso (risos) e ao mesmo tempo, mais um motivo pra ver uma... potencial prejuízo.

E: Essa dificuldade com a parceira, é algo mais físico mesmo, ou também tem uma questão de ter mais desinteresse?

M: Eu acho que é algo mais físico. Eu realmente sinto diferente, então ali... a gente com, com nosso próprio corpo a gente sabe melhor o que fazer pra estimular e... e aí eu sinto menos estímulo mesmo, principalmente com algumas coisas, é curioso até, uma coisa que eu não sei até que ponto pode ter influência da pornografia, mas eu fico mais estimulado com oral... Então, eu realmente não... não posso fazer esse link, porque não sei se é relacionado a isso, mas acabou que... qualquer um que seja a causa, o outro é consequência, mas vou procurar mais coisa desse tipo, aí não sei se é por isso que eu passei a ter mais atração por esse tipo de atividade, ou se por eu sentir melhor com esse tipo de atividade, eu comecei a procurar mais o conteúdo.

E: Realmente é uma relação difícil de saber como começou.

M: Mas no impacto positivo, a questão de... de autoconhecimento, um pouco físico, então... eu tava comentando, isso passou a... a me facilitar entender um pouco mais

o que que estimula mais, sem contar também... acaba... não, não positivo assim esse impacto, mas acaba sendo a primeira escola que a gente tem em relação a como funciona. Isso pode ser colocado tanto quanto positivo como negativo, porque a gente sabe que é uma indústria que acaba fantasiando muita coisa, mas é isso.

Entrevista 7. D. Realizada pela plataforma Meets, dia 02/02/2022, às 19h00

Entrevistadora: Obrigada por estar aqui. Quero deixar com bastante ênfase que é para ser uma conversa confortável para você, então se não quiser responder algo, quiser parar no meio, não tem problema. O importante é que você se sinta bem.

D: Tranquilo.

E: Então eu queria começar perguntando como que começou sua relação com a pornografia.

D: A primeira vez que eu me lembro assim, acho que foi algum amigo meu da época de escola que disse de algum site, e eu tinha tipo uns 7, 8 anos. E aí, enfim, eu fui ver e foi basicamente daí.

E: E você assiste pornografia hoje em dia?

D: Não.

E: Como foi essa relação? Você continuou assistindo por um tempo e depois parou?

D: Foi. Eu... até... assim, 2018, 19, por aí, eu tinha percebido que era uma coisa tipo.. eu tava viciado né? E aí, enfim, fui seguindo, quando foi na metade de 2019, eu vi algumas colegas minhas compartilhando texto, falando sobre isso e tal, aí eu parei pra ver, não só sobre os vídeos mas sobre as posições e tal, e aí comecei a tentar parar porque, enfim, também aquilo me fazia mal. Aí foi um processo bem demorado assim, tipo fui diminuindo, aí quando foi no final de 2020, eu fiz uma resolução de ano novo, de tentar ver no máximo uma vez por mês. Aí tipo, fazendo isso assim... quando sei lá, maio, junho, por aí, eu já não tava mais gostando. Aí falei, ah acho que dá pra parar, aí desde então.

E: E quando você assistia, o que você buscava sentir, que tipo de vídeo era, como era a frequência?

D: Olha, normalmente, curiosamente assim, aconteceu de eu ter essa vontade em momentos de mais ansiedade. Então eu acho que era uma forma de aliviar a ansiedade. Isso mais recente, na faculdade por exemplo. Antes eu acho que era

prazer, talvez. O que eu buscava mais era tipo, mais coisa, sei lá, oral, por aí. Qual foi a outra pergunta?

E: A frequência.

D: Ah, todo dia com certeza, uma ou duas vezes.

E: E você acha que a pornografia já interferiu negativamente na sua vida?

D: É... pelo que eu tenha reparado foi mais nesse sentido, de ter necessidade de todo dia tá fazendo isso. E aí ver que tipo, eu perdia muito tempo, enfim, tava focando em algo e aí minha cabeça perdia atenção porque eu lembrava “hoje não vi pornô”, coisa assim. Aí parava pra fazer, enfim, mais nesse sentido, que eu tenha reparado pelo menos.

E: E positivamente?

D: Positivamente não... acho que não (risos).

E: Você sente que a pornografia já influenciou na forma que você via as mulheres com quem você se relacionava?

D: É... (pausa) Não sei, porque tipo, quando eu... enquanto eu via eu tava... quando eu comecei a ter relações sexuais, com a minha primeira namorada... foi mais ou menos quando a gente acabou... foi mais ou menos na época que eu comecei a parar de ver, então tipo, quando eu voltei, sei lá, passei um tempo sem ver, e quando eu voltei a me relacionar, eu já tinha meio que parado, diminuído bastante, então não sei exatamente se teria relação sabe? Mas... com certeza, tipo, eu acho que eu criei algumas ideias, diferentes. Mesmo, sei lá, na vez que eu fui ter minha primeira relação com ela eu vi claramente diferença, de expectativa que você vê e do que aconteceu, então acho que foi mais nesse sentido, mas alguma outra coisa não sei dizer.

E: Você conversa sobre esse assunto com alguém?

D: Eu converso com minha namorada e... é... com meus amigos, alguns amigos, por aí. E falei algumas vezes na terapia, mas não é tão frequente.

E: Essas eram as perguntas que eu tinha para fazer, agora queria deixar um espaço para você falar algo que você queira.

D: Num sei alguma pergunta, mas queria ver o TCC depois. Mas acho que foi bem legal.

Entrevista 8. L. Realizada pela plataforma Meets, dia 03/02/2022, às 18h20

Entrevistadora: De novo, obrigada por ter topado participar, é para ser uma conversa, então sinta-se à vontade para falar o que você quiser, e também para não falar. Se não quiser responder algo, ou parar no meio, não tem nenhum problema. Então, começando, como foi que sua relação com a pornografia começou?

L: Bom... (pausa) Muito tarde, para falar a verdade. Primeira vez que eu tive contato com algo pornográfico, que eu me lembro... foi um moleque de tudo, sei lá... catorze anos, encontrar umas revistas numa... numa cabine de... de guarita, de rua, sabe? E... era um negócio meio pesado, e eu levei pra casa, minha mãe pegou e me deu uma bronca, falou 'olha, você não precisa disso'. Foi esse o primeiro contato que eu tive, depois, enfim, eventualmente, revista... não é bem pornografia, não colocaria no mesmo... na mesma... É pornografia, mas não colocaria no mesmo... lugar de coisas... explícitas, e tudo mais. O que eu fui ter só... assim, mais de 18 anos. Aí, por curiosidade, eu aluguei umas fitas aos 18 anos de idade... aí, foi só isso. Depois, eventualmente, uma curiosidade ou outra, mas nunca... nunca foi presente na minha vida. Eu nunca fui um consumidor de pornografia, apesar de... de eventualmente assistir, hoje não assisto mais, porque não vejo... não vejo... (pausa) não tenho vontade, eventualmente a gente fala 'ah quero ver como faz alguma coisa', aí vai ver. Não tem um prazer envolvido, vai, em tese... é isso que... que... os homens, mulheres também, no caso. Foi isso, não teve... eu nunca tive uma... uma... um vínculo com a pornografia, se eu posso dizer assim, nunca foi presente, nunca foi necessária, nunca foi... uma questão, mesmo com todas as questões que envolvem a sexualidade na minha vida foram colocada, então... Não sei. Não tenho, não tenho... problemas com poder dizer 'ah isso foi foda pra mim', nunca me... nunca foi uma coisa... estressante, para falar bem a verdade.

E: E até hoje é assim essa relação?

L: É muito ocasional, muito ocasional. E sempre muito... muito... sempre muito... a par com minha esposa, a gente não faz as coisas sem... a gente não tem barreiras entre nós, então é tudo muito transparente aqui em casa. Quando ela... se eu quiser ver alguma coisa eu converso com ela, ela conversa comigo, enfim. Mas a gente nunca... a gente assistiu muito pouco no começo do namoro, começamos a namorar

16 anos atrás, depois foi sumindo... Não era necessário, e hoje é menos ainda. Só assim 'ah quero ver como que faz massagem', não sei fazer, aí tem que buscar no site de pornografia como que faz massagem, aí tudo bem. Mas é isso. Ela não vê muito também, não vê nada, então... É bem tranquilo.

E: Então a pornografia atualmente na sua vida preenche um lugar mais de tutorial?

L: É, e eu diria que nem é, assim, aconteceu uma vez nos últimos anos. Então nem dá pra dizer que é 'nossa, busca tudo e serve pra tudo', não. E coisas muito específicas. Se ela quiser ser amarrada, por exemplo, não sei fazer, tem em algum lugar. A pornografia no mainstream, o acesso é muito rápido, muito fácil, você consegue saber qualquer coisa muito fácil. Acho que isso é um problema, mas é também, pra muita gente, um escape, né? Um lugar fácil.

E: Então, você acha que a pornografia já interferiu negativamente em algum aspecto da sua vida?

L: Não, não porque eu não tive isso pra mim, tendeu? Não foi um presente na minha vida, nenhuma... em nenhum momento, talvez na adolescência assim, posso dizer que... Nem... ah você não sabe o que fazer pra calar os hormônios, aí você vai ver algum filme, vai ver televisão, um negócio bem... softporn, que é o que tinha quando eu tinha a sua idade, quantos anos você tem? 22?

E: 21.

L: 21. Quando eu tinha catorze anos não tinha internet. Tinha internet, não tinha isso ainda, então o acesso era outra coisa. Tinha que comprar uma revista, ir numa loja, e meus pais nunca foram pais... tipo... tipo... que incentivam essas coisas. Eu não tinha, meu pai teve quatro meninos, minha mãe teve dois, a gente nunca foi incentivado à pornografia, à prostituição, nada disso, apesar de conviver com isso com os amigos, os amigos eram levados aos prostíbulos pelos pais, pelos tios, que seja... A gente nunca foi... pra gente isso era muito... muito... anormal. Nossa relação de vida. Nossa criação foi muito tranquila em relação ao sexo, às descobertas, enfim. Óbvio que existiam tabus ali... sempre existem, mas sempre foram quebrados e superados, basicamente.

E: Seus pais conversavam com você e seus irmãos sobre sexo de uma maneira aberta?

L: Não, não conversavam sobre sexo, mas sempre que aparecia o assunto, ele era tratado de maneira tranquila. Nunca foi 'não, cê não pode falar isso', nunca foi isso. Foi sempre um 'ah não, olha, isso é legal, fala disso, disso e disso'.

E: E você acha que ter assistido pornografia, mesmo que essas poucas vezes, acabou influenciando na forma que você se relacionou com mulheres ao longo da sua vida?

L: Nem um pouco. Em nenhum momento. Não, porque... não teve, tendeu? Não foi assim também, relações, não foi via pornografia que eu tive... que eu tive... conhecimento sobre a vida sexual. Não foi por esse caminho. Eu não... eu já não partir... inicie a vida sexual muito tarde, sem... nenhum tipo de pressão, nunca foi um problema pra mim ter iniciado tarde. (pausa) Com quem eu tive a primeira relação foi uma pessoa muito legal... nem sabia também que eu nunca tinha tido nada, enfim... todas as parceiras que eu tive foram muito... companheiras, nunca, nunca... nunca... fui... a prostituição, nunca procurei esse tipo de coisa, então sei lá, nunca tive esse tipo de coisa... Poderia dizer que eu não... eu não... apesar de viver nesse mundo e saber o que são essas coisas, e como elas interferem... eu sei que também há como não ser assim... que há alternativa... e eu sou um exemplo... é possível... sempre há pessoas que não consomem isso, que entendam os problemas que... que traz... e também tem... tem... o que envolve, uma pessoa se... participar disso, não... não é um objeto, é uma pessoa. Precisa talvez de um motivo... tudo isso tá dentro da maneira como.... eu fui criado e como eu construí a minha... minha maneira de ver o mundo. Isso importa também, para isso não fazer nenhum efeito na minha vida. Eu posso ver o que for, que não vai fazer efeito nenhum na minha vida, que aquilo não me traz prazer nenhum.

E: E você falou que você e sua esposa são muito abertos em relação à pornografia. Além da sua esposa, você conversa com mais alguém sobre esses assuntos?

L: Ah, várias pessoas. Converso com meus amigos, minhas amigas, com todo mundo. Basicamente, apareceu o tema a gente conversa mas não é um tema... não é um tema que aparece de conversa, pelo menos não no meu círculo de amizade. Com as minhas cunhadas, toda hora aparece o tema de alguma maneira ou de outra... e a

gente é muito... A gente não conversa muito... abertamente com as minhas... com as filhas, aqui em casa. Mas... outras pessoas conversam. A minha cunhada conversa, aí minha esposa conversa, e eu toco no tema, mas não é uma coisa... eu acho que... pra essa geração, é muito... isso é muito violento né, o sexo. Justamente por conta da pornografia. Se você começa a colocar... Forçar muito a barra, eles não vão entender o que você quer dizer, e tudo mais. Então a gente dilui bastante o... o assunto, bastante mesmo. Ó, você tá namorando aí, minha cunhada conversa com minha filha, minha mulher, eu vou lá conversar, falar pra se cuidar, existe aquilo, tô aqui pra você não importa o que for, e... e a pornografia também não tá na nossa... Assim, eu sei... que tudo hoje tá basicamente muito porno... pornificado, não sei a palavra exata, mas é tudo, TikTok é isso. Bando de gente que tá ali... procurando em algum momento, ligar aquilo no sexo. Tem... tem uma... um componente aí muito... muito... explícito. E a gente conversa com elas, 'olha, não fica nisso, toma cuidado, as pessoas não são quem você pensa que são, a pessoa não é legal' e tudo mais. Agora, a gente também não impõe muita... a gente não tem um... a... um perfil da imposição sem elas raciocinarem, sabe? Sem elas terem um... um pensamento crítico sobre aquilo que estão fazendo. Obviamente que não é sobre pornografia, são menores de idade e não tem nenhum cabimento você apresentar isso, 'ó isso aqui é feio'. Mas a... tá sempre de olho se estão... tendo acesso, e sempre trazendo o assunto da maneira mais leve possível. É como a gente tenta.

E: Parece um bom jeito de lidar com o assunto.

L: Então, basicamente, são essas as coisas que a gente tem aqui em casa.

E: Acho muito interessante o jeito que você lidou com a sexualidade. Essas eram as perguntas que eu tinha para te fazer, então fica um espaço para você falar algo a mais se quiser.

L: Se tiver alguma curiosidade, ou alguma dúvida também, por favor. Saber como... sei lá. Na verdade, eu não sei como exatamente se deu essa minha... a minha, não posso falar dos meus irmãos, mas a minha relação com... Com esse mundo. Ela foi... ela não aconteceu basicamente. Foi mais não acontecer, podia ter acontecido, poderia ter sido o oposto, mas não, não aconteceu. Quando... nunca houve pressão para que eu... enfim... tivesse uma namorada, tivesse a primeira relação sexual, para que eu

beijasse... Não havia essa pressão no meu convívio social... os meus amigos faziam pressão nos outros, em mim não. Não sei, talvez achassem que eu já fiz, não pegavam no meu pé, mas nunca... nunca me falaram nada, nunca me encheram o saco, nunca perguntaram se tinha ou não tinha feito, se tinha gostado ou não tinha gostado, nunca. Nunca fui um alvo das pessoas. Talvez isso tenha sido uma proteção pra mim também, de eu não ter ido atrás, de eu não ter me encucado, de eu não ter virado um... um maluco qualquer, sei lá. E quando aconteceu, aconteceu normalmente... Sem pressão, sem nada, com muitas dúvidas, muitos problemas (risos). Enfim, eu tinha sua idade, basicamente. Então, imagine. Hoje em dia já é diferente. Eu tinha amigas que já tinham tido a relação com 12 anos, para ter ideia. Outras amigas grávidas na escola. E eu com 21 anos (risos). Não é normal, não é o normal pra minha geração, alguém transar com 21 anos a primeira vez, nada normal, absolutamente. Mas acho que isso foi até bom, pelo contrário, foi até bom ter sido desse jeito, porque não tinha... não tinha... nenhuma pressão, nenhuma... imposição de ninguém para que acontecesse, nenhum maluco atrás de mim, nenhum tio velho, nojento, falando 'é, não sei o que, precisa comer todo mundo'. Esse tipo de coisa não teve na minha vida, então, tive sorte. Mas também é um bom exemplo que é possível, não é um negócio impossível, é muito possível, completamente possível, é só as pessoas não serem escrotas (risos). Acho que é isso

Entrevista 9. M. Realizada pela plataforma Meets, dia 03/02/2022, às 21h20

Entrevistadora: Queria agradecer de novo por você ter topado, e ressaltar que é para ser uma conversa tranquila entre a gente, então se você não quiser responder algo, se quiser sair no meio, não tem nenhum problema, é para você se sentir confortável.

M: Sem problema!

E: Queria começar perguntando como que sua relação com a pornografia começou.

M: Tá. Eu não sou tão novo, né, já to com... vou fazer 37, né, então... quando eu tive contato com esse tipo de conteúdo, era mais difícil de ter, né, era bem mais complexo que hoje, que tem na internet e qualquer um acessa, né. Na época, quando eu era jovem, lá na década de 90, era por fita de vídeo, esse tipo de coisa que... que se tinha contato, então, depois mais perto dos anos 2000 ali, já tinha em bancas, né, tinha nas bancas CDs e tal, esse tipo de coisa, com esse tipo de conteúdo. Os primeiros contatos foram dentro de casa, pelo meu irmão que é mais velho que eu, 5 anos mais velho que eu, e ele tinha... uma ou duas, não ele tinha umas duas fitas gravadas que ele tinha pirateado na época que tinha dentro de casa, e era isso. Era essa.. essa fita eu devia ter o que, uns... uns 12 ou 13 anos, que eu vi né, mas não era... eu vi, mas não era uma coisa que eu tinha acesso né, eu não podia ficar... eu vi, tinha aquela situação ali, via algumas cenas esparsas, não vi o filme inteiro, porque meu irmão também não deixava eu ficar vendo essas coisas, via de relance, né, mas contato, contato mesmo, foi mais velho, já com uns... sempre mais próximo... uns 14 anos, que começou a ter esses CDs de banca né?

E: E como é essa relação atualmente? Você consome pornografia?

M: Então... hoje... muito pouco, né, muito pouco, né, não tem... não é uma coisa que faz parte da minha... da minha vida assim, né. Não... não tenho muita... vamos botar assim... tenho esposa, namorada, esse tipo de coisa, então não tenho muita necessidade de ficar consumindo esse tipo de coisa. Quando... eu tenho uma... aí é um problema de caráter humanístico, né, eu não consigo... é muito difícil pra mim, né... ter uma... percepção saudável de pornografia, né, no sentido geral, porque... Pelo caráter, né, de... de desumanização das mulheres principalmente, de tratar como objeto, esse tipo de coisa não... não me faz... me faz mal, né. (pausa) Não que eu

não tenha... vamo botar, atração por material erótico, né, que é uma coisa diferente, né, mas... eu tenho a ver a pornografia em si como algo muito mecânico, né, sobretudo. Tem algumas variantes mais modernas, sobretudo... material que é produzido por mulheres que é um pouquinho melhor, não sei se tu já viu né, tenho até umas amigas que trabalham com isso, que comentaram, viram um ou outro material desse sentido, que ele é muito... claro, ainda é uma encenação, são atores né, mas... ele tem... trata um pouco mais de respeito principalmente às pessoas que tão ali, não é... subjugada, né, tem... se estabelece alguns, tentam nos demonstrar algum tipo de vínculo afetivo entre as pessoas que tão ali, que é uma coisa que é menos agressiva pra mim, mas mesmo assim não tenho esse hábito.

E: E já teve época na sua vida que você tinha o hábito?

M: Sim, sem dúvida. Pós internet, né, ali, deixa eu pega, 2000... e, deixa eu pegar aqui, 2000... Depois que eu comecei a ter internet... discada, internet discada era horrível, porque pra carregar uma foto levava um século (risos), então não funcionava. Mas depois de 2004, talvez, 2005, começou a ter internet a cabo, né, a 2010, por aí, com frequência bem alta assim, 6, 7 anos.

E: E você lembra o que você buscava na pornografia?

M: Hum... (pausa) Que que eu buscava... (pausa)... Era meio que como um... um gatilho, vou botar assim, como uma espécie de gatilho erótico, né, era mais nesse sentido que qualquer outra coisa assim. Eu nunca de fato fantasiei muito com aquele ambiente, assim, eu sei que tem gente que... meio que se coloca na posição das pessoas, criam um imaginário em relação a isso, eu nunca tive esse tipo de coisa, pra mim foi muito mais um gatilho erótico do que qualquer outra coisas. Por isso também, talvez, não foi tão difícil me livrar, assim, me afastar com alguma frequência.

E: E você sente que a pornografia já influenciou negativamente na sua vida?

M: Hum... Sim... eu acho que sim. Eu acho que sim. A... inevitavelmente, por mais que eu tenha... quando comecei a ter mais contato com esse tipo de material, eu já era mais velho, já tinha mais de 18;... é 17, 18, com mais intensidade. O contato foi anterior, mas a intensidade foi por aí, 17, 18... E por mais que aquilo... Saiba que aquilo não é exatamente real, aquilo te dá algumas construções imagéticas de como

é que deveriam ser as coisas, e como é que deveria ser o... um relacionamento sexual, ou até mesmo aquelas posições mirabolantes, que não são exequíveis, né, a não ser que a pessoa tenha muito... Não é agradável pra ninguém né, (risos) talvez na câmera seja interessante pra filmar, mas não é agradável pra ninguém, não é estimulante pra mulher, e em geral é muito cansativo pro homem, então não é agradável pra ninguém. Mas, ah, será que se eu tentar... e aí, claro, inevitavelmente tu tenta, e se frustra, de várias formas, porque não funciona, porque aquilo lá não é real, é uma encenação, então nesse sentido sim... Me... me fez mal, né, e principalmente quando eu comecei a ter acesso a muito conteúdo, né, aí eu gastava muito tempo com esse tipo de coisa, sobretudo no início, que eu peguei aquele período de 17, 18 anos, que de certa forma é uma adolescência, a adolescência vai até 20 e poucos anos, você ainda tá num processo ainda de transição hormonal também, aí tem esse hiper estímulo, e... de fato, dá uma... que nem o pessoal fala, acessar muito tipo de conteúdo mesmo que embrutece, te deixa meio estúpido assim, eu sinto que eu fiquei meio retardado naquele momento, por um período, pelo menos (risos).

E: E influência positiva, você acha que teve?

M: Positiva... olha... eu não saberia te dizer se teve algo positivo... porque... porque mesmo quando a gente vai pensar 'ah sei lá, me desinibiu pra lidar com a sexualidade' e tal, poderia ser alguma coisa, mas esse tipo de coisa eu só consegui ter de fato um... me desinibir sexualmente falando com parceiras, não com... né, com parceiras, não, eu namoro há muito tempo com a mesma pessoa, já vão fazer... já faz 20, vai fazer 21 anos esse ano, faz muito tempo que eu namoro com a mesma pessoa, então... o que me fez desinibir sexualmente foi minha relação com ela, enfim, de experimentar coisas, tentar coisas, esse tipo de coisa que foi me desinibindo sexualmente falando... poderia ser alguma coisa que a pornografia poderia gerar, mas de resto... não gerou muita coisa... Não posso dizer que gerou tanta coisa negativa hoje assim, mas positiva não creio que tenha gerado grande coisa não.

E: E você sente que a pornografia influenciou de alguma forma na sua relação com a sua parceira?

M: Inicialmente sim. É... no sentido de tentar coisas, experimentar coisas e tal, e nada funcionou muito bem, né... Sim, né, mas... Hoje, não. No atual contexto, nada. Porque... pelo menos a premissa... a gente vai... relacionamento envolve diálogo, né, então a gente vai conversando, vendo o que que gosta, o que que não gosta, como as coisas funcionam, e aí vai se desenrolando nesse processo... os limites da... até onde se vai, o que se faz, enfim, né, o que é interessante pra ambos os lados, então... E tudo isso, né, é muito distante daquilo que é vendido dentro desse universo pornográfico, por isso que... não agrega nada nesse aspecto né, porque tem um distanciamento muito grande entre o universo real, aquilo que é factível e prazeroso, e daquilo que é cinematograficamente interessante pra produtora de vídeo.

E: E você conversa abertamente sobre pornografia com alguém?

M: Ah, assim, eu não tenho por hábito ficar dialogando, conversando, sobre esse tipo de assunto, mas eu tenho grupos de WhatsApp, de amigos, sobretudo de amigos de colégio, então inevitavelmente surge coisas do gênero. É comum, principalmente no universo masculino, é muito comum ter esse tipo de coisa, e mandam conteúdo, mandam vídeos, mandam foto... Ou meme, com alguma mulher de algum jeito estranho, então sempre aparece alguma coisa do gênero, né, então tem esse... Mas não é uma coisa que é dialogada, existe muito esse compartilhamento dentro do... principalmente com... esses colegas de colégio, né, esses colegas de colégio tem muitos aí, seguimos caminhos diversos, né, tem o grupinho lá dos meninos e pinta essas coisas aí.

E: Essas eram as perguntas que eu tinha para te fazer, e agora queria deixar um espaço caso você queira acrescentar alguma coisa.

M: Deixa eu ver... Se tu quiser perguntar alguma outra coisa, fica à vontade. Se quiser fazer algum outro questionamento, fica bem à vontade. Assim, do meu ponto de vista, né, em relação a esse universo da pornografia, é uma coisa que eu venho refletindo já há um bom tempo né, até porque eu sou professor de... em escolas aqui onde eu moro, e... É uma coisa que sempre... que tem me assutado muito, né, é justamente essa... esse consumo excessivo, né... e... Claro que tem essa questão do vício em pornografia que a gente sabe que tem hoje, principalmente por parte dos meninos, né, mas... das consequências disso em relação a principalmente a objetificação, né, das

meninas. Porque... a pornografia, ela... quando a gente leva ela a sério, principalmente o homem leva aquilo lá a sério, ela... a construção toda desse universo, ela é pra trazer prazer pro homem, basicamente é isso que tá ali. Sabe, que... mulher envolve... não só uma construção do ambiente, mas também estímulo clitoriano que não ocorre dentro de 99% das posições que aparecem no vídeo. Em geral, só tem estímulo no pênis masculino, né. E... Só que os meninos, né, quando veem esse tipo de coisa, eles acreditam que aquilo é a forma correta de fazer sexo, né, e isso acaba gerando de um lado um certo embrutecimento em relação a isso, e de outro uma falta de empatia, né, coma própria menina, e isso me preocupa profundamente, porque... A gente já vive num ambiente sobretudo de redes sociais e tudo mais, que essa empatia já é um pouco... pulverizada, porque a gente já não tá em contatos pessoais, as pessoas já... Se agridem facilmente, por causa das redes sociais, então essa questão de se colocar no lugar do outro no ambiente virtual já é um pouco mais difícil; E ainda tu tem um agravante de uma iniciação sexual a partir de um produto... dum vídeo, de um produto comercial, né, que em última instância não é pra dizer como se deve fazer ou não fazer sexo, mas é um produto, né, pra vender, é um entretenimento, né. A pessoa tomar um entretenimento como verdade é uma coisa meio... complicada, né, triste, até, porque leva a uma série de construções muito equivocada... Acredito que parte dessas construções tem até agressões a mulher, essa ideia de posse, a mulher como objeto e tudo mais.. E em algum momento passa por isso também, claro que não dá pra colocar toda a culpa em cima da pornografia, aí já é demais, mas ela tem seu percentual de culpa ali, então isso é uma coisa que me... preocupa, sobretudo com os meninos, né, jovens, que consomem muito. Aí sim, porque agora tem um monte de site gratuito, aí consomem muito mesmo.

E: Você comentou que você é professor. Algo que tem, aparecido muito é sobre o TikTok com adolescentes, e um caráter mais erotizado. Você que houve mudança nos seus alunos, depois do TikTok?

M: Assim, uma coisa que tem ocorrido já há um bom tempo, né, é a hiperssexualização infantil. Isso tem ocorrido de diversas formas, né, e isso é um jogo de mão dupla. Ao mesmo tempo em que... as crianças, falo crianças de 10, 11, 12, 13 anos, crianças mesmo, são cada vez mais, vamos colocar assim, não só se comportam, mas também

se vestem como pequenos adultos, tanto na vestimenta, maquiagens, mas de outro lado tem também adultos que erotizam as crianças, né, a gente chama isso de pedofilia né, mas quando a pessoa só faz um elogio, mas não faz nenhum outro ato, é considerado normal, falar que uma menina tá muito bonita, que uma criança de 11 anos tá muito bonito, que não sei o que, faz alguns elogios né, contendo pouca... pra não ser taxado de pedófilo, mas no final... principalmente homem que é pedófilo, e fica erotizando com essas crianças, e isso tem uma tendência a se normalizar. E isso é bem, bem complicado, e claro que as redes sociais contribuem em alguma medida pra isso... Tem o caso clássico da MCMelody, que é exatamente isso, uma menina de acho que 12, 13 anos e é impossível tu dar 12, 13 anos, olhando a foto das redes sociais ou TikTok dela, porque ela não se veste como... como uma criança, né, é uma mini adulta, o pessoal dá 20 anos fácil pra ela. E esse tipo de coisa das crianças buscarem parecer mais velhas, e os homens, né, mais velhos, olharem pras crianças parecendo mais velhas com normalidade, e com desejo, é uma coisa que... Os dois lados que tão convergindo pra uma situação meio desastrosa, né, porque por mais que uma crianças... se espelhe nesses TikTokers, Youtubers e tal, e comece a ter esse comportamento, tem uma distância entre aquilo que ela tá se propondo ali, e as consequências daquilo... E aí começa a ter, até aqui na cidade, teve alguns casos de pedofilia mesmo, com alguns professores daqui, que foram acusados... E os casos de pedofilia surgiram depois que essas meninas entraram na faculdade, porque aí claro, elas começaram a estudar, começaram a ter contato com essa discussão, e ressignificaram aquilo que elas passaram quando eram jovens, porque elas se deram conta que não tinham maturidade pra tomar determinadas decisões, ou pra... coibir o comportamento daquele adulto que tav alá, de forma lasciva com elas, e... não tinham força pra fazer isso, né. E o cara se aproveitou, tinha poder e se aproveitou. E isso é muito triste, e a gente tá criando, me parece, um caminho, para que essas pessoas, pedófilos, né, de plantão, ganhem força, eles tem um terreno fértil, porque tu tem meninas, né, com discurso... hipersexualizado, né, um comportamento hipersexualizado, e esses caras, com essa índole toda torta, achando essas meninas, e... Tem até uma situação que eu posso descrever, de meninas nessa faixa de idade, 12 anos, saindo com caras de 25, 26 anos, sabe, e os próprios pais acham normal, outra coisa também que não faz o menor sentido pra mim, como o pai acha normal um negócio desses. A menina claramente não tem capacidade de... maturidade, né, isso vem com o tempo, não é uma deficiência, envolve tempo,

experiência de vida... e ninguém se choca, não é um moralismo desse tipo 'ah, não pode'. Claro que as pessoas podem, mas pra se decidir relacionar com uma pessoa, sobretudo ter um relacionamento sexual pra alguém, com alguém mais velho, é porque quando são duas pessoas jovens, eles tão aprendendo juntos, são duas pessoas imaturas aprendendo juntas, só tem que ter cuidado pra não engravidar e não tem problema (risos). Agora uma pessoa adulta, madura, tem outra consciência daquilo que tá fazendo, com outra que não tem... tem um problema meio sério aí. Cê pega uma pessoa de 26, 27, 30 anos, e uma criança na faixa dos 12, 13 anos, não tem como, não fecha a conta, né. É uma pessoa que tá aprendendo a vida, tá se desenvolvendo, e acaba tendo esse tipo de coisa, né. Minha percepção é que passa um pouco por essas influências, que os jovens tem de... sobretudo em redes sociais né? TikTok, e isso leva também a um outro fato, que muita criança... tem uma sobrinha minha que tá nessa faixa etária, tá com... 14 agora, e ela comenta... mais da metade das meninas da turma dela não são virgens. E isso ela falava quando ela tinha 12, agora a grande maioria da turma dela, sei lá, são... uma turma de mais ou menos 16, 17 meninas, tem 3 que são virgens, e... Claro, não é um problema em si isso, mas pe com quem ela... como é que isso está acontecendo, porque isso está acontecendo, qual é a razão que está levando elas a perder a virgindade e tudo mais. Em parte é por essa hiperexposição a material... não só pornografia, mas esses materiais que hiperssexualizam as pessoas, as mulheres principalmente. Até filme. Porque tudo tem sexo, né (risos) ultimamente, e isso é um... me parece um ponto... sobretudo um material que eles acabam assistindo, vendo, e... as próprias redes sociais, filmes, séries... Tá difícil a coisa (riso) Pra quem é professor, assusta um pouco, pelo volume, né. (pausa) E sempre tenho essa premissa, sobretudo, se é consentido a gente não tem que se meter muito na vida dos outros, não tem o que é certo, o que é errado, mas é um pouco... As coisas me incomodam quando elas viram moda, ainda mais quando a gente tá falando em questões relacionadas ao corpo. Então quando vira moda perder virgindade jovem, isso é um problema, porque isso não tem que ser moda, tem que ser uma decisão da pessoa, algo que parta do desejo e da reflexão da pessoa, não tem que ser uma coisa que porque os outros estão fazendo eu tenho que fazer também. E eu acho que a gente tá vivendo num momento que as coisas tem caminhado nesse sentido. Que aí sim é perverso, né, porque aí cê tá caindo numa cultura que inclusive favorece... se a lógica, o legal, é perder a virgindade, do menino ou da menina, tanto faz, muito cedo, isso abre precedente pra inclusive abusadores,

porque se a menina quer perder a virgindade, ela quer perder a virgindade com alguém experiente, que sabe como é que faz, e começa a criar imaginários e concepções completamente distorcidas. E aí entra o discurso, por exemplo, um aliciador de menores, um pedófilo, encontra terreno fértil pra exercer a sua... a sua... né, a sua distorção moral. Como professor, eu tento conversar com a gurizada, eu dou aula de sociologia, tenho espaço pra isso. Mas... é sempre muito delicado, né, e é uma coisa que, infelizmente, a gente tem um... aí sim, tem a ver com moralismo da sociedade, de ver esse tipo de debate como algo complicado, né, e aí não se debate em casa, e aí que gera todo o problema, porque isso é o tipo de coisa que tem que discutir com uma certa naturalidade, não pode também colocar a coisa num pedestal e não falar sobre ela, e é raríssimo os pais que falam sobre esse tipo de assunto. Só que se não fala, qual a referência que eles têm? Aí a referência acaba sendo a pornografia, acaba sendo esse monte de coisa, porque ninguém falou pra eles que aquilo não é real, não é factual, que aquilo lá não existe. Que aquele universo é pra ser vendido, não é um universo que existe de fato; e aí eles se frustram. Eu vi uma pesquisa recente dos jovens agora, têm um alto índice de... impotência por consumo de pornografia, justamente por causa disso, eles entram naquele universo ficcional da pornografia, e aí vai pra uma relação real e não funciona, porque não é aquilo lá. A mulher não vai atirar a roupa... não existe isso, aquilo lá é um... Os enredos de pornografia, isso é uma coisa que eu gosto de assistir, porque é muito engraçado (risos) são uns enredos muito estúpidos né, sempre o cara da pizza, o encanador, é muito engraçado. Sempre umas coisas insana, a mulher nunca tem nada pra fazer, aquelas indiretas ultra diretas, é muito engraçado.

Entrevista 10. G. Realizada pela plataforma Meets, dia 04/02/2022, às 14h30

Entrevistadora: Queria agradecer por você ter topado, e se você não quiser responder alguma pergunta, fique à vontade. Se você se sentir desconfortável, quiser parar no meio, faça como for melhor para você.

G: Tá ótimo.

E: Queria começar perguntando quando e como foi que a sua relação com a pornografia começou.

G: Acho que na adolescência, lá pelos 13 anos... 13, 12, é... assim, como... na nossa cultura o homem é sempre bombardeado, né, por pornografias desde cedo, essa coisa de mostra pra ele, então assim, acesso à Playboy, essas coisas, eu sempre tive porque meus amigos tinham. Eu tinha amigo que com 9 anos tinha assinatura da Playboy, então levava na escola pra mostrar escondido pros amiguinhos.

(internet caiu)

E: Desculpe, minha internet caiu.

G: Fica tranquila, a gente se acostumou depois de um tempo (risos)

E: Com certeza, então vamos continuar? Você tava falando que seus amigos levavam as Playboys pra escola.

G: Isso, mas por conta mesmo, por interesse mesmo, foi lá pelos 12, 13 anos.

E: Como foi a relação com a pornografia, tipo, era online? Como você decidiu começar a assistir?

G: Ah, acho que foi mais por descobertas do corpo, né, aquela coisa tipo do homem, da masturbação, de ver mulher pelada, né, coisa legal e tal, e aí foi indo, e... a internet naquela época ainda era um pouco difícil, não era tão escancarado quanto hoje em dia, até porque ainda tinha muita internet discada, então demorava um tempo até conseguir ver qualquer coisa, então era mais na TV mesmo, a Band de madrugada, aqueles filmes da Emanuelle, e TV por assinatura, de madrugada tinha bastante, naquela época era mais fácil o acesso na TV por assinatura.

E: E como é sua relação com a pornografia atualmente?

G: Pouco. Não vou dizer que não, que eu não assisto nada, mas no contexto geral é bem mais tranquilo, vejo uma vez ou outra quando não vejo muito minha namorada, minha noiva, e ela sabe que eu vejo, e ela também vê, a gente tem uma relação bem aberta nesse sentido da masturbação.

E: E o que você busca na pornografia quando você assiste?

G: Em relação a vídeo, nada demais, quando eu vejo eu vejo bem os clássicos mesmo, só casal mesmo no ato sexual. Antigamente eu gostava bastante de casal lésbico, né, fetiche de adolescência...mas hoje em dia não me interessa tanto. Agora, a sensação é mais pra... como é que eu posso dizer... mais pra desestressar às vezes de uma semana longa, uma semana cansativa. “Ah, vou (pausa) bater uma ali” e pronto, sabe? Um pouco a noite, quando eu vejo que to com bastante dificuldade pra dormir, mas é uma coisa bem rápida, bem simples mesmo. É bem válvula de escape. Tenho plena consciência que é válvula de escape.

E: E você sente que a pornografia já teve alguma influência negativa na sua vida?

G: Ah, já. Já. (pausa) Um pouco porque, acho que mais pela questão de performance, né, de eu me cobrar ser... de eu me cobrar performar tanto quanto os caras do vídeo, não é nem de ter o fetiche de ter a mulher ali fazendo o que as atrizes pornô fazem, mas é mais por comparar a performance que eu tinha com relação aos vídeos, pô eu tenho que ser igual esse cara, pô, eu tenho que ter um pau igual esse cara, eu tenho que não sei o que, igual nesse vídeo. Então durante o tempo afetou nesse sentido da autoimagem.

E: E influência positiva?

G: Ah... (pausa) Acho que na questão de ter ideias do que fazer. Mas só. Porque é isso, uma coisa é tá no vídeo, outra coisa é fazer real, mas... Falo “Ah, vi um dia tal coisa num vídeo, vamo testar, vamo tentar?” mas só. Se dava certo ou não, pelo menos valia a tentativa.

E: E você sente que a pornografia já influenciou na visão que você tem ou já teve das suas parceiras?

G: Não, nesse sentido não. É como eu falei, influenciou muito mais na minha imagem do que na imagem do outro. Nesse sentido nunca foi tipo “po, ela não faz aquilo que aquela atriz faz”. Isso na verdade não.

E: E você comentou que você e sua namorada conversam sobre pornografia. Além dela, tem mais alguém com quem você converse sobre esse assunto?

G: Não... não... Quando a gente era moleque, só, mas hoje em dia não.

E: Mas tem algum motivo específico para isso ou é um assunto que não aparece mesmo?

G: É, é um assunto que não aparece, a não ser zoando, tipo “Ah, tá com celular cheio, tem que baixar os pornôs no computador”, mas de chegar e ficar falando de tal vídeo, tal coisa ou influências, nunca foi pauta, que eu me lembre né, nunca chegou a ser pauta de conversa com amigos. Nem grupo de, nem o famoso grupo de putaria a gente tem, ou eu tenho pelo menos.

E: Essas eram as perguntas que eu tinha para te fazer, queria deixar esse espaço agora para caso você queira falar alguma coisa que eu possa não ter perguntado.

G: Ah, acho que não, eu espero ter ajudado, que as respostas tenham sido úteis. É um assunto muito interessante esse da pornografia né, eu tenho dois pacientes que tem obsessão por pornografia, que tem um vício... o vício deles é a pornografia e é uma coisa bem difícil de tratar. É complicado isso. Então é um assunto que me interessa bastante, além de ter toda a questão da indústria pornográfica, tudo que... não é tão correta assim, então espero ter ajudado.

Entrevista 11. P. Realizada pela plataforma Meets, dia 04/02/2022, às 15h00

Entrevistadora: Obrigada por estar aqui, ter topado. Antes da gente começar, quero ressaltar que se você não quiser responder algo, parar no meio, fique à vontade. Vamos começar. Como foi que sua relação com a pornografia começou?

P: Acho que, o primeiro contato que eu lembro de ter tido com a pornografia, acho que eu devia ter uns 9 pra 10 anos, foi bem cedo, eu tinha um primo mais velho, e tinha ido passar a tarde na casa dele, e a mãe dele saiu pra comprar alguma coisa pra lanchar, ele echamou um vizinho. Aí eles acessaram, e me chamaram pra ver, aí eu vi. Esse foi o primeiro contato que eu lembro de ter tido. Aí acho que depois disso, fiquei um tempo sem ter nenhum contato, né, que sei lá, por mim acho que era criança, e aí depois disso, foi quando eu ganhei um celular. Nesse tempo eu não tinha celular, aí depois que eu ganhei o celular, eu não sei como, mas em algum momento eu acabei voltando a ver esse tipo de conteúdo. A partir disso eu comecei a ter mais... um contato mais... prolongado, sabe? Esse tipo de coisa.

E: E é uma relação que você tem hoje em dia também?

P: Cara, hoje em dia eu não tenho mais contato com pornografia, tipo assim, eu to há... já faz tempo que eu tenho tentado me livrar disso que eu entendo como um vício pra mim, e faz uns anos que eu me toquei que era um vício, e durante o processo a gente sempre tem várias recaídas, acho que isso é comum, mas eu já to há um mês, mais de um mês, sem contato nenhum, e to... To indo bem (risos) Tá bem mais interessante.

E: Parabéns! E tinha algum objetivo específico na pornografia?

P: Tá... Quando... Buscava assistir pornografia quando eu tinha um momento à sós, certo, então tipo assim... Durante o dia, é muito comum eu ficar sozinho aqui em casa, então... Muitas das vezes que eu ficava sozinho, eu sentia aquele momento como 'eu posso ter esse momento só pra mim, ninguém vai me atrapalhar, e eu posso fazer o que eu quiser'. E aí eu buscava... mais pro começo devo ter buscado pela sensação de prazer que traz, no ato da masturbação, e não com o vídeo em si. No meu caso, o vídeo ele vinha pra complementar, uma coisa tava associada a outra, mas o que eu buscava mesmo era o prazer. Acho que, tipo assim, eu sou o tipo de cara que gostava

de assistir uma pornografia mais romantizada, uma parada mais tipo casal, sabe, onde eu conseguia sentir que tinha um certo sentimento ali naquela situação. E aí, esses eram o tipo de vídeos que eu buscava, acho que eu buscava muito vídeo caseiro, onde eu podia ver que eram pessoas mais reais, uma parada mais próxima da realidade, não aquela coisa muito sexualizada, forçada. Então, acho que esse era mesmo o tipo de conteúdo que eu mais procurava assistir.

E: E você acha que a pornografia já teve alguma influência negativa na sua vida?

P: Cara... Sim, sim. Tipo, depois que eu percebi que isso era um vício pra mim, tipo assim. Acho que você deve saber que existe o NoFap September, que acontece durante setembro, e as pessoas evitam a pornografia, masturbação, essas coisas. E aí, teve um ano que eu resolvi participar, e aí concluí os trinta dias, e aí eu pensei 'poxa, eu consigo ficar mais tempo sem isso, não preciso disso' e aí, depois de alguns dias, eu parei e pensei 'ah, por que não voltar?'. E aí eu voltei para aquilo, sabe, eu não tinha muita ideia de que aquilo era um problema pra mim. E depois eu pensei 'poxa, talvez isso não seja uma coisa tão legal', e aí numa conversa que eu tive com uma amiga, ela me falou sobre os problemas que a indústria pornográfica traz pra sociedade, e aí eu fui atrás de pesquisar sobre o assunto, e aí eu parei pra refletir sobre o problema da pornografia em si, da questão de problema social mesmo, e não os problemas que poderia trazer pra mim, pessoalmente. Depois disso, eu entrei em um grupo no Facebook, que tinha o intuito de ajudar as pessoas a parar com o vício, e explicar os malefícios provocados pelo mesmo. E aí eu comecei a me tocar e perceber que aquilo me trazia problemas, e aí foi quando eu comecei a perceber que aquilo era um vício e eu tinha dificuldade de parar com aquilo, tipo acho que o momento que caiu a ficha pra mim de que era um vício foi quando eu tentei parar e não consegui, e eu sempre voltava. A recaída foi o principal, pra mim foi o principal sinal que aquilo era um problema que eu tinha que tratar. Eu namorei uma garota, nesse tempo eu ainda consumia bastante pornografia, e a gente tinha uma vida sexual ativa, bastante ativa, e a gente não tinha problemas. Só que depois a gente acabou terminando, e a gente voltou a se encontrar novamente depois, e eu tava passando por um processo de... de realmente parar de assistir, parar de ter um contato, e aí a gente acabou voltando a se falar, se envolvendo de novo, e a gente teve uma relação, e essa relação foi horrível, foi péssima, tanto pra ela quanto pra mim, e aí... A gente acabou que não

deu prosseguimento ao nosso relacionamento, e eu me senti horrível com aquela situação, sabe, porque eu sabia que eu tava com um problema que eu tinha que parar de consumir excessivamente e... e isso me atrapalhou, a nossa relação sexual que a gente teve... e pelo fato disso ter se misturado, eu me senti muito mal, fiquei muito ruim algumas semanas depois de ter acontecido isso. Então acho que o momento mais marcante pra mim foi esse.

E: E desde que você começou a parar, você chegou a se relacionar de novo?

P: Não, não. Ela foi a última parceira que eu tive, e depois que eu parei, não tive mais nenhuma relação sexual.

E: Você acha que a pornografia teve alguma influência positiva na sua vida?

P: Acho que isso é (risos) uma pergunta que eu nunca tinha parado pra me fazer, mas acho que a pornografia em si não, talvez a masturbação tenha tido pelo fato do meu autoconhecimento, que hoje em dia eu sei muito bem como me fazer me sentir bem com a masturbação, o prazer, qual a melhor forma que eu posso atingir meu prazer, e tudo mais, acho que tipo a masturbação, mas a pornografia em si eu acho que não, e se sim, eu não saberia dizer.

E: Você acha que a pornografia chegou a influenciar na sua relação com as mulheres?

P: Sim, sim, com certeza. Quando eu era mais novo e tinha um consumo mais assíduo da pornografia, er amuito comum eu sexualizar mulheres com quem eu tinha contato... colegas, primas, e pessoas próximas mesmo. Hoje em dia eu vejo, hoje em dia eu não tenho muito esse tipo de problema, eu não fico mais sexualizando as minhas amigas ou mulheres, eu respeito bem mais, apesar de tipo eu nunca ter tido nenhum ato invasivo contra eles, nunca tentei nada e tals, mas mesmo assim, tipo, só pra mim isso já era muito ruim, já sentia que isso era errado, e aí enfim, hoje em dia eu não sofro mais desse tipo de coisa. Felizmente (risos)

E: E você conversa sobre pornografia com alguém?

P: Então, eu já tive conversas, mas esporadicamente e com pessoas diferentes. Já conversei com amigas sobre esse problema que eu tenho de vício, e já me abri com amigos também, já conversei com eles, tentei aconselhar eles sobre os malefícios e

tudo mais, mas é muito difícil. É muito difícil, porque acho que quando a pessoa não vê isso como um problema e não quer lutar, ela não quer também ouvir que isso é um problema, e aí é difícil encontrar alguém pra conversar sobre isso.

E: E existem amigos seus que tenham esse problema?

P: Sim. Eu conheço amigos que eu consigo ver através das nossas conversas, e das coisas que eles acabam mostrando, que eles tem um possível vício em relação a isso.

E: Eram essas as perguntas que eu tinha para te fazer, se você quiser acrescentar algo fique à vontade.

P: Olha, eu gostaria de agradecer por estar podendo falar sobre isso, porque tipo assim, pra mim, pessoalmente, não tenho com quem falar, como eu já falei pra você, então tipo assim, tá podendo falar e sentir que isso de alguma forma vai se transformar em algo útil, na pesquisa, pra poder se tornar de exemplo pra outras pessoas, é muito satisfatório pra mim. E eu to muito feliz de estar conversando sobre isso, porque eu sinto que eu to num momento que eu to melhorando em relação a essa questão, e eu falo disso com muito orgulho sabe? Eu já passei por começos mais difíceis, onde coisas simples me fizeram voltar a ver, e eu to seguindo, e to muito mais tranquilo hoje em dia com essa questão de ter parado, sabe?